

UFRRJ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/ INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS

CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

DISSERTAÇÃO

**Programa de Estudante-Convenio de Graduação – PEC-G: o que nos dizem as alunas
africanas sobre as universidades públicas do Rio de Janeiro.**

SUELEN PEREIRA ESTEVAM DA SILVA



UFRRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**PROGRAMA DE ESTUDANTE-CONVENIO DE GRADUAÇÃO – PEC-
G: O QUE NOS DIZEM AS ALUNAS AFRICANAS SOBRE AS
UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO RIO DE JANEIRO.**

SUELEN PEREIRA ESTEVAM DA SILVA

Sob a Orientação da Professora Dra.

Joselina da Silva

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ
Fevereiro de 2020

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586p

Silva, Suelen Pereira Estevam da, 1985-
Programa de estudante-convenio de graduação - PEC-G:
o que nos dizem as alunas africanas sobre as
universidades públicas do Rio de Janeiro. / Suelen
Pereira Estevam da Silva. - Seropédica; Nova Iguaçu,
2020.

113 f.: il.

Orientadora: Joselina da Silva.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares, 2020.

1. Estudantes PEC-G. 2. Alunas Africanas. 3.
Racismo Institucional. I. Silva, Joselina da, 1955-,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares III.
Título.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento
de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal
de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES



TERMO N° 322 / 2020 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

N° do Protocolo: 23053.092715/2020-22

Paragólicia-RJ, 09 de outubro de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

JULIEN PEREIRA ESTIVAM DA SILVA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 28/02/2020.

Conferência de deliberação número 061/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação.

Membros da banca:

Joselina da Silva. Dra. UFRJ (Orientadora/Presidente da Banca).

Luiz Fernandes de Oliveira. Dr. UFRJ (Examinador Interno).

Fernanda Falleberto da Silva. Dra. UFRJ (Examinadora Externa ao Programa).

Janaina Damasceno Gomes. Dr. UERJ (Examinadora Externa à Instituição).

(Assinada digitalmente em 06/10/2020 16:51)
FERNANDA FALLEBERTO DA SILVA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Dept./DM (12.28.01.00.00.09)
Matrícula: 1001447

(Assinada digitalmente em 14/10/2020 11:15)
JOSELINA DA SILVA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Dept/EDMSD (12.28.01.00.00.00.22)
Matrícula: 1525135

(Assinada digitalmente em 09/10/2020 16:28)
LUIZ FERNANDES DE OLIVEIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Dept/EDMSD (12.28.01.00.00.00.22)
Matrícula: 1490821

(Assinada digitalmente em 14/10/2020 17:30)
JANAINA DAMASCENO GOMES
ASSISTENTE EXTERNO
CPF: 476.380.029-20

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipeo.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: 322, ano:
2020, tipo: TERMO, data de emissão: 09/10/2020 e o código de verificação: 5F0b3a298b

Dedico esse trabalho a minha família que em dias chuvosos me acolhem, e nos ensolarados vibram comigo. A cada amigo e companheiro de luta para um futuro antirracista.

AGRADECIMENTO

Nenhuma produção humana se faz isoladamente, mas de muitos “eus” que se entrelaçam no processo de “feitura” da história. Por essa razão, agradeço:

A Deus por ter me dado a vida e neste processo de me fortalecer todos os dias, para que eu não passe por ela sem um propósito, e por acima de tudo por permanecer fiel mesmo quando sou infiel (2 Tm 2,13).

Aos meus pais. Minha mãe Dirce, que me ensinou a valorizar a educação e as oportunidades que a vida nos traz, ao meu Pai Arlindo, por ter escolhido me amar como filha e pelos puxões de orelhas. Agradeço a vocês por tudo que me deram, até onde foi possível e que assistiram felizes e apreensivos os meus voos, aos meus irmãos que ouviram as minhas lamúrias e desculpa por não estar presente nas festas e nos aniversários por conta da universidade.

Aos meus sobrinhos: Luiz Felipe, Karolina, Nicolas, Giovana, Davi, Gabriele e Sofia, obrigada por me alegrarem, por me “amarrarem” para eu não voltar para o Rio. Obrigada por me encherem de beijos e de esperança por me reiniciar com seus abraços. Sem o carinho de vocês a vida seria cinza. Obrigada Rodrigo que por vezes, mesmo sem entender, me viu caminhar por essas estradas e me encontrar na educação.

A minha vó Maria Senhora que muito me ensinou com seus braços, me acolheu e seu amor me transbordou. O que seria do meu eu sem você?! A todos dessa família linda que escolheram me amar e isso não tem preço. Amo vocês. Aos presentes que sempre foram pensados para colaborar com a minha estadia na universidade e a minha falta de “grana” (risos).

A minha família materna e à cidade de Cândido Mota (minha querida “terra do nunca” onde até hoje passamos as melhores férias). Meus tios que muito me ensinaram a ter coragem e orgulho de quem somos, de onde viemos e principalmente por não me permitirem perder o sotaque, pois ele me faz ter vocês por perto.

A família que escolhi pertencer: A Haja Hope que por vezes me encheu de esperança e não desistiu de mim. Amiga e parceira, por apontar as minhas falhas e me ensinar que caminhar com Cristo sempre vale a pena.

A minha orientadora, Professora Dra. Joselina da Silva que me lapidou neste processo que foi o mestrado, que me ensinou e me encorajou, me fez lutar e dar meus primeiros voos internacionais. Viu força em mim quando eu mesma não conseguia ver. Corrigiu, orientou, ensinou, apresentou o novo. Uma mulher forte que tenho orgulho e respeito por tê-la em minha trajetória.

Agradeço aos bons novos e velhos amigos, que são refúgios e terras férteis onde posso ser apenas eu. Fabrícia, a minha pessoa nesta trajetória de amores e dissabores. Fabiana que a vida me presenteou com uma amizade, apoio e sabedoria. A Verônica, Jeane e Ivy que mesmo estando em São Paulo se faziam presente, por ouvirem minhas lamurias, por me fazerem rir, por serem vocês. Meninas sou muito grata por tudo.

Aos bons amigos cariocas que fiz nesta cidade por me acolherem com um carinho sem igual, que me fizeram rir em momentos difíceis, pelas noites sem dormir estudando e me apoiando neste processo e assim de forma simples não me deixaram esquecer das minhas origens. Antes mesmo de eu me tornar professora sou fruto dos meus ancestrais. É na minha ligação com a terra que minhas raízes buscam forças para chegar e concluir este mestrado.

As lindas mulheres que aqui partilharam suas vidas e suas experiências, obrigada por me permitir ouvir cada palavra. Aprender com vocês me transformou e renovou minhas forças na luta antirracista. A Vanilza Flora Silvestre e ao professor Sandro Lopes e sua colaboração com o documentário “O Lá e o Aqui” que foram parceiros desse projeto e sou grata a amizade que se iniciou a partir do aqui.

A cada professor, que por mim cruzou e me forjou com o fogo do seu conhecimento, eu pedra bruta, hoje saio lapidada por essas diversas mãos que deixaram suas marcas em mim, e por onde eu passar transbordarei vocês. Agradeço e Agradeço a todos, pois já não sou apenas eu e sim nós.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“Eu sou um monte de constelações, brilhando e ardendo, mas nem todo mundo sabe ver

Ou só vê a parte que arde

Ou só vê a parte que brilha.”

(Ryane Leão)

RESUMO

SILVA, Suelen Pereira Estevam Da. **Programa de Estudante-Convenio de Graduação – PEC-G: o que nos dizem as alunas africanas sobre as universidades públicas do Rio de Janeiro.** 2020. 113p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2020.

Este trabalho se volta a interrogar do continente africano vinculadas ao Programa Estudante – Convenio de Graduação – PEC-G. Abordamos, através de suas falas e olhares o tratamento recebido por elas, no âmbito universitário onde estudam. Nos interessou sobre como são recepcionadas em sua chegada na universidade como o preparo da instituição para este grupo de alunas. Nosso objetivo aqui é identificar como gênero e raça operam na trajetória educacional e escolares de alunas africanas beneficiárias do Programa PEC-G. Utilizamos a metodologia de pesquisa o “*snowball*” ou bola de neve, através de questionário semiaberto, com mulheres negras, africanas, em território brasileiro, em universidades públicas no Rio de Janeiro. O trabalho busca apresentar um breve panorama histórico do referido programa, e sua implantação no país, o crescente número de alunos vinculados a este programa nas universidades públicas nos últimos anos, e como o racismo estrutural afeta suas vidas no cotidiano, como interfere na vida acadêmica e social. Suas falas ao longo da pesquisa nos mostram que a universidade é um reflexo dos problemas sociais e raciais.

Palavras-chave: Estudantes PEC-G; Alunas Africanas; Racismo Institucional.

ABSTRACT

SILVA, Suelen Pereira Estevam Da. **Undergraduate Student Convention Program - PECG: what African students tell us about public universities in Rio de Janeiro**. 2020. 113 p. Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Institute of Education / Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2020

This work turns to question the African continent linked to the Student Program - Graduate Agreement - PEC-G. We approach, through their speeches and looks at the treatment received by them, at the university level where they study. We were interested in how they are received on their arrival at the university as the preparation of the institution for this group of students. Our goal here is to identify how gender and race operate in the educational and school trajectories of African students benefiting from the PEC-G Program. We used the research methodology “bola de neve” or snowball, through a semi-open questionnaire, with black, African women, in Brazilian territory, in public universities in Rio de Janeiro. The work seeks to present a brief historical overview of the referred program, and its implementation in the country, the growing number of students linked to this program in public universities in recent years, and how structural racism affects their daily lives, how it interferes in academic life and social. Their statements throughout the research show us that the university is a reflection of social and racial problems.

Keywords: PEC-G students; African students; Institutional Racism.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Apresentação das entrevistadas.....	25
Tabela 2: Quantidade de alunas entrevistadas por universidade.....	33
Tabela 3: Quantidade de alunas entrevistada por país.....	33
Tabela 4: Países, ano de adesão ao programa e total de alunos enviados do ano 2000 até 2015	41
Tabela 5: Países, ano de adesão ao programa e total de alunos enviados do ano 2000 até 2015.....	42
Tabela 6: Países, ano de adesão ao programa e total de alunos enviados do ano 2000 até 2015	42
Tabela 7: Quadro atuação do racismo	54
Tabela 8: População declarada preta no Brasil	57
Tabela 9: Frequência nas escolas segundo cor/raça	58
Tabela 10: Como conheceu o programa PEC-G:	60
Tabela 11: PEC-G – A entrada de alunos pelos países das entrevistadas - 2000 a 2015	61
Tabela 12: Por que o Brasil?	63
Tabela 13: Escolha do Estado.....	65
Tabela 14: Bairros que residem.....	65
Tabela 15: Escolha dos cursos	68
Tabela 16: Bolsas propiciadas.....	71
Tabela 17: Recepção inicial pelas universidades	77
Tabela 18: Tempo Como Estudante no Brasil	78
Tabela 19: Convívio entre os alunos da mesma turma.....	84

LISTA DE SIGLAS

CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CELPE-BRAS Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros.
CFET Centro Federal de Educação Tecnológica
DCE Divisão de Temas Educacionais
DCT Departamento de cooperação cultural, científica e tecnológica
FRELIME FReinte de Liberação d Moçambique
GPMC Grupo de Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Culturais
IES Instituições de Ensino Superior
LEC Licenciatura em Educação do Campo
MEC Ministério da Educação
MRE Ministério das Relações Exteriores
NBLAC Núcleo Brasileiro Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais
ONG Organização Não Governamental
PAIGC Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde
PEC-G Programa de Estudantes - Convênio de Graduação
PEC-PG Programa de Estudante-Convênio de Pós Graduação
PPGEduc Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares
RJ Rio de Janeiro
SIMEC Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle do Ministério da Educação
TE tempos de estudo na universidade
TI tempos de pesquisa no seu território
SESu Secretaria de Educação Superior
UERJ Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFBA Universidade Federal da Bahia
UFF Universidade Federal Fluminense
UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UNILAB Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira
UNIRIO Universidade do Rio de Janeiro

Sumário

1.	APRESENTAÇÃO: A Pesquisa e eu.....	14
1.1	PSEUDÔNIMOS: Transformando-as em suas heroínas.	22
2.	OBJETIVOS: Geral e Específicos	31
3.	METODOLOGIA DE PESQUISA.....	31
4.	DESENVOLVIMENTO	34
4.1	PEC-G: Breve apresentação.	34
4.2	PEC-G: E o contexto histórico do Brasil	36
4.3	RACISMO E SUAS FACES: SEU CAMINHO PELA HISTÓRIA.....	45
4.3.1	O racismo e suas estruturas: um breve relato histórico.....	45
4.4	O RACISMO INSTITUCIONAL.....	52
4.5	AS ALUNAS DO PEC-G: seus discursos e diversos olhares.....	59
4.5.1	A chegada até o programa PEC-G, e o processo seletivo para entrada no programa.....	59
4.5.2	A escolha do País.....	62
4.5.3	As escolhas da cidade, universidade e curso.....	64
4.5.4	A chegada e recursos para a permanência.....	71
4.5.5	Acolhida e adaptação acadêmica	75
5.	CONCLUSÕES	101
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	106
	APÊNDICE	112
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS DAS ALUNAS DO PEC-G112	

1. APRESENTAÇÃO: A Pesquisa e eu.

Para começar a trazer as descobertas que esta pesquisa me proporcionou, preciso compartilhar um pouco da minha própria história e dos caminhos que colaboraram para o aprendizado, onde a troca faz parte do percurso formativo. Os relatos das entrevistadas me preencheram e colaboraram neste processo de construção da dissertação. As linhas da minha história me trouxeram até a esta pesquisa.

A sociologia nos diz que para analisar algo temos que nos colocar na posição de estranhamento, mas no meio do meu processo formativo na graduação foi possível perceber que precisava redescobrir minhas raízes para deixar de ser estrangeira na minha história. Ao perceber esta necessidade e como aluna da Licenciatura em Educação do Campo (LEC), não poderia deixar passar a oportunidade de registrar as experiências e o despertar que este curso me proporcionou. Este processo me trouxe até esta escrita.

Minha construção familiar não foi nada convencional. Minha mãe perdeu sua primeira filha para a pneumonia e isso deixou um vazio que até hoje nada preencheu. E mesmo sem uma constituição familiar convencional para a época, ela assumiu mais uma gravidez fora do casamento e assim eu nasci. Sou a filha mais velha da parte da minha mãe, a mais nova da parte do meu pai biológico e a terceira filha do meu padrasto. Não foi muito fácil entender minha construção familiar. Posso compará-la a construção de uma colcha de retalhos, que a priori os tecidos parecem não ficar bem juntos eles são de composição diferente. Tons diferentes e origens diferentes. Porém quando pronta e olhando para o todo da colcha se percebe que são exatamente as diferenças que a deixa bela. Assim também é comigo ao olhar hoje de fora para esta família percebo quão bela foi a nossa construção.

A cada dia tentamos melhorar, aprender, evoluir, dar sentido à nossa existência. O que pensamos hoje, certamente é diferente do que pensávamos no passado, visto que as coisas vão mudando de geração para geração. Aprendemos no processo formativo que a verdade não é única e absoluta. Ela também está sempre mudando, acompanhando novas pesquisas e novas ciências.

Cada um de nós constrói a própria história, carregada de diferentes sentimentos: alegrias, descobertas, tristezas, conquistas, desejos, perdas, sentimentos bons e ruins. Mas, que fizeram parte do passado e também estão no presente e não são alheios no processo de aprendizagem do sujeito. Somos sujeitos indivisíveis, nossa totalidade também vai à universidade, as mudanças interferem na aprendizagem tanto quanto o estresse, medo, alegria

e outros sentimentos, então a construção desse sujeito deve ser levada em conta na sua construção cognitiva e no desenvolvimento intelectual.

Falo isso, porque ao analisar o que aprendi na graduação e agora no mestrado, vejo como muitas ideias foram ultrapassadas e o quanto de novo tenho descoberto nestes anos. Como foi possível a construção de um novo olhar para minha realidade e a realidade de outros. Nascida e criada na periferia de São Paulo, aluna de escola pública no Jardim Ângela, sabia que poderia contar com o incentivo de minha mãe que sempre teve o sonho de estudar. Mas não tivemos muito mais, já que em uma família com cinco filhos o dinheiro sempre estava comprometido.

Minha mãe, quando queria chamar a nossa atenção, por não estar indo bem em alguma matéria, nos dizia: "Eu quando era criança não tinha a oportunidade que vocês estão tendo agora, e seguia o seu relato nos contando que: "Quando eu era criança no sítio onde morávamos, a escola só tinha até a quarta série e eu não pude estudar" a escola sempre foi uma referência de boas oportunidades para minha mãe. Então mesmo com poucas condições, os estudos sempre foram prioridade para meus pais.

Em São Paulo éramos moradores de um bairro com um dos maiores índices de violência na capital, o Jardim Ângela. Acreditei durante muito tempo que algumas situações discriminatórias que meus irmãos e eu vivenciávamos eram por conta da pobreza e não por causa da cor da nossa pele. Eu, mulher e com a pigmentação da pele mais clara também sofria já que o meu fenótipo deixa claro a minha ancestralidade. Contudo mesmo no meio de ativistas sociais e participações nas pastorais na nossa comunidade e ações no bairro as discussões giravam em torno da temática socioeconômico, mas a questão racial ainda não.

Em 2006 havia iniciado um curso de psicologia em uma faculdade particular em São Paulo. E cada novo período o curso mais caro ficava e com o desemprego ficou impossível prosseguir. Quando a duras penas tentava sustentar o curso, ouvia repetidas vezes dos meus pais que faculdade particular era coisa para filho de rico. Isso me entristecia. Se uma instituição privada não era o meu lugar, menos ainda uma pública, já que eu, filha de pedreiro e faxineira, periférica e oriunda de uma educação deficitária não conseguiria competir com outros alunos com mais privilégios sociais.

Antes de trancar a matrícula no quarto período, consegui um estágio em uma agência de empregos na qual a minha função inicial era a análise de currículos. Para minha surpresa e desconforto pessoal, quando recebia o currículo de alguém, eu teria que fazer algumas perguntas enquanto avaliava o candidato. Na triagem tínhamos que classificar os currículos

com a seguinte sigla AP – Aparência. Esta sigla receberia os sinais de positivo ou de negativo na frente de acordo com a apresentação física de cada candidato. Este sinal determinava para quais vagas cada pessoa era direcionada. Ao longo do treinamento comecei a notar que para os negros que entregavam os currículos a orientação era de usar o sinal de negativo. Foi um choque perceber o contraste (já que em minha casa a fala era de que não havia diferença entre as pessoas) na minha vida profissional. Esta diferença estava determinando se uma pessoa teria a chance ou não de participar de determinados processos seletivos. A exclusão e o racismo se apresentaram de forma cruel na minha vida, vendo outras pessoas afrodescendentes assim como eu, sendo privadas do direito ao trabalho.

Encaro este episódio como um dos momentos mais difíceis na minha trajetória. A questão racial passou a ser um tema frequente nas minhas discussões e enfrentamento. Logo fiquei desempregada e não tive condições de arcar com a faculdade e o sonho do diploma do ensino superior ficou engavetado. Na minha construção passei a ter mais uma bandeira de luta: a questão racial. Meu olhar começou a filtrar ações racistas que perpassa por várias situações do cotidiano, mas sem muita base para um debate sobre o assunto. Com a mudança de São Paulo para o Rio de Janeiro as oportunidades para esta questão foram ampliadas.

Com uma amiga passei a trabalhar em uma organização não governamental (ONG) – Centro de Formação Padre Rafael no sub bairro Conjunto Campinho em Campo Grande – RJ (Rio de Janeiro). Neste espaço no ano de 2013, demos início ao pré-vestibular comunitário onde também me tornei aluna e militante. Não vou negar que muitas vezes quase desisti por causa das dificuldades. Porém, meu motivador maior foi a revolta. Sim, a revolta, por que eu pensava “FACULDADE É PRA MIM SIM”, eu tenho direito, eu vou conseguir e por muito tempo este sonho foi por mim cultivado, sem que os demais soubessem. E quando fui aprovada em uma universidade pública, o choro foi inevitável, mais um soco no sistema que tem como ferramenta de opressão manter pobres e negros fora das universidades. Uma mulher periférica que se assume como negra e agora aluna de uma universidade pública.

Quando iniciei na universidade em 2014, no curso de Licenciatura em Educação do Campo - LEC na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e fui apresentada à pedagogia da alternância o choque foi grande. Ter que aprender a estudar sozinha, a pesquisar com algumas orientações e desenvolver a autonomia acadêmica era algo muito novo. Eu que sempre fui tutorada e que acreditava que a construção de conhecimento estava ligada diretamente à uma sala de aula e a um professor, me encontrava agora diante do novo: a auto formação.

A pedagogia da alternância, na LEC, consiste basicamente em entender e praticar a auto formação. Dividida em períodos alternados entre tempos de estudo na universidade - TE e tempos de pesquisa no seu território - TI, são momentos que se intercalam entre si. Onde o aluno passa uma parte do calendário acadêmico na faculdade e outra desenvolvendo pesquisas de campo. O professor caminha com o aluno neste processo deixando de ser figura central e passa a seguir a evolução desse aluno que associa os conteúdos aprendidos no TE com o TI.

Posso afirmar que esta modalidade de ensino, na qual o curso é desenvolvido, me proporcionou grandes ganhos incluindo os pessoais. Já que não sou natural da cidade do Rio de Janeiro, a oportunidade de desenvolver pesquisa neste novo local, colaborou para a minha integração no bairro onde resido e ampliando o meu debate. Tornei-me uma militante melhor, percebendo o mundo através do olhar do outro e agora nesta pesquisa um outro estrangeiro.

A minha formação dentro da LEC – Licenciatura em Educação do Campo me proporcionou uma experiência baseada na valorização dos saberes. Uma das reivindicações do curso, consiste em diminuir a invisibilidade das diversas expressões de saberes, praticada nos espaços urbanos, nas roças, e nos movimentos sociais. Tudo desenvolvido nos grupos de estudos, dentro e fora do espaço acadêmico, incluindo o saber que o estrangeiro nos ajuda a construir.

Pude perceber que durante anos, a educação que recebi não dialogava com a minha realidade. Os livros mostram um passado que deve ser esquecido e o progresso leva ao futuro, sem nenhuma dívida social ou moral com a população. Neste pensamento tudo o que não acompanhou a evolução feroz das máquinas, estacionou no tempo e se tornou obsoleto, incluindo debates tidos como desnecessários como a reforma agrária, o racismo, o genocídio da população negra e campesina.

Não acreditando nesta construção social - que reserva para os negros a periferia e a exclusão, e ainda afirmam que esta exclusão não é uma ação ligada ao racismo que é estrutural e estruturante - me engajei nos grupos de estudos NBLAC - Núcleo Brasileiro Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais e GPMC – Grupo de Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Culturais.

O NBLAC me oportunizou entrar em debates, que antes não seria possível como por exemplo, a intolerância religiosa, raça, racismo, questões de gênero e outros. Com o grupo GPMC foi possível ampliar os debates sobre os temas, a participação nestes dois espaços de luta e formação colaboraram para uma análise mais crítica da realidade.

Na caminhada, nos quatro anos da graduação a questão do campo e a questão racial sempre estiveram presentes na minha trajetória, acadêmica e familiar. Os meus questionamentos que antes estavam nas reuniões familiares, agora invadiam a minha formação. E novamente, minha vida acadêmica não está dissociada da minha criação. O relacionamento interracial dos meus pais e a educação que nos deram, nos fez acreditar que não importava a nossa epiderme, tínhamos que ser pessoas com valores.

Fora do seio familiar descobri que somos julgados pelo fenótipo sim. E o ingresso no mercado de trabalho tratou logo de deixar as marcas do racismo institucional e como ele determina as relações. Eu como uma mulher preta, não retinta, não poderia deixar de me posicionar nesta questão tão latente, que é o racismo institucional que não tem face, mas está presente.

E com esta nova construção pedagógica me formei e prestei a prova para o PPGEduc – Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares e para a minha imensa alegria foi aprovada, este ano sou aluna do mestrado na linha 3 – Educação e Diversidades Étnico-Raciais. A graduação e mais esta etapa me proporcionaram um olhar crítico e a certeza de que a formação é contínua e para além dos muros da universidade.

E fui presenteada duplamente neste processo. A escolha deste tema, melhor dizendo, a retomada deste tema foi um segundo presente em um curto espaço de tempo. O primeiro foi a notícia de ter passado para um dos programas de pós-graduação mais concorridos, o PPGEduc.

A cada etapa em que eu avançava no processo uma esperança me tomava à alma, mas sempre com os pés no chão. Afinal, o jogo ainda não estava ganho. Quando o resultado final saiu, um misto de alegria e surpresa me queimavam o peito. Mal pude conter as lágrimas. Estava eu recém graduada e agora mestranda!

Lembrei-me de minha vó. Obrigada vó por ter cochichado no meu ouvido “Eu não sei o que é mestrado filha, mas eu acredito que você vai conseguir.” E eu consegui vó!

O segundo presente me foi oferecido pelas mãos da minha mais nova orientadora, professora Joselina, que em nossa primeira reunião de orientação, lembrou-se da minha tentativa inicial de trabalhar com os alunos do PEC-G. Ela que acompanhou, mesmo que de longe, minha tentativa frustrada de trabalhar com estes alunos na minha monografia. Mesmo não dando andamento ao projeto, na época experimentei momentos de aprendizagem e

descobertas, que não ocorreram de forma indolor. Então, também tive meus momentos de lágrimas.

No início, quando pensei em trabalhar com os estudantes imigrantes na monografia, um dos meus questionamentos, era como falar de um assunto que não conhecia, de algo tão distante de mim. Aos poucos nas leituras, nos encontros, nas trocas e partilhas, não fui capaz de permanecer tão distante quanto acreditei estar. Passei a me ver nas falas, a reconhecer as lágrimas de saudades, os risos dos outros do sotaque, as perguntas sobre a minha cidade e no meio do processo me descobri “estrangeira”¹. Entendo que mudar de país para estas alunas é um passo enorme. Em uma escala menor, na minha construção como pessoa e como estudante também passou pela mudança de cidade.

Desta forma, quando alguém me dizia com um meio sorriso: Você não é daqui né? E eu com outro meio sorriso respondia: Não. Percebo-me desta forma “estrangeira” também, com costumes diferentes, há outra maneira de ressignificar o dia a dia e até mesmo as relações sociais. Quando tenho que me apresentar ao outro, preciso me visitar, e as minhas origens aí descubro fatos, emoções, e histórias e com as minhas entrevistadas não deva ser muito diferente quando estão diante de perguntas no cotidiano.

É com esta minha trajetória no curso de LEC, a qual me proporcionou um olhar diferenciado para o outro. Esta descoberta foi primordial para minha formação, como graduada e pesquisadora. Avanço neste processo formativo, galgando a auto formação, a valorização dos saberes populares e tradicionais, a partilha e a ancestralidade. Aprendo também a levar em consideração a individualidade dos sujeitos e seus históricos pessoais.

Minha mudança - tanto de cidade quanto de pensamentos - permitiu que eu andasse por novos caminhos, um deles me trouxe a este ponto: o de descobrir novas histórias e registrá-las. Mas, antes me redescobri, e conhecer a minha própria história no curso da minha formação, colaborou para que ao ouvir a voz do outro eu entendesse os sentimentos nas palavras.

E com a participação nos grupos de estudos sobre questões raciais, decidi trabalhar no arcabouço da minha monografia a questão racial e a diáspora. Na tentativa de construir este trabalho, o meu orientador e eu, na época, começamos a pensar na questão do tornar-se negro fora da África. Pensando na questão do racismo, que é uma discussão nossa e não desses

¹ Uso o termo para exemplificar meu lugar de não natural do Estado do Rio de Janeiro e como isso fica claro quando começo a conversar com as pessoas e elas logo querem saber de onde sou devido o meu sotaque, e mesmo morando a 7 anos na cidade do Rio de Janeiro as pessoas continuam até o momento de construção desta pesquisa me vendo como a “estrangeira”.

alunos, a questão racial passa a ser pautada com a chegada no Brasil. Desse modo, resolvemos entrevistar os alunos africanos na UFRRJ. Achei que o contato seria positivo já que nos encontrávamos esporadicamente pelo campus universitário e o tratamento sempre foi cordial.

Aproveitando um desses encontros com um grupo de rapazes, quando fiz o convite para a entrevista a resposta me surpreendeu recebi um não, contundente. A justificativa era de se tratar de uma mulher e na concepção dele (do rapaz que pelo visto falava como se representasse a opinião dos demais) uma mulher branca. Confesso que não esperava mesmo este tipo de resposta. O susto se deu pela justificativa e não pela negativa, já que era um convite e desse modo sujeito a recusa.

A justificativa dita de forma bem ríspida me abalou. Pois aparentemente sempre nos tratávamos cordialmente. Eu apenas agradei, confesso que tive que respirar com calma para que a lágrima que se acumulou nos meus olhos, não rolasse pelo rosto deixando ainda mais claro o meu espanto. Por outro lado, é possível tentar entender o fato ocorrido. Sou uma mulher negra de pele clara.

Mesmo para alguns brasileiros algumas vezes sou lida como uma mulher branca. Nossa sociedade tem grande dificuldade de ler os afrodescendentes não retintos como negros pois admitindo que somos negros o projeto de embranquecimento da nação teria falhado. Portanto, é possível que para o estudante angolano, eu seja interpretada como uma mulher não negra.

E mais uma tentativa foi feita por mim, em outro momento conversando com outro rapaz. Este, por fim aceitou dar uma entrevista, desde que essa acontecesse no quarto dele no alojamento masculino da universidade. Eu agradei e disse que entraria em contato para um possível agendamento. Relatando para o meu orientador sobre esta conversa, a qual não me senti nada confortável, resolvemos não dar continuidade à pesquisa com os alunos do PEC-G naquele momento. Eu realmente, fiquei durante um bom tempo, sem entender o que teria causado tais reações. Se o choque cultural, ou o tratamento que os alunos brasileiros dedicam a esses alunos estrangeiros. Os encontros esporádicos continuaram acontecendo, mas não retomamos mais o contato depois desses episódios.

E quando, no mestrado, recebi o convite de retomar este projeto que estava engavetado, com um gosto de algo inacabado, me senti desafiada a retomar este caminho e a me ressignificar para esta nova etapa com um desafio ainda maior. Não pesquisar só as/os alunas/os da UFRRJ, mas também das demais universidades públicas do RJ. Convite aceito, e, novamente antes de iniciar a pesquisa revisei a minha monografia.

Ver a minha trajetória, observando os caminhos que trilhei até aquele momento foi importante para que agora iniciando uma nova etapa, estivesse com o olhar atento para essas novas pessoas, para este novo projeto. A proposta agora era de fazer um recorte de gênero, e entrevistar apenas as alunas africanas nas universidades públicas no RJ.

Estar diante dessas mulheres, é me ver no olhar delas, refletir sobre a caminhada e ressignificar-se em um novo território, cultura diferente e longe da família. Quando dizemos que a universidade pública é um mundo, para alguns pode apenas parecer força de expressão. Mas para quem anda por estes corredores diariamente, sabe que é bem possível cruzar fronteiras quando nos derramamos e nos encontramos com o outro e nos encontramos conosco.

Entendi que naquele momento em que este projeto foi engavetado, era tempo de me permitir à práxis da minha descoberta que o curso da LEC tão ricamente me ofereceu, para a construção da minha monografia. No percurso dos meus anos escolares, este processo me ensinou a olhar para o outro e a falar pelo outro. Mas, não a valorizar suas origens e ouvir o que o outro tem a nos dizer.

Deste modo, tive que aprender a ouvir os meus, para agora iniciar esta nova etapa da minha formação e construção pessoal. Para aprender a valorizar os relatos, saberes e experiências das minhas entrevistadas, foi preciso começar a valorizar os relatos, saberes e experiências da minha família e da minha história. Minha construção social, a maneira como absorvo os conteúdos, os acontecimentos sociais, também passam pelo crivo da minha percepção pessoal e a minha construção de identidade e humanidade.

Nesta retomada do novo projeto para a minha dissertação, me lançar para novos caminhos, além das paredes da universidade onde me graduei, que é a minha zona de conforto, inicialmente me pareceu desafiador, um caminho cheio de possibilidades. Assim, nasce esta pesquisa cujo objetivo é entrevistar e analisar as falas das alunas africanas do Programa de Estudantes-Convenio de Graduação (PEC-G).

E esta pesquisa busca trazer o olhar das estudantes, que escolheram o Brasil para estudar e como o fato de serem estrangeiras, influência nas trajetórias educacionais das discentes beneficiárias do PEC-G, nas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas no RJ. Buscamos também entender o lugar ocupado por elas, na dinâmica social, e, como a educação também perpassa pelo convívio social, como esta nova experiência em território brasileiro tem colaborado para a formação dessas alunas.

Como o campo de pesquisa é vasto, assim como o nosso território nacional, deste modo delimito o meu campo de pesquisa ao estado do RJ e as universidades públicas² da região que estão conveniadas ao programa:

RJ - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ, cidade do Rio de Janeiro³

RJ - Universidade Federal Fluminense - UFF, cidade do Rio de Janeiro

RJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, na cidade do Rio de Janeiro

RJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, cidade de Seropédica

RJ - Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO, cidade do Rio de Janeiro

RJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, cidade do Rio de Janeiro

Como descritas a cima estas são as Instituições de Ensino Superior cadastradas para receber alunos vinculados ao programa PEC-G. E o passo inicial foi visitar estas instituições para tentar estabelecer o primeiro contato. Uma nova construção com situações desafiadoras e com a mesma pulsão de vida me lancei para o mestrado e para a pesquisa e todos os seus desafios.

Quando estou em sala de aula costumo ser “falante”, mas em algumas situações me sinto envergonhada, no entanto, confesso que entrevistar essas mulheres, com um mundo novo para me apresentar, fiquei além de ansiosa pela descoberta e com um certo grau de timidez.

Todo encontro gera novas descobertas, e estes encontros mesmo, com caráter pedagógico e mesmo tendo o olhar de pesquisadora, o total distanciamento neste momento não era a melhor opção para as entrevistas. Então adotei a posição de uma ouvinte, atenta a quem lhe conta suas experiências em um novo solo fronteiriço, falas essas de quem vive uma aventura cheia de boas novas e com suas dores, nesta partilha relatando as suas vivencias como que me dizia: “E mesmo assim estou aqui”.

1.1 PSEUDÔNIMOS: Transformando-as em suas heroínas.

² O Centro Universitário Estadual da Zona Oeste - UEZO não está na lista de IES cadastradas no PEC-G.

³ Após entrar em contato com a instituição no início desta pesquisa no ano de 2018 só haviam três estudantes matriculadas a conveniadas ao programa e nenhuma delas aceitou participar desta pesquisa.

*“Escreverás meu nome com todas as letras. Com todas as datas
 – e não serei eu.
 Repetirás o que me ouviste, o que leste de mim, e mostrarás meu retrato
 - e nada disso serei eu.
 Dirás coisas imaginárias, invenções sutis, engenhosas teorias - e continuarei ausente.
 Somos uma difícil unidade, de muitos instantes mínimos - e isso seria eu.
 Mil fragmentos somos[...].”
 (Cecília Meireles/Biografia)*

Ouvir os relatos das entrevistadas e me manter ali como somente como pesquisadora exigiu de mim algo que eu não tinha muito para oferecer, não sei ser passiva, comedida ou apenas ouvinte. Quando um amigo precisa me descrever escuto logo um – “Ah, ela é intensa”, e como não ser?

Entender este novo processo de estar diante do outro foi desafiador, eu não sabia mesmo como me comportar o que dizer, não queria parecer fria e me preocupei em ser simpática com o cuidado de não parecer invasiva, no entanto a cada nova apresentação cada uma delas, a seu modo, me contava o quanto estavam “sem jeito” e entre sorrisos eu partilhava o mesmo, e sem muito esforço nascia o encontro.

Por vezes a vida fervilha em minhas veias, e em momentos seguintes sou arrebatada por uma geleira que não me deixar ver sentido para algumas coisas. E como ouvir sem me apresentar dessa forma, como estar diante do diálogo e ser apenas pesquisadora? Não havia como ser apenas uma coisa, sou o resultado da minha construção e das interações entre esses “eus” que são conscientes e julgam (BAKHTIN, 2008).

Do mesmo modo que cada uma das minhas entrevistadas, não são apenas alunas do PEC-G, elas são mulheres, filhas, amigas, irmãs e universitárias e estão estrangeiras, e suas muitas vozes também estavam ali, e com elas aprendi que o silêncio também é fala. E com todas as minhas inseguranças me apresentei e me “dei” a elas e elas se “deram” a mim.

O primeiro contato com as entrevistadas foi pelo aplicativo WhatsApp, começava apresentando a mim e a pesquisa, e elas conversavam mais uns dias antes de confirmarem as entrevistas. Os encontros eram direcionados por elas, já que entendi que eram elas que me convidariam para o diálogo, sem este convite a pesquisa não aconteceria.

Ao encontrar pessoalmente, depois do contato virtual, cada estudante que aceitou participar da pesquisa se apresentou de forma muito acolhedora, um pouco curiosas sobre o motivo de querer ouvi-las.

O cotidiano dentro de uma universidade pública dita o seu próprio tempo, e entre uma disciplina e outra, um trabalho e a prova final conseguir manter contato com pessoas fora do círculo familiar e de estudos passa ser um novo desafio. E ter alguém para ouvir mais sobre esta experiência de estudante e estrangeira despertou o interesse das entrevistadas.

Coloquei-me atenta para ouvi-las, entender os desafios diários dessas meninas mulheres que saíram tão cedo de casa para descobrir um novo mundo. E neste processo de dividir as experiências no contato das entrevistas, me emocionar foi algo natural e confesso que por vezes disfarcei os olhos lacrimejados, todas elas iniciavam as falas com a voz baixa e com uma coragem gigante. Quando me vi ouvindo e ouvindo e depois transcrevendo, me permitir à emoção que ali pessoalmente não era permitido, percebi que não teria condições de nomeá-las, e numera-las não fazia sentido nenhum. Listar essas mulheres como “Entrevistadas 1,2,3...” as deixavam tão distantes do que me fizeram sentir e do que considero rico para esta pesquisa, que é dar ouvidos aos relatos cheios de emoção, deste modo sugeri a cada entrevistada que escolhesse seu pseudônimo.

Assim como os lugares para os encontros foram escolhidos por cada entrevistada e sempre um local onde elas se sentissem mais confortáveis para falar. Em cada olhar, em cada fala uma expressão de coragem e medo de quem se lançou para o novo e o desconhecido se revelava, e ouvindo suas vozes vivenciei novamente os momentos compartilhados e então nada melhor que essas guerreiras escolherem seus próprios nomes.

Algo que faria sentido para elas, e como cada nome é repleto de significados e sentido, elas e que remetesse ao seu país de origem, mais uma vez me emocionaram com os nomes escolhidos, novamente fui presenteada com a alegria de ver cada pseudônimo ser escolhido e retratar tão bem cada uma dessas mulheres aqui apresentadas e representadas.

Desse modo, decidimos por preservar a identidade das entrevistadas e as entrevistadas escolheram seus pseudônimos, uma figura feminina importante para o país e para elas com um breve relato de quem foi/é a personalidade escolhida.

Trago uma tabela onde contém algumas informações relevantes sobre as entrevistadas, para esta breve apresentação um pouco mais burocrática digamos assim, já que com os relatos seguintes pretendo apresentar essas mulheres não apenas como dados de pesquisa, mas como mulheres que estão desbravando o mundo em busca do sonho da graduação e para fazer a diferença em seus países, nos ensinando mais sobre elas e sobre nós, na tabela a baixo apresento as entrevistadas.

Tabela 1: Apresentação das entrevistadas.

Dados das entrevistadas							
Instituição	Pseudônimo	Idade	Curso	País	Língua	Ano de entrada	Semestre ⁴
CEFET/RJ	Na unidade no ano de 2018, ano que realizei as entrevistas havia três alunas pelo programa PEC-G e nenhuma aceitou participar da pesquisa.						
UFF	Nzinga Mbande	23	Odontologia	Angola	Português	2016	6
UFRJ	Cesária Évora	22	Enfermagem	Cabo Verde	Português	2015	7
UFRJ	Alda	22	Medicina	São Tomé e Príncipe	Português	2015	7
UFRRJ	Sara Tavares	23	Economia	Cabo Verde	Português	2014	9
UNIRIO	Titina Silá	21	Biomedicina	Cabo Verde	Português	2015	6
UNIRIO	Inácia Gomes	26	Biomedicina	Cabo Verde	Português	2013	9
UNIRIO	Lura	19	Biomedicina	Cabo Verde	Português	2017	2
UERJ	Josina Machel	23	Geologia	Moçambique	Português	2014	8

Fonte: A autora 2019.

Sinto-me agraciada a cada nova etapa deste processo de construção da dissertação e agora não foi diferente, além de ter a oportunidade de conhecer as histórias das entrevistadas e as histórias de personalidades que fazem parte das suas vidas. A primeira Entrevistada escolheu ser chamada de Titina Silá e nos informou que:

⁴ Dados coletados nas entrevistas cada semestre corresponde ao período que a entrevista.

Ela foi uma combatente e formadora de milícia, que lutou pra independência de Guiné e Cabo Verde juntamente com Amílcar Cabral, Titina lutou e morreu pelo que acreditava e amava, onde quer que esteja, ela é provável que esteja a travar outras guerras, pelo que Ela foi, uma combatente e formadora de milícias, que lutou pra independência de Guiné e é o mais correto, porque uma lutadora será sempre uma lutadora. (Entrevistada I, 2018)

Titina Silá seu nome verdadeiro é Ernestina Silá aos 18 anos associou-se no Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde – PAIGC lutou ao lado de personagens importantes como Amílcar Cabral “*Era uma lutadora incansável, amável, simples, uma pessoa excepcional e uma grande patriota*” esta frase é atribuída ao próprio Amílcar.

Treinou mais de 95 mulheres para a luta armada e morre em 30 de janeiro numa emboscada quando estava se dirigindo ao enterro de Amílcar⁵. E quando pergunto sobre a escolha do nome a resposta vem de imediato:

O fato de ser uma mulher, de ter lutado pelo o que ela acreditava, e eu estou nessa também, mesmo passando por todas as dificuldades continuo acreditando nos meus sonhos e não ter desistido lutando e ultrapassando as barreiras. (Entrevistada I, 2018)

E neste momento minha entrevistada I passa a se chamar Titina Silá. Seguindo apresentando as entrevistas e aprendendo mais sobre elas e sobre as figuras importantes do seu país e o segundo nome a ser escolhido foi Lura a entrevistada me disse que:

Lura é uma grande cantora e atriz, cantou junto com Cesária Évora e colaborou para que a música Cabo-verdiana alcançasse outras pessoas, além de ser uma mulher forte e me identifico com ela. (Entrevistada II, 2018)

Maria de Lurdes Assunção Pina conhecida como Luna, cantora e atriz nascida em Lisboa no ano de 1975 de ascendência Cabo-verdiana, quando criança chegou a morar em Cabo Verde e aprendeu com seus familiares e amigos da escola a falar o crioulo Cabo-

⁵ <https://expresso.sapo.pt/africa/guine-bissau-presta-homenagem-a-titina-sila=f108649> Acesso em 05/10/18

verdiano em pouco tempo já falava e compor na língua, chegando a cantar com Cesária Évora em Concertos do projeto “Cesária & friends”⁶

E neste momento minha entrevistada II passa a se chamar Lura. A terceira entrevistada fez uma escolha também cheia de significados o nome é Josina Machel, uma figura importante em Moçambique:

“Considerada como modelo de inspiração para as mulheres. Foi umas das fundadoras do destacamento da mulher. Ela escreveu sobre a questão feminina e seu envolvimento na luta: “Antes da luta, mesmo na nossa sociedade, as mulheres tinham posição inferior. Hoje, na FRELIMO ⁷, a mulher moçambicana tem voz e um importante papel a desempenhar; pode exprimir as suas opiniões; tem liberdade de dizer o que quiser. Tem os mesmos direitos e deveres que qualquer outro militante, porque é moçambicana, porque no nosso Partido não há discriminação baseada em sexo” o papel dela no destacamento feminino serviu de base para a emancipação da mulher.” (Entrevistada III, 2018)

Seu nome de solteira era Josina Abiatar Muthemba⁸ depois de ser presa tentando deixar Moçambique, em 1967 ela entra para o FRELIMO e passa a ser uma guerrilheira e ativista lutando pelas mulheres moçambicanas, casou-se com Samora Machel (que veio a ser presidente do país) adotando o seu sobrenome. Faleceu antes de ver a independência de Moçambique e o dia da sua morte 7 de abril se tornou o dia da mulher moçambicana.

E neste momento minha entrevistada III passa a se chamar Josina Machel. A quarta entrevistada seguiu me emocionando na escolha do pseudônimo, ela escolheu Alda do Espírito Santo, uma mulher forte que virou referência em seu país.

“Escolhi ela porque foi autora do hino Nacional de São Tomé e Príncipe. Pra mim ela representa força, a primeira forma pública de feminismo que eu conheci. Pois numa sociedade machista como o meu país onde a mulher é vista como inferior, incapaz, ela conseguiu ocupar vários cargos importantes para o

⁶ <http://www.caboverde-info.com/Identidade/Personalidades/Maria-de-Lurdes-Assuncao-Pina-Lura> acesso em 05/10/18

⁷ Frente de Libertação de Moçambique – FRELIME, que lutava pela independência de Moçambique face a Portugal. <http://www.weshmblogspotcom-educacao.blogspot.com/2008/07/educacao-e-cultura.html> acesso em 05/10/18

⁸ <https://www.pluraeditores.co.mz/o-nosso-pais/personalidades/personalidade/ver/?id=33484> acesso em 09/10/18

governo e para São Tomé e Príncipe e ser autora do hino Nacional de São Tomé e Príncipe”. (Entrevistada IV, 2018)

Uma figura emblemática na luta pela libertação de São Tomé e Príncipe, por acreditar na causa nacionalista. Interrompeu os estudos universitários e com o êxito da independência continuou no meio político lutando pelo seu país. Tornou-se ministra da Educação, Cultura e Informação além de deputada, presidente da Assembleia Municipal e presidente do Fórum de Mulheres São-tomense. E também uma excelente poetiza⁹. E neste momento minha entrevistada IV passa a se chamar Alda.

Seguindo com a apresentação das entrevistadas a quinta entrevistada escolheu ser representada por Inácia Gomes.

“Inácia é uma grande cantora e compositora de uma das mais prestigiadas danças tradicionais de Cabo Verde, o Batuque. Porque meus parentes são do interior e eu passava minhas férias lá quando criança. No interior é onde prestigiam mais as músicas tradicionais comparando com a cidade. Inclusive sei dançar também.” (Entrevistada V, 2018)

Nascida na ilha de Santiago, Maria Inácia Gomes Correia, conhecida como Inácia Gomes, representou a resistência cultural de um estilo musical típico de Cabo Verde. As suas músicas muitas das vezes eram improvisadas. Ela que nunca escreveu mesmo sendo contadora de histórias e foi tema de um livro escrito por Tome Varela da Silva¹⁰. E neste momento minha entrevistada V passa a se chamar Inácia Gomes.

Cada nova apresentação descobrimos mulheres que mudaram vidas por se colocarem em movimento. Minha sexta entrevistada, escolheu uma personalidade internacional a cantora Cesária Évora:

“Uma figura histórica de Cabo Verde que eu acho que todo mundo conhece, ela e é muito importante para a história de cabo verde, é a Cesária Évora que foi uma cantora cabo-verdiana que já morreu, ela deixou um legado enorme. Ela foi uma cantora que fez muitos sucessos, começou de baixo mesmo e de repente estourou, começou atuando no exterior, levando um pouco da cultura de cabo verde para o exterior, o que impactou muito no nosso turismo, porque muita gente começou a ir a cabo verde pra conhecer o turismo. Assim ganhou orcas por que

⁹ <http://www.lusofoniapoetica.com/artigos/sao-tome-principe/alda-espírito-santo/biografia-alda-espíritosanto.html>. acesso 05/10/18.

¹⁰ <http://www.caboverde-info.com/esp/Identidade/Personalidades/Maria-Inacia-Gomes-Correia-Nacia-Gomi> acesso 05/10/18.

Cesária saiu pra fora e apresentou um pouco da nossa cultura pros países exteriores. um pouco da nossa cultura musical principalmente” (Entrevistada VI, 2018)

A história de vida de Cesária Évora, teve 45 anos de carreira e cantou Cabo Verde pelo mundo, começando por Portugal, mas sua carreira começou em seu país, antes mesmo de Cabo Verde ser independente cantava os estilos de música cabo-verdiana como a morna¹¹ que trás o significado de lamento tristeza, o que concedeu a ela o título de “embaixadora da morna”.

Com 24 discos gravados e o prêmio Grammy de melhor álbum de world music contemporânea em 2004, costumava cantar descalça em suas apresentações, chegou a receber apenas jantares como pagamento e quase desistiu da música, mas continuou lutando e acreditando na música do seu país²¹.

“... Escuto falar desde que eu sou criança até os dias de hoje, ela é muito importante e eu acho que ela, por que ela foi assim, uma mulher muito guerreira para as mulheres de Cabo Verde, eu acho que significa muito, ela foi assim uma mulher cheia de garra, como mãe, como avó e como uma mulher representando Cabo Verde lá fora.” (Entrevistada VI, 2018)

E neste momento minha entrevistada VI passa a se chamar Cesária Évora. Novamente vejo como assertiva a minha decisão de dedicar um dia para cada entrevistada, todos os momentos únicos de partilhas estavam carregados de emoções e neste processo me deparo com os entrelaces das histórias dos países aqui representados com o Brasil.

Apresento a vocês a sétima entrevistada é de Angola e escolhe como pseudônimo Nzinga Mbande, ao ouvi-la relatar sobre a história dessa grande mulher vi nossos entrelaces se cruzarem, eu estrangeira pra ela e ela pra mim ali frente a frente dividindo a mesma história contada cada uma do seu lado do atlântico e com o passar dos séculos nós duas estrangeiras dividindo as dores.

Nzinga Mbande foi uma rainha Angolana que lutou durante 40 anos contra os portugueses. Lutou contra entrada dos portugueses em Angola. Escolho ela pela admiração que tenho pelo que ela fez, quem ela representa para o povo angolano. Uma mulher lutando contra o tráfico de escravos. (Entrevistada VII, 2019)

¹¹ A morna é um gênero musical e de dança de Cabo Verde geralmente tocada com instrumentos acústicos e com letras extremamente românticas e trazendo o amor a terra. acesso 05/10/18. ²¹ <http://cesariaevora.sapo.cv/biografia/> acesso 05/10/18.

Nascida no ano de 1582, desde nova aprendeu a lutar com o seu pai. Com a morte dele passa a lutar ao lado do irmão para defender o povo da invasão portuguesa, chegando a ir negociar a paz diretamente com o novo governador de Portugal em Luanda, deixando claro que o rei de Ambundo não seria vassalo de ninguém, exigindo um tratamento de igual para igual. Com a morte do seu irmão segue firme na luta contra dominação portuguesa, sua história foi de extrema importância que ganha um filme exibido no Brasil em 2014¹².

A história dessa rainha me remeteu as histórias de tantas outras rainhas que lutaram aqui em território brasileiro contra o regime escravocrata, mulheres guerreiras e seus nomes ecoam na história de outras mulheres e com mais essa representatividade nos remetendo ao século XVI percebemos que mulheres de várias gerações influenciam essas jovens mulheres e nossa Entrevistada VII passa a se chamar Nzinga Mbande¹³.

A minha oitava entrevistada é a quinta Cabo-verdiana e no processo de escolha dos nomes, alguns que ela citou já estavam sendo utilizados. Isso nos mostra o quanto essas figuras são representativas para estas estudantes. Sua escolha final foi Sara Tavares:

Porque depois da Cesária Évora, ela é a que eu gosto, cantou uma música em um filme da Disney o corcunda de Notre-Dame e sempre lembro dela com carinho. (Entrevistada VIII, 2018)

Sara Alexandra Lima Tavares nascida em Lisboa com ascendência Cabo-verdiana ela ganhou menção honrosa da Disney como melhor interprete da música “longe do mundo” do filme o corcunda de Notre-Dame¹⁴. A música que Sara interpreta é cheia de significados. É uma oração feita por Esmeralda¹⁵ uma mulher cigana a qual a nossa sociedade também não acolhe e a letra nos diz: “Vêm de longe e chegam por fim. Quem vai ouvi-los?” e aqui essas estudantes foram por mim ouvidas e por vocês leitores as vozes delas continuam ecoando.

¹² <https://www.geledes.org.br/nzinga-a-rainha-negra-que-combateu-os-trafficantes-portugueses/> site com a histórias da Rainha Nzinga. <https://www.youtube.com/watch?v=v1O9SdAev5k&t=50s> filme sobre a mesma acesso em 16/09/2019

¹³ A grafia no nome da Rainha Nzinga Mbande aqui foi feita pela nossa entrevistada, mas seu nome nome é grafado de diferentes maneiras: Nzinga, Ginga, Jinga, Singa, Zhingá e outros nomes da família linguística banto (ou Bantu).

¹⁴ <http://evorafrica.pt/pt-pt/sara-tavares/> acesso 05/10/18

¹⁵ Esmeralda, é um personagem fictício no romance de 1831 de Victor Hugo, O Corcunda de Notre-Dame. Ela é uma garota cigana francesa. Site: <https://amenteemaravilhosa.com.br/o-corcunda-de-notre-dame/> acesso 05/10/18

2. OBJETIVO: Geral e Específico:

As pesquisas com os estudantes vinculados ao programa PEC-G nos últimos anos, estão colocando a temática em evidencia. Ainda assim, é desconhecida para uma parcela do público que circula por essas instituições. Pouco se sabe como se deu o ingresso desses estudantes nas universidades públicas do Rio de Janeiro e ainda menos sobre como estão no processo de adaptação, avanço acadêmico e sociabilidade.

E diante de alguns questionamentos esta pesquisa visa: Identificar como gênero e raça operam na trajetória de formação das alunas africanas beneficiárias do Programa PECG.

E nesta trajetória de começar uma nova etapa, que é a vida em uma universidade, essas estudantes ainda enfrentam a travessia do atlântico. Geralmente sem referências familiares, o desafio não será apenas o início das aulas, mas o início de uma nova construção social, em um país desconhecido.

Para uma estudante negra brasileira a entrada em uma universidade pública já é um processo desafiador então me proponho a ouvir o que as estudantes africanas tem a nos dizer: Identificar elementos que compõem a trajetória educacional de alunas africanas, beneficiárias do Programa PEC-G. Objetivamos avaliar a partir da fala delas o processo de adaptação e integração de alunas africanas, beneficiárias do Programa PEC-G. Observar nas falas casos de racismo sofrido por motivos de nacionalidade, raça e gênero.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA.

Esta pesquisa traz histórias de mulheres, que viram suas vidas transformadas ao chegar no território brasileiro. Com as vidas aqui relatadas, o tipo de pesquisa vai perpassar pela narrativa e também vai se interligando ao método, da pesquisa exploratória. De acordo com GIL (2008), as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla.

Contudo, tomo como partida o método conhecido como metodologia *snowball*, ou “Bola de Neve”, que é utilizada e indicada, quando o grupo que vai participar da pesquisa. Com a minha experiência na graduação, pude perceber que esta metodologia traria um resultado mais favorável na construção desta dissertação.

Para o início do trabalho, foi necessário além de pesquisas documentais, a participação em eventos e atividades, nas quais a temática estava sendo abordada. Entendendo que se trata de um grupo com ligações fortes com seus pares. Segundo Vinuto 2014:

O tipo de amostragem nomeado como bola de neve é uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Ou seja, a partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados. (VINUTO, 203p. 2014)

Assim sendo, na primeira etapa, houve a coleta de dados registrando através de entrevistas a vivência de cada uma das mulheres. Foi além de ler, ouvir os que estão entre os alunos africanos, novamente o contato com o documentário “O lá e o aqui”, se tornou peça chave no desenvolvimento da pesquisa. Foram incluídas mulheres, africanas, vinculadas ao programa PEC-G. Foi desenvolvida no município do Rio de Janeiro, em universidades públicas. Todas ainda estão cursando no momento da pesquisa. O que incluem alunas de 2017 a 2019.

Através do evento que participei, conheci as pessoas que aqui vou chamar de “elos de contatos”, que iniciaram a minha rede *snowball*, deixando aberta a possibilidade de a pessoa indicada não querer participar e fazer a opção de indicar uma outra possível colaborador.

Busquei também, o suporte na pesquisa qualitativa, que possibilita a aplicação do questionário aberto de acervo próprio (apêndice A), onde a entrevistada se sinta livre para responder e associar com algum fato que a mesma julgue importante relatar.

Outro recorte que faço, se deu pelo modo que as entrevistas aconteceram. Em maio de 2018, participei da apresentação do documentário “O lá e o aqui”, que traz o relato de jovens oriundos de países africanos que vieram ao Brasil, estudar em variadas instituições de ensino superior pelo programa PEC-G, inseridos em diferentes áreas do conhecimento, trazendo suas percepções sobre as questões raciais e traçando um paralelo entre expectativas e realidades.

E o poema, especialmente desenvolvido para o filme, que foi recitado pela moçambicana Vanilza Flora¹⁶, me emocionou muito. Tive o prazer de tê-la como parceira nesta etapa da pesquisa. Após este contato, as pessoas que retornavam a minha solicitação

¹⁶ Vanilza Flora é moçambicana aluna do mestrado em Psicologia Social pela Universidade Salgado de Oliveira – Universo pelo Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação-PEC-PG.

para participar da pesquisa foram mulheres e desta maneira se deu o segundo recorte desta dissertação: O de gênero.

Com o recorte de gênero já estabelecido, não determinei o quantitativo de alunas por instituição. Com a metodologia de bola de neve, as entrevistadas indicavam outras estudantes. No entanto, no CEFET na unidade no ano de 2018, ano que realizei as entrevistas havia três alunas pelo programa PEC-G e nenhuma aceitou participar da pesquisa. Na tabela abaixo apresento as universidades e a quantidade de alunas entrevistada por instituição de ensino.

Tabela 2: Quantidade de alunas entrevistadas por universidade

UNIVERSIDADES	ENTREVISTADAS
UFF	1
UFRJ	2
UFRRJ	1
UNIRIO	3
UERJ	1

Fonte: A autora (2018).

Não pré-estabeleci um quantitativo de alunas em cada instituição de ensino. Mas, o intuito era ter pelo menos uma aluna de cada universidade pública do Rio de Janeiro, pois assim teríamos relatos das experiências vivenciadas em cada um desses espaços. Priorizei esperar os contatos da metodologia “bola de neve” serem concluídos para avaliar os resultados. Consegui através da rede de contato com as universidades escolhidas para esta pesquisa.

No decorrer das indicações, os países não estavam pré-determinados na pesquisa. O que colaborou para que as entrevistadas ficassem mais livres na hora de indicar outra pessoa. Desse modo, foi possível observar que as indicações aconteceram por estudarem na mesma universidade ou por morarem juntas e assim se desenhcou o seguinte cenário:

Tabela 3: Quantidade de alunas entrevistada por país

PAÍSES	QUANTIDADE
Angola	1
Cabo Verde	5

Moçambique	1
São Tomé e Príncipe	1

Fonte: A autora (2018).

Apresentando o panorama das entrevistadas seguimos. Nesta etapa do processo, trago as partilhas dessas mulheres, que ao longo das entrevistas, dividiram seus saberes e experiências vivenciadas, neste novo território brasileiro. Com o avanço tecnológico, os meios de comunicação estão cada vez mais rápidos e eficazes, e com o uso dessas tecnologias, a interação com as entrevistadas, neste primeiro momento, se revelou harmonioso. Mesmo não me conhecendo pessoalmente, mas sendo indicada por uma pessoa da confiança dessas mulheres. Deste modo, elas entravam em contato comigo através do aplicativo WhatsApp. Destaco aqui novamente, a importância da solidariedade da Vanilza, que gentilmente ouviu sobre o meu interesse em pesquisar o PEC-G e fez a conexão entre as vozes que aqui ecoam.

4. DESENVOLVIMENTO

4.1 PEC-G: Breve apresentação.

Programa de Estudantes – Convênio de Graduação mais conhecido pela sigla PEC-G é mantido pelo Ministério da Educação – MEC e Ministério das Relações Exteriores – MRE em parceria com as Instituições de Ensino Superior – IES brasileiras sejam pública ou privadas. Para o aluno ser aceito ele precisa passar por alguns critérios, como por exemplo falar o português e provar que pode se sustentar no país, não trabalhar no Brasil¹⁷, além do compromisso de retornar para o seu país quando o curso acabar.

Mesmo com as bolsas disponibilizadas pelo programa PEC-G, o aluno no seu primeiro ano, precisa ter condições de arcar com suas despesas, pois a bolsa só é concedida a partir do segundo semestre. As vagas destinadas a estes estudantes não estão vinculados aos vestibulares nacionais. Entendendo que as vagas oferecidas são para os alunos que já

¹⁷ O estudante vinculado ao PEC-G não pode trabalhar formalmente no país o que colabora para os empregos informais com salários baixos. O visto temporário não permite que o estudante execute atividade remunerada que caracterize vínculo empregatício ou até mesmo que configure pagamento de salário por serviços prestados, sendo possível apenas a participação do estudante em estágios curriculares, bolsas de pesquisa científica, extensão ou de monitoria.

<http://www.dce.mre.gov.br/estrangeiros/FAQ.php#PECG> acessado em 11.05.19.

passaram por um processo de seleção em seu país de origem e vem com o que vou chamar de “pré-matrícula” feita antes mesmo do seu embarque.

De acordo com o site www.dce.mre.gov.br coordenado pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), a Divisão de Temas Educacionais (DCE), antiga Divisão de Cooperação Educacional, este convênio foi firmado pelo MRE com países em desenvolvimento. Completou em 2014 cinquenta anos de história e já trouxe ao Brasil cerca de 25.000 jovens.

Lembrando que o PEC-G é um acordo de cooperação para a formação no âmbito da graduação. Também é pouco conhecido o da pós graduação o Programa de Estudante-Convênio de Pós Graduação - PEC-PG, desconhecido até mesmo dos alunos do PEC-G. É um convenio que apesar da oscilação do cenário político, tem sido renovado. A manutenção do programa está ligada diretamente aos acordos internacionais que o Brasil tem com cada país que compõe o programa, e o interesse dos mesmo em enviar alunos para as universidades brasileiras.

Pensar na combinação da formação acadêmica e na formação social - que não apenas os estudantes vinculados ao programa, mas a turma, para aqueles que se permitem, que recebe este estudante - é pensar para além dos acordos políticos e observar na interação social. O crescimento fomentado pela troca de saberes que atravessam os muros das universidades. Sabemos que os países firmam acordos com bases policias e econômicas. O conteúdo e execução do programa ficam a cargo das IES. Desse modo está ligado ao programa e a universidade.

As vagas deste programa, são destinadas aos estudantes de países que tem acordos na área de educação, cultura e tecnologia. Para participar do programa os estudantes precisam ter entre 18 e preferencialmente até 23 anos. Não pode ter nenhum visto vigente para o Brasil ou ter dupla cidadania. Deve haver ou estar no último ano do ensino médio e a instituição onde este aluno esta fazendo o ensino médio não pode ter vínculo ou ser em território Brasileiro.

O candidato precisa se dirigir à embaixada ou consulado brasileiro e apresentar os documentos necessários, para pleitear a vaga desejada. Esses estudantes não disputam vagas com os estudantes brasileiros. Elas são destinadas exclusivamente para o programa. A falta de conhecimento sobre este assunto, gera motivos para embates entre brasileiros e estrangeiros. A falta de informação sobre este processo colabora para tal situação.

Cada processo fora do país acontece de forma diferente. Mas todos devem passar pela embaixada e consulado brasileiros. E como será que essas instituições se apresentam para este

público específico, qual o olhar que as alunas africanas vinculadas ao PEC-G e as Universidades Públicas tem a nos dizer? Veremos mais adiante, no decorrer deste trabalho.

4.2 PEC-G: E o contexto histórico do Brasil

No início do século XX havia estudantes brasileiros em outros países da América Latina, e o Brasil também recebia estudantes estrangeiros. Participações nesse sentido eram esporádicas e decorrentes de iniciativas isoladas. No entanto, sua história não começa em 1964. Os países que hoje compõem o Programa de Estudantes–Convênio de Graduação (PEC-G) nem sempre tiveram seu acesso ao território brasileiro outorgado, já que após o período escravocrata o Brasil incentivou a imigração massiva de pessoas brancas.

Após a dita “libertação dos escravizados”, o espaço escolar ainda era lugar de privilégio ocupado por brancos. Os poucos negros que já chegavam ao Brasil letrados eram tratados com mais dureza pelos seus senhores. Depois da Revolta dos Malês os negros que sabiam ler eram vistos como revoltosos pela elite branca que se valia desses argumentos para dificultar cada vez mais o acesso do negro nas escolas. Nesta direção, podemos então, entender que posteriormente a virada do século, foram surgindo os empecilhos legais que impediram a entrada do negro nas escolas e sem os estudos iniciais não se tinha chance de vislumbrar um curso superior. O Brasil aceitava estrangeiros nas suas universidades, contudo os números de alunos negros estrangeiros ou brasileiros eram quase nulos.

Com a primeira guerra mundial, um outro conceito avançou em diversos países, foi a ideia da Eugenia e o Brasil também se tornou um grande entusiasta dessa ideia, o que colaborou diretamente para agravar a situação dos afrodescendentes. Renato Kehl é considerado o pai da eugenia no Brasil durante as décadas de 1910 e 1920, propagava suas ideias de forma branda e com uma visão positiva sobre o futuro do Brasil, com o avanço das ideias eugênicas extremistas que surgiam em países como EUA e Alemanha, onde se propagava que a solução mais eficaz para o melhoramento da sociedade, através da genética era impedir de forma direta a reprodução daqueles que eram classificados como inaptos.

A elite do país propagou esta ideia com afinco já que eles atribuíam as epidemias brasileiras aos negros recém libertos, já que o movimento sanitaria e eugenista se fundiam em nome do progresso do país. Aos negros eram negados o direito à terra, escolarização e trabalho, porem infligiam aos mesmo a culpa pelas doenças, atraso social e criminalidade.

O apoio a entrada dos imigrantes europeus no país era massivo, já que estes colaborariam diretamente para o melhoramento de forma eugênica da sociedade brasileira e a corroboração desta ideia foi tema do primeiro Congresso de Eugenia no Rio¹⁸, em 1929 como relata Souza.

O movimento eugênico também foi responsável pela realização do primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia e pela publicação do Boletim de Eugenia, periódico editado entre 1929 e 1934. Ainda no início dos anos 1930 seria fundada a Comissão Central Brasileira de Eugenia, que agregava um grupo de eugenistas e psiquiatras que atuava na Liga Brasileira de Higiene Mental[...] (SOUZA, 2016)

Este evento foi presidido por Roquette-Pinto um famoso radialista e intelectual da época apoiador e divulgador das ideias eugênicas. O secretário geral foi Kehl as discussões que norteavam este evento falava sobre controle dos matrimônios, da natalidade e o controle eugênico da imigração. Segundo ROSA a pauta tratava da necessidade de um maior controle da entrada de imigrantes no país, e imigrantes negros:

Defendia-se um controle rígido dos imigrantes que entravam no Brasil sob pena de trazer para solo nacional degenerados de outras nacionalidades, aumentando ainda mais o problema já existente na população brasileira quanto à sua qualidade genética a ser transmitida para as gerações futuras. A intenção era produzir um documento que encaminhado para as autoridades competentes, corroboraria a criação de uma legislação específica que regulamentasse a entrada dos imigrantes em solo brasileiro. (ROSA, 2005)

Mesmo com a presença destes estudantes estrangeiros, não se pensava em um convenio para atendê-los. Com a segunda guerra mundial, a relação do Brasil com outros países latino-americanos cresceu, gerando interesses comuns e propiciando maior intercâmbio estudantil. De acordo com os dados do próprio Manual do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (2000), já no início do século XX estes alunos estrangeiros começaram a frequentar as universidades brasileiras. Essa relação entre os países da América Latina foi possível devido a autonomia política alcançada já nas primeiras décadas do século XIX.

¹⁸ Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Rio de Janeiro, documento disponibilizado pela Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=acebibcoc_r&pagfis=9788 acessado em 5/08/2018

E ainda o governo Federal através do site aqui avaliado, nos informa que devido a este aumento dos estudantes estrangeiros, percebeu-se a necessidade de criar um mecanismo que regulamentasse e entrelaçasse não só os estudantes, mas os países também. E surgem os convênios de Cooperação cultural e bilateral (que incluíam os acordos educacionais), que isentava esses estudantes-conveniados de participar dos processos seletivos para os brasileiros participavam.

No ano de 1964, este convenio recebe o nome de “Programa de Estudante - Convênio de Graduação” tendo o seu primeiro registro oficial no ano seguinte em 1965, no relatório oficial do Ministério das Relações Exteriores, que intermediava o contato entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e o convenio *“o PEC-G dará prioridade aos países que apresentem candidatos no âmbito de programas nacionais de desenvolvimento socioeconômico, acordados entre o Brasil e os países interessados, por via diplomática¹⁹”*.

Segundo o Ministério da Educação - MEC (2000) no ano de 1967, que se cria o primeiro instrumento normativo do programa, um Protocolo com 19 clausulas que vão nortear o funcionamento do programa, e neste primeiro momento só os países da América - Latina estavam presentes.

Quando em 1974, a sede da MRE muda do Rio de Janeiro para Brasília, o PEC-G passa por uma reformulação e recebe seu segundo Protocolo com 17 clausulas e conta agora com mais participação do MEC. É nesta nova etapa, a mudança mais significativa, quando os países do continente Africano e Asiático, passam a participar do programa²⁰ PEC-G. Com esta nova reformulação o departamento de cooperação cultural, científica e tecnológica – DCT e a Secretaria de Educação Superior – SESu passam a coordenar juntos as regulamentações do programa.

Com este novo protocolo as IES, passaram a participar de forma direta com o PEC-G. Algumas cláusulas não eram objetivas com relação alguns assuntos como, por exemplo, o tempo que o aluno (conveniado) teria para concluir o curso e o limite para reprovações. Com isso, se viu necessário uma nova reforma em suas clausulas. E segundo MEC (2000) esta

¹⁹ Informação retirada do Protocolo PEC-G, disponível em [http://portal.mec.gov.br /index. php?](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=530&id=12276&option=com_content&view=article)

Acesso em 13/08/2018

²⁰ Informação descrita na Clausula II de acordo com o documento assinado em 11 de Dezembro de 1974 http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/legislacao_anterior/02-PEC-G_Protocolo_1974.pdf acessado em 14/08/2018

ocorreu no ano de 1986 com a ação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. As cláusulas sofrem mudanças deixando algumas mais objetivas, como o tempo para a conclusão do curso, quantidade de reprovação aceitável e restrição para trocar de curso e de IES.

No quarto protocolo, com 22 cláusulas assinado no ano de 1993, a mudança mais significativa foi de gestão, com a saída da CAPES da gerência do Programa passando para a SESu. E mudando novamente em 1995, contendo 29 cláusulas e suas principais alterações foram a obrigatoriedade de os estudantes estrangeiros serem aprovados pelo exame do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (CELPE-BRAS) e o recebimento do diploma junto à embaixada Brasileira no Exterior.

Atualmente está em vigor o Decreto de número 7.948/2013 que trouxe uma segurança jurídica para o programa e dando mais informações aos envolvidos no processo de seleção, contando com 60 países participantes, sendo eles 26 do continente Africano, 25 Latino - Americano e Caribenho e 9 do Asiáticos. Portugal e Estados Unidos da América estão na lista de países participantes do PEC-G devido às características de cooperação que iam além da Cooperação Sul-Sul.

Parágrafo único. O PEC-G constitui um conjunto de atividades e procedimentos de cooperação educacional internacional, preferencialmente com os países em desenvolvimento, com base em acordos bilaterais vigentes e caracteriza-se pela formação do estudante estrangeiro em curso de graduação no Brasil e seu retorno ao país de origem ao final do curso. (BRASIL, 2013).

Com esses acordos estabelecidos as relações entre os países se estreitam, possibilitando outros acordos não apenas no campo da educação. Desse modo, este convenio representa uma aliança entre os países tidos como em desenvolvimento. De acordo com Barros e Nogueira:

O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) é um programa de cooperação técnica e educacional internacional da República Federativa do Brasil direcionado aos países em vias de desenvolvimento ou países que aqui consideramos pertencer ao que a literatura designa de Sul global por não fazerem parte ainda dos países centrais e dos países do Norte global (Europa Ocidental e América do Norte, nomeadamente). Portanto, o PEC-G traduz-se num

significativo dispositivo de cooperação educacional internacional que o Brasil disponibiliza aos países que se enquadram nessas condições e que apresentam características de países em vias de desenvolvimento. (BARROS e NOGUEIRA, 2015)

Através desse acordo entre esses países a educação tem sido grande arma para o desenvolvimento dos mesmos. E também nos avanços que estes estudantes levam aos seus países já que um dos pontos principais do PEC-G é que este estudante retorne. Este recebe formação qualificada assim passa a compor um quadro de profissionais que colaboram diretamente para o desenvolvimento dos países de origem. Esta cláusula, de retorno colabora para evitar um fenômeno que preocupa muitos países que é a “fuga de cérebros” (NOGUEIRA, 2013). Percebemos a importância para esses países não só os acordos, mas a regulamentação do programa.

A cláusula que diz que o estudante receberá o seu diploma no país de origem garante também seu retorno após o término dos estudos. O que refuta a ideia que esses estudantes usam das universidades públicas como porta de entrada para o país sem interesse de regresso. Diferentemente do que se supõe nas últimas três décadas foi o Brasil quem mais formou quadros cabo-verdianos e colaborou com este país na implementação de seu próprio ensino superior, e não Portugal (MORAIS, 2013). Desde a independência de Cabo-Verde (1975) os laços com o Brasil cresceram ainda mais e o PEC-G foi um dos canais usados para o estreitamento das relações entre os países:

Firmado nestes acordos e na amizade entre os dois países tem sido possível que os dois caminhem juntos no desenvolvimento educacional nas últimas três décadas. Sem dúvida, que ganhos incontáveis têm sido vistos, especialmente no sistema educativo de Cabo Verde. Atualmente, o país tem uma elite formada. Conseguiu formar quadros nas mais diversas áreas com a formação de profissionais no exterior, tem especialistas mestres e doutores capazes, lecionando nas IES do país, implementou-se a primeira Universidade pública e começa a dar passos maiores no campo da pesquisa científica, iniciando, como sempre fez, pela formação de quadros. (MORAIS, 2013)

Com esta nova configuração o PEC-G segue sendo o programa que tem o número de adesão crescente. No entanto, desde sua origem o programa assina com os países o acordo de cooperação, informações estas que o site do Ministério das Relações Exteriores oferece em aberto já que nem todos os países estão ingressos no programa PEC-G.

Estes 60 países mantêm acordo educacional, cultural ou científico-tecnológico, mas não necessariamente assinaram a participação no convênio. O quadro a seguir trará a relação desses países e quais estão no programa:

Tabela 4: Países Africanos, ano de adesão ao programa e total de alunos enviados do ano 2000 até 2015 ²¹

África		
Países	Ano de adesão	Total de alunos 2000-2015²²
1. África do Sul	2010	
2. Angola	1985	721
3. Argélia		2
4. Benin		239
5. Botsuana	2015	0
6. Cabo Verde	1977	2933
7. Camarões		35
8. Costa do Marfim		24
9. Egito		0
10. Gabão		29
11. Gana		108
12. Guiné Bissau	1977	1336
13. Guiné Equatorial		0
14. Mali		2
15. Marrocos		0
16. Moçambique		215
17. Namíbia		8
18. Nigéria	1977	170
19. Quênia		81
20. República Democrática do Congo		415
21. República do Congo		16
22. São Tomé e Príncipe		358
23. Senegal		37
24. Tanzânia	2011	0
25. Togo		32
26. Tunísia		0

Fonte: A autora (2018)

²¹ Tabela criada a partir das informações coletadas no site do MRE <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/paises.php> acessado em 10/04/2018

²² <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/paises.php> acessado em 12/04/2018 O Site do MRE não divulga dados detalhados anteriores ao ano de 2000.

Tabela 5: Países da Ásia, ano de adesão ao programa e total de alunos enviados do ano 2000 até 2015²³.

Ásia		
Países	Ano de adesão	Total de alunos 2000-2015
1. China		1
2. Índia		
3. Irã		
4. Líbano		
5. Paquistão		6
6. Síria		
7. Tailândia		2
8. Timor-Leste		38
9. Turquia		

Fonte: A autora (2018)

Tabela 6: Países América - Latina e Caribenha, ano de adesão ao programa e total de alunos enviados do ano 2000 até 2015²⁴.

América - Latina e Caribenha		
Países	Ano de adesão	Total de alunos 2000-2015
1. Antígua & Barbuda		
2. Argentina	1964	13
3. Barbados		33
4. Bolívia	1964	117
5. Chile	1964	37

²³ Tabela criada a partir das informações coletadas no site do MRE <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/paises.php> acessado em 10/04/2018

²⁴ Tabela criada a partir das informações coletadas no site do MRE <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/paises.php> acessado em 10/04/2018

6. Colômbia	1964	84
7. Costa Rica	1964	29
8. Cuba		68
9. El Salvador	1965	20
10. Equador	1964	194
11. Guatemala	1964	35
12. Guiana	1971	0
13. Haiti	1965	78
14. Honduras		141
15. Jamaica		87
16. México		8
17. Nicarágua	1964	8
18. Panamá	1964	53
19. Paraguai	1964	678
20. Peru	1964	199
21. Rep. Dominicana	1964	9
22. Suriname		1
23. Trinidad & Tobago		28
24. Uruguai	1965	8
25. Venezuela	1964	11

Fonte: Acervo próprio (2018)

Ao formular e analisar os quadros acima com os dados coletados do site do Ministério das Relações²⁵ Exteriores, algumas informações estão divergentes. Países que enviaram alunos e não informam o ano em que assinaram o acordo. Enquanto outros assinaram o acordo, no entanto ainda não enviaram alunos, e assim temos 60 países participantes, 24 que o site informa o ano em que aderiu ao convenio, e 46 países enviaram alunos conveniados para o Brasil.

²⁵ As páginas do site onde as informações foram coletadas

<http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/paises.php> acessado em 20/08/2018 e

http://www.dce.mre.gov.br/PEC/paises_participantes.php acessado em 20/08/2018.

O site do Ministério da Educação e o site do Ministério das Relações Exteriores são diferentes, mas as informações se completam e o site do MEC te direciona automaticamente para o site do MRE.

As informações coletadas para análise sobre os países conveniados ao programa e ano de adesão estão disponíveis no site do MRE, o site não informa quando ocorreu a última atualização, mas segundo Dias 2016 em sua pesquisa voltada também para o PEC-G os dados no site ainda constavam com a informação de 57 países participantes do programa.

Atualmente consta no mesmo site a informação de que 59 países são conveniados, um a menos do que o informado nas tabelas a cima. Deste modo percebo que os acordos com os países estão acontecendo de forma mais avançada do que as informações são disponibilizadas. Conforme dito em um outro momento, os acordos políticos e econômicos entre os países por vezes não acompanham os demais aspectos do aluno vinculado ao programa no país, como estadia, aspecto acadêmico e de sociabilidade, em sua maioria das vezes, fica a encargo do próprio estudante.

A partir do ano 2011, o número de alunos vinculados ao PEC-G nas universidades teve um aumento considerável. Desse modo o MEC cria no Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle do Ministério da Educação (SIMEC)²⁶ uma plataforma onde os dados de cada estudante são inseridos tendo assim um controle maior sobre as vagas oferecidas, cursos mais procurados, instituição que mais acolhe, e países mais atuantes no programa.

Nesta etapa apresento mais um recorte importante para a pesquisa. Com base nas informações que o continente africano é o que mais envia estudantes para o Brasil e com a ligação histórica entre os dois continentes, escolhi trabalhar na construção dessa pesquisa com alunas de países lusófonos do continente africano.

Outra informação, também em aberto tanto pelo MRE quanto pelo MEC, é o número de IES inscritas no programa. Contudo, o Programa de Estudantes–Convênio de Graduação - PECG tem sua frente em muitas universidades públicas e privadas em todo território nacional. É claro que não posso deixar de citar a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), que é a que mais recebe estrangeiros de vários outros programas e do PEC-G.

Entendendo a dimensão que o programa tem no território nacional - mesmo ainda sendo desconhecido de uma parcela dos estudantes brasileiros também locados nestas mesmas instituições - ouve a necessidade de mais um recorte: o territorial. Em vista que, a locomoção entre estados aumentaria consideravelmente o custo da pesquisa, me limitei às universidades

²⁶ <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-regulacao-e-supervisao-da-educacao-superior-seres> Acessado em 12/11/2019

públicas participantes do programa do município do Rio de Janeiro, como informado anteriormente.

4.3 RACISMO E SUAS FACES: SEU CAMINHO PELA HISTÓRIA.

4.3.1 O racismo e suas estruturas: um breve relato histórico.

A construção do Brasil, como um país que vive a discriminação, tem como base a chegada dos colonizadores que já contava com o aval da Igreja para escravizar negros, mouros e agora com os ameríndios, a construção desta nova terra se deu a base de muita exploração racial.

Primeiro dos povos ameríndios, com o extermínio de uma grande parte e catequização de outra, uso para o trabalho e o uso dos seus conhecimentos para exploração do território e suas riquezas. Depois com a chegada dos escravizados. Os “negros da terra” como eram chamados os ameríndios, não estavam dando lucros em forma de imposto, então outros meios de lucrar com era exportando mão de obra escravizada.

Onde o período do colonial até pouco antes do final do Brasil império a escravidão ainda atuava como um braço do modelo econômico da época. Na escravidão, o africano ocupava lugar central no processo produtivo, contudo, os ameríndios também eram mercadorias para o regime escravocrata. As relações econômicas de grande e médio porte, internas e com outros países, dependiam da força de trabalho escravo para se desenvolver. Por mais de três séculos (Pinsky, 2000), o escravo foi considerado uma mercadoria no Brasil. Ele podia servir de moeda de troca e, ao mesmo tempo, era a principal força motriz do sistema econômico. De acordo com Santos (2009), o total de africanos desembarcados no Brasil na época da escravidão oscilou entre 3,5 milhões e 4 milhões de escravos

A discriminação racial e o extermínio iniciaram a construção do Brasil, pois ideia que somente os europeus é que eram povos desenvolvidos, perdurou durante os três primeiros séculos da invasão e colonização do Brasil. Com a abolição este cenário não mudou segundo Pinto e Ferreira:

Com a abolição da escravatura e o advento do trabalho livre, ocorreram muitas mudanças sociais em que as relações de trabalho se transformaram e o escravo, ao se emancipar, transforma-se em negro livre e assalariado, passando a

participar do mundo do trabalho como trabalhador livre, vendendo sua força de trabalho de acordo com os ditames da nova ordem competitiva que se instaurava. Isso em tese é o que a história oficial aponta. Esse grande contingente de pessoas se viu sem perspectivas de trabalho, de educação e de inclusão social, visto que a mão de obra europeia já estava presente. (PINTO E FERREIRA, 2014)

O povo europeu primeiro veio como colonizador e com o fim do regime escravocrata eles passam a chegar como trabalhadores, empurrando ainda mais os negros para a marginalidade. De acordo com Munanga (2004), o eurocentrismo, determinou a construção da identidade nacional, desconsiderando a importância civilizatória dos povos não europeus, já que os civilizados eram eles e os demais carentes de serem “salvos” por este grupo que lhes presenteariam com os trabalhos forçados, na construção de uma sociedade civilizada e moderna, e “quem sabe desenvolvendo estes trabalhos, este homem escravizado também não aprenda algo”.

Quando os oligarcas perceberam que a luta para manter os escravizados como propriedade estava perdendo terreno, percebe-se a necessidade de não se perder a riqueza, transformando então a terra em propriedade, cria-se a lei de terras no ano de 1850²⁷, a terra deixa de ser da coroa e cedida e passa a ser propriedade podendo assim ser adquirida por meio de compra como nos afirma Podeleski (2009) “*A terra adquire dessa forma a propriedade de mercadoria - tudo o que pode ser vendido ou comprado -, podendo ser vendida e não mais apenas concedida ou doada*”. Os mesmos que querem ser louvados por ter libertado um povo com a mão que concede está “liberdade” já tinha lhes privado anteriormente do seu direito a terra e ao recomeço digno.

Mas a aplicação da Lei não fora tão coesa, pois entre os próprios proprietários havia distintos interesses, e a aquisição ilegal de terras continuou a existir por particulares, devido a certa independência das províncias e às altas taxas cobradas pela propriedade. (PODELESKI, 2009)

Com a assinatura do que ficou conhecida como Lei Áurea o Brasil já tinha em sua população um número expressivo de africanos e descendentes de africanos, e com esta “lei” os escravizados passam a ser libertos, no entanto, sem direitos, como vimos na citação a cima a terra já era propriedade privada. O fim do regime escravocrata o Brasil passa a divulgar para

²⁷ As Leis de Terras. Disponível em: https://www.camara.leg.br/Internet/InfDoc/novoconteudo/acervo/catalogo/leis_terras.pdf. Acesso em: 23 abril. 2019.

o mundo a imagem de país das oportunidades em diversas áreas atraindo assim a imigração europeia, tendo como objetivo principal o branqueamento da nação e a mão de obra para substituir os negros:

Desde as primeiras exposições, diante do que era percebido como o "fim iminente" da escravidão, o Brasil já vinha investindo na atração de imigrantes europeus, mas ainda de maneira limitada. O objetivo era, desde então, recrutar mão de obra, e também alterar a composição étnica da população do país: o branqueamento era considerado importante para o sucesso da nação. No entanto, a existência da escravidão era sinônimo de atraso, de falta de civilização, o que criava obstáculos para o ingresso do país no rol dos civilizados e para a própria imigração branca em larga escala. Agora, com a escravidão chegando ao fim, o *status* do país mudava, como pode ser depreendido do orgulho com o qual Santa-Anna Nery²⁸ apresenta a abolição como a grande conquista da civilização no Brasil nos últimos anos. (FERREIRA, FERNANDES e REIS, 2010)

A chegada desses imigrantes acentuou a discriminação racial e exclusão econômica que persistiram mesmo depois da lei Áurea e ao longo dos séculos. A amada liberdade não veio acompanhada por nenhuma ação, no sentido de integrar o negro à sociedade brasileira, esta sociedade escravocrata opressora acreditava que não devia nada a este povo nem mesmo o direito ao trabalho remunerado, e neste contexto é possível perceber os primeiros traços desse racismo estrutural criando suas raízes. Como Fernandes nos relata:

“A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. (...) Essas facetas da situação (...) imprimiram à Abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel”. (FERNANDES, 1978)

²⁸Frederico José de **Santa-Anna Nery**, paraense radicado em Paris, e um dos grandes responsáveis pela intensa participação do Brasil na exposição de 1889, já tinha experiência acumulada como propagandista do Brasil no exterior: publicou livros sobre a Amazônia, sobre a imigração italiana e sobre economia brasileira. Em 1889, foi o autor de um *Guide de l'immigrant au Brésil*, e organizou o volume *Le Brésil en 1889*, obra de 25 capítulos e mais de seiscentas páginas sobre temas variados como "população, território, eleitorado", "comércio e navegação", "imprensa", "arte", "finanças", "trabalho servil e trabalho livre", "imigração" etc. SANTA-ANNA NERY, F. J. (dir). 1889. *Le Brésil en 1889*. Paris: Ch. Delagrave/ Syndicat du Comité Franco-Brésilien.

No contexto histórico do racismo, seguimos acompanhando a primeira crise do capitalismo na qual o mesmo aproveita para subjugar ainda mais países tidos como subdesenvolvidos. O racismo tem sua construção nas ações de demonstração de poder com fatores políticos e o colonialismo é um deles, onde o negro segue sendo alijado socialmente com base no discurso de inferioridade racial, deste modo essas raças estão fadadas a desorganização política, já que são subdesenvolvidos, onde na realidade as oportunidades apenas lhes foram negadas como nos afirma Fernandes:

A mudança de estado social não trouxera consigo a redenção da raça negra e os negros e mulatos custaram a perceber isso. Eles a haviam sido expropriados de sua condição de dependentes e submissos recebido o peso do seu destino, mas não os meios para lidar com esta realidade sua única direção foi a marginalização diante do desamparo real[...]. (FERNANDES, 1978)

E caminhando para este novo modelo econômico onde o negro não tinha lugar, essa capitalismo feroz que chega de forma tardia ao Brasil usando sua máscara de novo e moderno, trazendo consigo a vontade de cada vez mais refletir a Europa desenvolvida e branca, o Brasil passa a desejar ser este país que nasceu por mãos negras, mas que quer ser visto e aceito como branco. E este sujeito negro, índio e mestiço passa a ser a barreira entre uma sociedade “evoluída e aceita”, e Duarte nos assinala:

Ora, assim sendo, há duas maneiras, para os países brancos, que receberam um contingente grande de negros, se conservarem-se brancos. Ou têm eu adotar o método cruel e desumano, sociologicamente mais perigoso, da segregação completa dos negros, meio escolhido pelos Estados Unidos; ou o método, embora mais lento, preferido pelos latinos, em geral, mais humano, mais inteligente, embora moralmente mais perigoso durante o período de transição, isso é, a face mais ou menos prolongada da eliminação do elemento negro pela miscigenação. (DUARTE Apund GUIMARÃES. 2011, p. 47)

E neste contexto a segregação sendo algo mais visual e direta e facilmente entendida sem que a subjetividade impere no seu modo operante, foi facilmente descartada, e o branqueamento da nação foi a opção para o extermínio de forma paulatina da população negra. Para colaborar diretamente com o extermínio do negro no Brasil, a pobreza e abandono também são usadas como ferramenta, e assim negar oportunidades ao negro na sociedade brasileira fez parte do processo de exclusão, marginalização e extermínio.

Esta sociedade não quer ser negra, esta identidade está marcada por anos de atrocidades Duarte (2011) nos lembra que o Brasil quer se um país branco e não um país negro, diante dessa realidade é possível constatar a dificuldade de se aceitar como um país negro e ameríndio, não apenas por acreditar na incapacidades que alguns queriam imputar ao negro e ao índio, contudo isso já não é mais relevante o que impera mesmo é a vontade do Brasil e ser branco e isso basta.

Diante dessa afirmação, como não entender a política de apoio a imigração exclusivamente europeia, era uma forma direta de clarear a nação acompanhada do descaso das autoridades competentes, a população negra que agora está livre, porém marginalizada para que sua existência pudesse aos poucos ser apagada da história e da sociedade.

Assim sendo, para a oligarquia se tornou conveniente que os problemas da sociedade brasileira deixasse de passar pelo fator racial e começasse a permear pelo fator econômico, assim, deixam de ter obrigações de caráter reparatório pela forma que os antepassados desses afrodescendentes foram tratados, quanto a questão dos ameríndios isso não era mais nem levada em consideração, afinal no “Brasil só existia índio na Amazônia ou nos livros”, e seguia a manutenção desses opressores no poder.

O autor Gilberto Freyre nos lembra que as questões socioeconômicas passam a agravar no Brasil o “mito da democracia racial”, já que o que separava a população não era a cor da pele e sim sua condição financeira. O que está minoria que detinham o poder não deixava transparecer era que para eles o povo, pobre e negro eram diferentes e não apenas estavam em condições desiguais, afinal essa desigualdade pode ser superada mas as diferenças não, e alegando estas diferenças eles podem determinar quem está apto ou não para deter o poder, e Almeida (2018) nos afirma que “racismo e sexismo colocam as pessoas em seu *devido lugar*, ou seja, nos setores menos privilegiados e mais precarizados da economia” onde não exercem poder.

Quando Gilberto Freyre apresenta sua obra “Casa grande e senzala”²⁹, não imaginou que as famílias oligárquicas fariam uso de seus conceitos, de que a *miscigenação que geraria um povo mais forte e capaz de maior desenvolvimento*. Desta forma a democracia racial seria quase que um fator óbvio (assemelhando-se a afirmação de não sermos racistas por temos amigos negros) e graças a mestiçagem a teoria de democracia racial se tornou uma bandeira nacional para o Brasil, para disfarçar seu preconceito, e com o passar do tempo, a democracia

²⁹ A obra clássica de Gilberto Freyre Casa Grande e Senzala de 1933.

racial se tornaria amplamente aceita entre os brasileiros e entre muitos acadêmicos na luta pela negação do racismo em todas as facetas.

E o único modo de convencer que não há um grupo étnico declaradamente no poder, é assumindo socialmente as benesses da miscigenação, a negação do negro e agora do pardo em condições subalternas, que favorecerá a manutenção da parcela branca da sociedade sobre as demais culturas, segundo Munanga (1999), o processo de homogeneização dos indivíduos traria conseqüentemente o branqueamento da população negra, e assim a mestiçagem seria uma etapa para o clareamento que chegaria ao longo dos anos de forma positiva, assim sendo a valorização da mestiçagem pode ser lida como uma ponte para o apagamento histórico do indivíduo negro.

Para a “oligarquia moderna”³⁰ se tornou conveniente que os problemas da sociedade brasileira deixassem de ser vistos pelo fator racial e exposto apenas pelo fator econômico. O que esta minoria que detinha o poder não deixava transparecer era que para eles o povo pobre e negro era diferentes e não apenas estava em condições desiguais, afinal essa desigualdade pode ser superada, mas as diferenças não.

Para os que estão no poder estas diferenças podem determinar quem está apto ou não para deter o poder, não descartando as ações racistas individuais que acontecem na construção cotidiana e sem a menor repressão de nenhuma das esferas da estrutura social, Almeida (2018) completa que:

“Assim, detêm o poder os grupos que exercem o domínio sobre a organização política e econômica da sociedade. Entretanto, a manutenção deste poder adquirido depende da capacidade do grupo dominante de institucionalizar seus interesses, impondo a toda a sociedade regras, padrões de conduta e modos de racionalidade que tornam ‘normal’ e ‘natural’ o seu domínio” (ALMEIDA, 2018).

A ação do racismo no séc. XXI, ainda se dá no individual, mas com o avanço das suas práticas ganharam força e se enraizaram no campo estrutural, onde estas manifestações de discriminação perderam o rosto do indivíduo e tomam a face excludente do Estado “*Em um país desigual como o Brasil, a meritocracia avaliza a desigualdade, a miséria e a violência, pois dificulta a tomada de posições políticas efetivas contra a discriminação racial, especialmente por parte do poder estatal*” (Almeida, 2018). A violência também é um símbolo dessa discriminação, pois jogar o negro para a marginalidade, a tentativa frustrada de

³⁰ Faço uso da combinação dos dois termos para classificar nesta pesquisa a elite brasileira que colabora para a manutenção das desigualdades raciais.

embranquecer a nação não foram suficientes para o seu extermínio já que hoje a população negra e parda são maioria na sociedade brasileira tornando-se o segundo país em população negra do mundo, só perdendo para a Nigéria.

Agora outras medidas passam a ser utilizadas e novamente disfarçada de “ações benéfica para todos” a política do embranquecimento se mostrou ineficaz e para garantir a sua manutenção no poder e seu “direito absoluto” de usufruir das benesses do capitalismo a força novamente é acionada desta vez substituindo a chibata pela arma de fogo já que “[...] *a manifestação do racismo possui fundamentos extraeconômicos, de modo que mesmo que o negro ascenda socialmente, ele ainda sofrerá com atos racistas, alterando-se apenas a forma de violência, de estrutural para cultural*”(Almeida 2018).

Observasse que na esfera da violência cultural a motivação dessa elite branca é apenas uma coisa: mais dinheiro. Para tal outros precisam ter cada vez menos, nesta guerra de poder os brancos criam exércitos compostos de negros para matar outros negros e assim seus objetivos são duplamente alcançados, o extermínio de jovens negros e o aumento significativos dos seus lucros. A face cruel do racismo estruturante que para muitos da sociedade se apresenta como efeito colateral - *a extrema violência a que populações inteiras são submetidas* - para manutenção da segurança pública.

Esta segurança pública que nunca está a favor da população carente, que em sua maioria é negra e parda, e que sofrem os ataques diretos do Estado, seja na sua ausência como por exemplo, a falta de escolas e postos de saúde, seja por sua intensiva presença através do policiamento ostensivo, onde o negro sempre é a figura suspeita que apresenta grande ameaça.

E Almeida atesta esta minha afirmação quando diz:

O racismo, mais uma vez, permite a conformação das almas, mesmo as mais nobres da sociedade, a extrema violência a que populações inteiras são submetidas, que se naturalize a morte de crianças por “balas perdidas”, que se conviva com áreas inteiras sem saneamento básico, sem sistema educacional ou de saúde, que se exterminem milhares de jovens negros por ano no que vem sendo denunciado há anos pelo movimento negro como genocídio. (ALMEIDA 2018 p. 94)

Esta ação do racismo estrutural, não se configura apenas com a questão de classe já que pessoas negras com diferentes condições sociais então expostas aos mesmos ataques preconceituosos, devido ao se fenótipo, um policial não pergunta os dados bancários de um

indivíduo antes de atirar. Os relatos de pessoas negras de classe média alta, e até mesmo pessoas famosas confirmam isso, quando um jogador famoso durante um jogo é atacado pela torcida jogando bananas no campo³¹, percebemos que esta ação não está ligada a condição financeira do mesmo jogador e sim da sua raça.

Podemos constatar que o racismo se faz presente nas relações de poder onde o negro está sempre na posição de subalternidade independente do quanto socialmente ele esteja favorecido, e Almeida(2018) relata que o racismo não é dissolvido nas questões de classes sociais, pois independente das classes sociais que o sujeito ocupe a questão racial estará lá compondo o subjetivo do sujeito.

Desta forma constatamos que relações sociais se compõe de fatores determinantes, como poder e política, contudo a questão racial perpassa por todas as relações sociais e todas as classes, observando o caso do jogador, citado acima, que conseguiu sair da pobreza, porem a questão racial continua sendo determinante para os ataques. Nos levando a observar os desdobramentos do racismo podendo ser individual, estrutural e institucional, ou seja, de que ele é um elemento que integra a relações sociais, as instituições, as organizações econômicas e políticas da sociedade.

Impossível continuar negando, que o racismo que permeavam a sociedade brasileira a décadas há traz, ainda estão nas estruturas e nas relações sociais mesmo coma luta dos movimentos negros, ele continua entrelaçado não só de forma subjetiva em nossa sociedade, mas entranhada no modo operante, estrutural e institucional que ela se constitui.

4.4 O RACISMO INSTITUCIONAL

Ao pensar sobre o racismo atualmente, ainda existem os que acreditam que essas ações são pontuais proferidas por indivíduos incultos, e que os elos sociais com o racismo já foram rompidos, no entanto esses pensamentos do senso comum não condizem com a realidade brasileira e nossas estruturas, já que pontuamos ao longo dessa pesquisa que não se trata de uma conduta individual e subjetiva, e sim de uma atuação do racismo em diversas frentes o reconhecendo também como um sistema, uma vez que se organiza e se desenvolve através de estruturas, políticas, práticas e normas capazes de definir oportunidades e valores para pessoas

³¹ O caso aconteceu com o Jogador do Barcelona Daniel Alves que em ato de protesto comeu a fruta. <https://www.geledes.org.br/racismo-torcedor-atira-banana-ao-daniel-alves-que-comeu-em-pleno-jogo-assista-ovideo/> acessado em 12/05/2019

e populações a partir do seu fenótipo, atuando em diferentes níveis: pessoal, interpessoal e institucional.

Entender que o racismo está socialmente enraizado e estruturalmente moldado, alicerçados nas instituições (ALMEIDA, 2018) e o movimento negro apresenta um debate sobre as características dessas demonstrações da discriminação diária, que não tem um rosto para se acusar, mas tem toda uma instituição que “legitimam” estes atos, que só são proferidos ao outro devido a características fenotípicas colaborando assim para a manutenção do poder aos brancos que ainda fazem uso dos privilégios que uma sociedade racista lhe oferece como nos mostra Hasenbalg:

Num certo sentido a sociedade brasileira criou o melhor dos dois mundos. Ao mesmo tempo em que mantém a estrutura de privilégio branco e a subordinação não branca, evita a constituição da raça como princípio de identidade coletiva e ação política. A eficácia da ideologia racial dominante manifesta-se na ausência de conflito racial aberto e na desmobilização política dos negros, fazendo com que os componentes racistas do sistema permaneçam incontestados, sem necessidade de recorrer a um alto grau de coerção. (HASENBALG, 1979, p. 246).

E é neste contexto social que se começa o debate sobre a maneira que os negros são tratados nas empresas, escolas, universidades, pela polícia, hospitais e etc. E principalmente ao aumento de relatos de violência obstétrica que se começa a pensar na área da saúde o debate sobre racismo institucional e logo se amplia para as demais instituições:

É, então, no contexto dos anos de 1990, e com maior ênfase nos anos 2000, com a crescente demanda e permeabilidade do Estado brasileiro por parte do movimento negro, que o conceito de racismo institucional emerge como organizador de uma nova pauta de ações que possibilita a mobilização dos vários atores sociais que intervêm no processo de elaboração de políticas públicas de promoção da igualdade racial. (LÓPES, 2012)

A própria necessidade da elaboração de políticas públicas e promoção da igualdade racial, nos remete ao não lugar ocupado pelo negro na sociedade brasileira e o quanto seus direitos foram ao longo das décadas negligenciados, submetidos ao descaso e apagamento na tentativa de embranquecer a nação, e assim reflexo de oportunidades desiguais de ascensão social após a abolição como observou Theodoro (2008).

Na posição de preteridos a população negra, que mesmo com a liberdade declarada teve seus pés atados as bolas de ferro chamada: impedimentos. Quando oportunidades de trabalhos lhes eram negadas, direitos a educação, saneamento básico enquanto os imigrantes logo fizeram fortuna na terra próspera que o Brasil se apresentava, e para os negros os subempregos na divisão hierárquica do trabalho.

Na qualidade de negros era implantado a ideia de terem que se esforçaram sempre mais, para que rompesse com a condição social de pobre, sem jamais se esquecer quais eram “seus lugares apropriados” Hasenbalg (1979), compreendendo assim que a sociedade capitalista havia reservado apenas a base da pirâmide aos negros, para que seus privilégios não passe a ser compartilhado pelos não-brancos, já que o número de pardos se torna crescente.

Compreendendo que para a manutenção da mobilidade social seja mínima e apenas entre os brancos, somente o preconceito individual não daria conta da discriminação social, deveria ser mantida nas estruturas do poder e suas instituições que representa o Estado e na maneira desigual que determinados serviços são oferecidos para os negros. Mendes 2016 no livro “O Poder Negro” traz o discurso de Carmichael, nos diz que a hierarquização racial é mantida através da *“falha coletiva de uma organização em prover um serviço apropriado e profissional às pessoas por causa de sua cor, cultura ou origem étnica”*, o que nos faz observar como o racismo institucional é só mais uma ferramenta para a manutenção do *“status quo”* da sociedade.

Entender o racismo institucional não anula suas outras formas de atuação, mas nos faz pensar na sua ampla dimensão que forja privilégios para uns em agravo de outros, executando assim a permanência de situações de desassistência e exclusão dessa parcela da sociedade.

Segundo Werneck (2016) entendendo que as diversas formas do racismo se entrelaçam e se deslocam para diversos aspectos da sociedade, dando privilégios aos brancos:

Já o racismo institucional (RI), que possivelmente é a dimensão mais negligenciada do racismo, desloca-se da dimensão individual e instaura a dimensão estrutural, correspondendo a formas organizativas, políticas, práticas e normas que resultam em tratamentos e resultados desiguais. (WERNECK 2016)

Desse modo apresento também uma tabela para melhor visualização das camadas e modos de atuação social do racismo:

Tabela 7: Quadro atuação do racismo



Fonte: Baseado na tabela de Jones (2002) segundo Werneck (2016)³².

É possível ver de forma objetiva a extensão que o racismo tem na dinâmica de vida dos sujeitos, nos levando a refletir em que momento esta configuração social permite que o sujeito negro saia desse labirinto social, para que as questões raciais não estejam sempre a frente. O quadro nos traz a afirmação de que o fenótipo falará na frente do sujeito, seja para receber privilégios, ou seja para ser negado privilégios, refutando a ideia de racismo reverso, pois ao avaliar o quadro não é observável setores de poder onde o negro atue subjugando o branco.

Quando no quadro falamos sobre a ação do racismo interpessoal/internalizado tratando-se de sentimentos e condutas podemos exemplificar a conduta quando alguém presencia uma atitude racista e não se posiciona contra essa situação. No campo do sentimento é ver o outro como sendo inferior devido à sua raça.

E no quadro interpessoal temos a ação e omissões. A ação é composta por as falas ofensivas ditas por um indivíduo unicamente para menosprezar, ofender ou caluniar uma pessoa por causa da sua raça ou religião. Omissão acontece todas as vezes que o sujeito tem seus direitos negados pelo motivo da raça.

Como nos lembra Almeida (2018) são nestas relações de poder que a sociedade opera e para alguns, determinadas situações estão naturalizadas de tal forma que o espanto é causado quando alguém faz a denúncia da discriminação racial, e dessa forma “as instituições

³² <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v25n3/1984-0470-sausoc-25-03-00535.pdf> texto acessado 23/06/2019

são a materialização das determinações formais na vida social” e derivam das relações de poder, conflitos e disputas entre os grupos que desejam admitir o domínio da instituição.

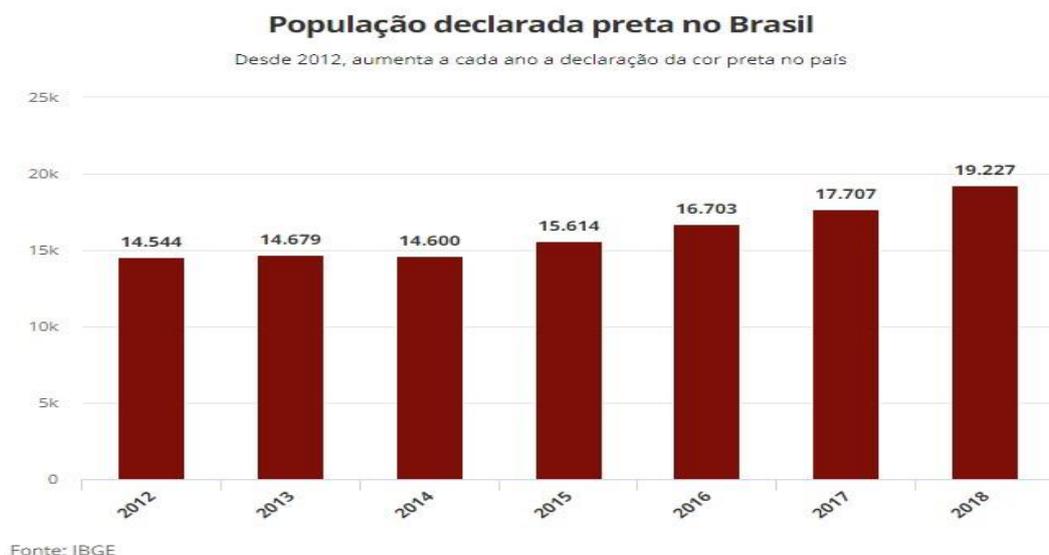
Compreendendo que a sociedade é composta por indivíduos, não é possível pensar uma sociedade estruturalmente racista, sem pensar em agentes determinados em manter a manutenção dessas estruturas, para que esta parcela significativa da população não tenha acesso aos meios de dominação. Outro exemplo das ações individuais por meios institucionais para entender o racismo, é o anúncio de um Estado laico com dirigentes adeptos do cristianismo, que incitam a perseguição das religiões de matriz africana.

São modos operantes como este que não nos permite enquanto pesquisadores e ativistas continuar tratando a questão racial no Brasil, apenas no campo pessoal e interpessoal sem pensar em como estes sujeitos foram compostos e como a sociedade em que eles estão são compostas Almeida (2018) exemplifica dizendo que uma pessoa não nasce branca ou negra, mas ao longo do seu processo de desenvolvimento como sujeito e esta relação esta diretamente ligado a círculo de relações sociais que colaboram para sua formação de consciência.

Antes mesmo do sujeito se entender como branco, pardo ou negro a sociedade já disse a ele o lugar social que ele ocupa, uma criança branca talvez passe uma boa parte de sua vida, sem compreender o seu lugar de privilégios, enquanto uma criança negra é desde cedo educada para entender o seu não lugar, e aprender ainda muito cedo que a maneira que a sociedade a enxerga.

Nos últimos 7 anos a população que se declara negra tem aumentado no Brasil, o IBGE mostra um aumento de 37% da população negra:

Tabela 8: População declarada preta no Brasil



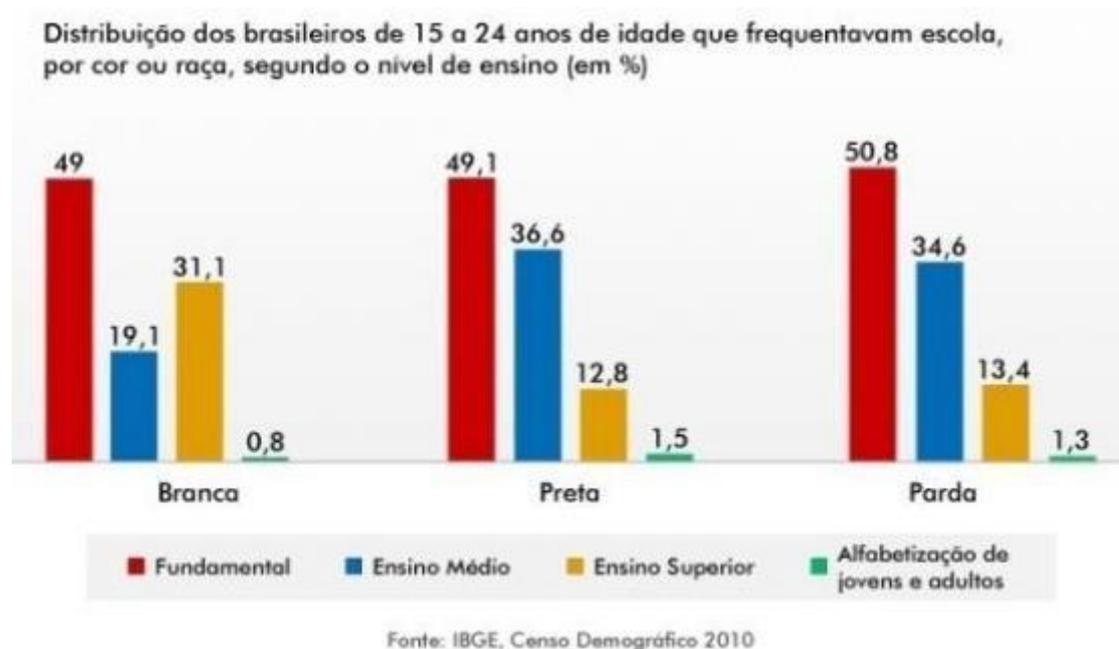
Este crescente aumento da população não está diretamente ligada a taxa de natalidade e sim a auto declaração, nos últimos anos com o avanço da discussão sobre as relações étnico raciais e a valorização do ser negro colaborou diretamente para esse aumento expressivo nos dados, e novamente as mulheres entram em destaque sendo cada vez mais visível o número de mulheres de faixas etárias distintas que enfrentam a transição capilar para assumir sua identidade afro.

Outro fator importante são as relações escolares que perpassa pela vida dessa criança, na adolescência e na vida adulta. A criança negra tem sua inteligência o tempo todo questionada, quando alcança boas notas, ou quando tem determinados comportamentos, e o mesmo julgamento não feito quando uma criança branca tem as mesmas ações ou boas notas. Entendemos que a escola é uma construção social e sendo assim tem em sua composição ações dessa sociedade: o racismo é uma delas:

A Educação e as organizações educativas são instrumentos culturais desse colonialismo cognitivo: é o etnocentrismo pedagógico e o correlato psico-cultural do “furor pedagógico”, uma gestão escolar autoritária e impositiva para nivelar as diferenças das culturas grupais por meio do planejamento. O etnocentrismo consiste na dimensão ético-política da mesma problemática cuja dimensão psico-antropológica envolve a Sombra ou o Inconsciente. (CARVALHO, 1997, p. 181-182)

No momento da transição entre ensino médio e o vestibular isso não muda muito, após ser desencorajados por alguns professores na educação básica e mesmo assim esse aluno persiste, quando ao longo desse caminho acontece a entrada de um percentual mínimo de alunos negros nas universidades públicas esta ação é vista como “mérito”, visibilizando todas as barreiras postas no caminho e por vezes desqualificando os jovens que não alcançaram tal patamar, como veremos na tabela 9 os números de alunos negros entre os níveis de escolarização.

Tabela 9: Frequência nas escolas segundo cor/raça



Dentre as metas do Brasil, existe uma meta de alfabetização que ainda não foi cumprida e nota-se que o número de pretos em relação aos brancos no gráfico é o dobro, se reunir com o grupo de pardos o número fica absurdamente alto em relação aos brancos que nitidamente são menor número e são maior porcentagem dentro das universidades.

Retirando do processo excludente e racista a responsabilidade da exclusão desses jovens da vida universitária, nas escolas públicas eles são a maioria, contudo nas universidades públicas são a minoria. Nos levando a um outro modo de racismo que foi muito usado nas construções de embasamento para a discriminação racial, o racismo científico que embasou teorias como por exemplo a eugenia anteriormente já referenciada aqui. As universidades não são setores partidárias e isoladas, é o espaço da produção de conhecimento, é a principal ferramenta para a mobilidade social, além de fornecer o “status de detentor do conhecimento” para aqueles que transitam por seus corredores.

Desse modo é improvável pensar que esta instituição de tamanha importância, na sociedade brasileira não seria por si só uma ferramenta de manutenção da opressão. A universidade tem seu papel na reflexão nas ciências humanas e na construção social. Kant (1996) afirma que o homem precisa deixar a minoridade e que o homem é o próprio culpado, dessa minoridade se a sua causa não estiver na ausência de entendimento, portanto, capaz de almejar a maioria somente através do processo educacional.

Durante muitos anos o direito a alcançar esta independência através da educação foi negada a uma parcela significativa da população, e esta emancipação foi conquistada nas formações de base, na luta, nas periferias e movimentos sociais, sem desistir de alcançar o direito de ocupar as universidades, local de privilégios para alguns e exclusão para outros, retratando com maior peso a figura do racismo institucional no campo da educação.

A seguir apresento os relatos das nossas interlocutoras e como já apresentei anteriormente as mulheres que serão lidas aqui e também me apresentei e a esta pesquisa, novamente venho me colocar como mulher, negra, pesquisadora que também ocupa o olhar de estrangeira, no encontro de quem eu sou e de quem elas são nasceu o “nós”. Por vezes me encontrava em suas falas e nos refletíamos ao nos encontrar como estrangeiras, cada uma com suas especificidades que agora habitavam esta nova terra. E agora divido nesta pesquisa um pouco dos nossos encontros.

4.5 AS ALUNAS DO PEC-G: seus discursos e diversos olhares.

4.5.1 A chegada até o programa PEC-G, e o processo seletivo para entrada no programa.

“Sabia que meu lugar, meu umbigo, pertencia a terras distantes na costa ocidental africana ali onde é hoje Gana, Costa do Marfim, Angola, Guiné-Bissau, Benin, Nigéria... Eu mesmo nem era sozinho Nações inteiras me reinavam. Havia um pouco de balanta, ovimbundo, fon, Iorubá, Igbo, cabinda, fula, quiloa, mandingas conspiravam comigo”³³

Como apresentado anteriormente no capítulo 4.2 desta dissertação o processo seletivo para a o programa PEC-G é realizado no país de origem das alunas, com a escolha direta apenas do curso tendo o direito de uma primeira e segunda opção. As demais escolhas passam

³³ Trecho do poema “O lá e o aqui” de autoria do cientista político e professor universitário Márcio André dos Santos. A obra é recitada no documentário de mesmo nome que o poema, pela moçambicana Vanilza Flora.

a ser feitas de acordo com as vagas disponíveis e a classificação dessa aluna. Portanto escolhas como universidade e cidade são secundárias.

Sobre o processo seletivo, aqui juntamos as falas das entrevistadas. Existe uma aula na qual participam durante um mês, no Centro Cultural Brasileiro em seu país a orientam o dia da seleção, candidatura e tiram dúvidas. É um curso preparatório. É pago uma taxa de inscrição e elas fazem uma prova oral e outra escrita. O PECG encaminha, através do contato entre as embaixadas do país de origem e Brasil. São necessários documentos como visto de estudante, identidade, legalidade dentro do país, certificados anteriores, certificado de proficiência (língua portuguesa), dados bancários. Nesta etapa de documentação é feito com rigor de forma que muitos candidatos não passam desta etapa. Cada país tem suas exigências.

Tabela 10: Como conheceu o programa PEC-G:

Entrevistadas	País de origem	Local
Alda	São Tomé	Embaixada do Brasil
Lura, Cesária, Inácia	Cabo Verde	Escola
Josina, Sara, Titina	Moçambique/Cabo Verde	Amigos
Nzinga	Angola	Internet

Fonte: A autora 2019.

Cada país aqui representado pelas entrevistadas tem suas características próprias até mesmo na forma que as estudantes conheceram o programa. Segundo as entrevistadas a embaixada do Brasil e os Centros culturais divulgam o PECG. Apenas uma informou que ficou sabendo pela embaixada. Outra através de amigos que comentaram sobre o Centro Cultural de Moçambique e três de Cabo Verde através da divulgação do PECG que ocorre também nas escolas para os estudantes de ensino médio. Duas afirmam ter conhecido através de indicação de amigos, alunos que já haviam participado do programa e uma descobriu pela internet.

A maneira como cada país usa para divulgar as vagas para o programa PEC-G são distintas e no relato das alunas percebemos as diferentes formas para as informações cheguem até o público esperado. Um dos canais que faço a avaliação da sua grande importância são os centros culturais brasileiros nestes países.

O programa PECG eu conheci a partir de um colega do meu pai, então...é...o Brasil tem convênio com alguns países, então lá nos temos um centro

cultural, chamado Centro Cultural Brasil Moçambique (CCBM) então foi lá onde eu fui saber das bolsas que davam de estudo para estudante. (JOSINA, 2018)

E com essas falas podemos avaliar a importância desses centros culturais para essas jovens em um momento tão importante quanto este, o de escolha não só do curso e da universidade, mas também onde fixar nova moradia pelos próximos anos. Conhecer esse novo território mesmo que de forma mínima colabora, para que este conhecimento prévio ajude com a adaptação e para a escolha definitiva do local para os estudos.

Então foi na minha escola, no ensino médio, foram lá e fizeram uma palestra falando sobre a PEC-G, sobre o que é, como é que faz para entrar, distribuíram panfletos e ai depois eu acabei por entrar num site para ver mais sobre isso e tal...e me interessei e ai esperei abrir o concurso e me candidatei. (CESÁRIA, 2018)

Podemos observar que apenas a Josina não teve acesso à informação de forma ampla. Já as demais entrevistadas souberam do programa pela divulgação que é feita pelo Brasil. Cesária e Titina nos relatam que em Cabo Verde, as escolas recebem atividades de promoção e divulgam as oportunidades de estudos que o Brasil oferece:

Eu fique sabendo pelas alunas que já tinham regressado para Cabo Verde e também pela embaixada de Brasil em Cabo Verde, eles tem lá o centro cultural Brasil que todo final do ano letivo lá todas as escolas públicas fazem tipo um evento com todas as informações como se faz pra se candidatar e essas coisas. (TITINA,2018)

Atribuo a forma que é feita a divulgação do programa PEC-G em Cabo Verde ao grande número de estudantes Cabo-Verdianos em nosso país. Desse modo, elas também são maioria nesta pesquisa. Como podemos ver, na tabela a baixo, seguem os países das alunas entrevistadas:

Tabela 11: PEC-G – A entrada de alunos pelos países das entrevistadas - 2000 a 2015

País / Ano	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	Total
Angola	3	21	29	23	33	11	31	28	91	68	48	83	63	53	59	77	721
Cabo Verde	117	65	227	263	192	230	314	265	381	206	133	74	155	88	104	119	2933

S. Tomé e Príncipe			24		47	147	35	13	12	4	6	19	12	3	19	17	358
Moçambique	12	13	27	21	26	27	13	9	4	4	9	7	8	13	13	9	215

Fonte: Adaptação dos autores de Brasil (2015).

De acordo com a tabela Cabo Verde liderou o ranking dos países que mais enviaram alunos, desse modo teremos aqui neste trabalho mais alunas Cabo-Verdianas. Outro fator que colabora para que o Brasil se torne um lugar interessante para estudar, segundo Dias (2016), além da cooperação entre os países, é o interesse de adquirir conhecimento ao ter contato com outras culturas, como também observamos este fato nas falas das estudantes.

Entre as entrevistadas, apenas a Nzinga não teve contato direto com centros culturais brasileiros, informações na escola ou na embaixada/consulado brasileiro. Tomou conhecimento do programa através de uma pesquisa na internet, já que seu interesse era estudar fora do país.

Eu comecei a ver possibilidades de estudar fora naquele ano, eu não queria ficar parada aí comecei a pesquisar e apareceu o Brasil. E conheci o programa PEC-G através da internet em um grupo de Facebook. (Nzinga, 2019)

Analisando as informações acima concluo a grande importância dos centros culturais brasileiros das divulgações das vagas disponibilizadas pelo programa PEC-G. E como apresentarei no próximo tópico a escolha do país por nossas entrevistadas ocorreu de maneira particular, embora o Brasil seja um país influente nos países africanos.

4.5.2 A escolha do País

O Brasil tem recebido ao longo das duas últimas décadas um contingente significativo de alunos vinculados ao programa PEC-G e em sua maioria do continente africano. Sendo assim, as categorias de análises com um questionário semiestruturado foram: Decisão de estudar no Brasil, a escolha do curso e da universidade; Convívio com os professores e alunos da universidade e adaptação social. Retomando que temos oito entrevistadas, cinco delas Cabo verdianas, uma Moçambicana, uma Angolana e uma São-tomense.

Começamos a entrevista pela preferência de estudar no Brasil das oito entrevistadas. Quatro tinham o Brasil como primeira escolha, a relação com parentesco ou alguém próximo colaborou na decisão do país, na tabela a baixo destaco o panorama geral das entrevistadas:

Tabela 12: Por que o Brasil?

Motivo	Entrevistadas
Oportunidade	Alda, Josina, Titina, Nzinga
Conhecer pessoas	Lura (irmã), Sara (amigos), Larissa (primas)
País atraente	Inácia

Fonte: A autora 2019.

A escolha pelo Brasil das entrevistadas nota-se que algumas já pensavam em sair e apenas se inscreveram por ser cultural, as alunas de Cabo Verde dizem que o fato do país ser pequeno e não ter um número grande de universidades e cursos colaborou para a opção de estudar fora; algumas vieram por conhecer pessoas, como amigos ou membros da família que queriam ou tinham vindo a estudos para o Brasil. O conhecimento através das novelas, carnaval atraem também as estudantes a querer conhecer o nosso país. Para uma das entrevistadas ela não queria um país que tivesse a língua portuguesa e sim inglês, mas acabou vindo para o Brasil pela oportunidade, assim como outra das entrevistadas que tinha interesse pelo Brasil ou Cuba e veio pela oportunidade também.

E apresento o relato das entrevistadas, e como nos diz Cesária:

“Não sei, eu acho que eu sempre quis estudar no Brasil...eh...também pela facilidade da língua por ser português também...sempre ouvi falar do Brasil, eu já tinha primas que estudavam aqui, uma em Paraíba e outra esqueci aonde agora...em João Pessoa...alguma coisa...então...eh...assim...nesse contato de saber que já tinham familiares aqui e de eu ouvir falar do Brasil então escolhi Brasil, nada me tirou da cabeça é o Brasil e ficou.” (CESÁRIA, 2018)

Ter esta referência no país que se pretende estudar, influenciou diretamente duas as entrevistadas, uma fez a escolha pela influência que o Brasil tem nas mídias e por ter familiares aqui e a outra teve sua escolha pelo curso de medicina. Já as entrevistadas que foram aprovadas pelo programa, mas não tinham o Brasil como primeira escolha, queriam a oportunidade de praticar uma nova língua, e esse era o fator da escolha:

Assim, eu sempre tive um sonho de estudar fora, mas não propriamente em um país que falasse a língua portuguesa, eu queria ir para um país que falasse a língua inglesa, mas como apareceu a oportunidade de eu estudar fora eu tipo agarrei ela. (JOSINA, 2018)

Mesmo o Brasil não tenho a primeira opção de duas das entrevistadas, nesta amostragem aqui temos cinco de oito alunas que escolheram o nosso país, que é um dos mais procurados e que mais recebe alunos do continente africano. O Brasil tem parcerias com centros culturais e as Embaixadas brasileiras promovem a divulgação das vagas oferecidas conveniadas ao programa PEC-G:

Pela embaixada do Brasil em São Tomé, lá tem centro cultural e lá eles fazem várias coisas, tem várias atividades e lá ficam vários anúncios aí é que eu fiquei sabendo que tinha o programa PEC-G, que podia se inscrever, que eles te dão uma vaga, no estrangeiro, na universidade. (ALDA, 2018)

Nesta fala observo a importância que os centros culturais tem, não apenas em território nacional, mas em outros países também. Nosso país, segundo nossas entrevistadas é reconhecido por sua força cultural e muito dessa herança que temos foi trazida do continente africano. Esses laços colaboram para que estas alunas tenham o Brasil como um lugar de referência e acolhida para esta nova jornada da vida universitária.

4.5.3 As escolhas da cidade, universidade e curso.

Pela descrição das entrevistadas não é possível planejar com antecedência o novo local para fixar residência já que esta escolha vai depender da disponibilidade de vaga do curso para qual elas foram aprovadas. Explicam que elas não fizeram a eleição do local, mas que têm duas opções de curso (primeira e segunda opção) e eles escolhem a universidade que tem vaga pela nota alcançada, a maioria (5 entrevistadas) escolheu os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, por serem as cidades mais conhecidas. Apenas Titina informou que não queria essas cidades por ouvir sobre a violência. Definiu-se por Vitória e Florianópolis, mas foi selecionada para o Rio de Janeiro.

Tabela 13: Escolha do Estado.

Escolha do RJ	Entrevistadas
Não escolheu	Alda, Josina, Sara, Titina
Escolheu	Lura, Cesária, Inácia, Jussara

Fonte: A autora 2019.

Lura já pôde optar pelo o Rio de Janeiro por indicação da irmã que achou um bom lugar para fazer enfermagem. Cesária também escolheu o local pelo curso de enfermagem e Inácia decidiu-se não só pelo curso, mas pela quantidade de conterrâneos que havia na cidade. Nossas entrevistadas no período da entrevista residiam nos seguintes bairros:

Tabela 14: Bairros que residem

Entrevistada	Local
Alda, Josina	Tijuca
Lura, Cesária, Titina	Pilares
Sara	Seropédica (Alojamento Universitário)
Inácia	Engenho novo
Nzinda	Niterói (Alojamento Universitário)

Fonte: A autora 2019.

Na cidade do Rio de Janeiro as adaptações mais difíceis, para as entrevistadas, foram a violência e a locomoção. A língua e o calor foram pontuados e a grande dificuldade de arrumar uma casa já que é necessário fiador, ou três meses de depósito, referiram-se também ao trânsito que interfere nos horários. As informações aqui declaradas por nossas protagonistas caracterizam o cotidiano da metrópole que é o Rio de Janeiro e como elas observaram este novo local.

Eu sou muito caseira. Gosto de lugar calmo. O Rio de Janeiro é um lugar agitado, muito agitado mesmo e tem toda essa questão da violência, assalto, essas coisas, e tem que sair na rua com celular, todas essas coisas, eu não vou falar que não acontece assalto no meu país, acontece com certeza, mas não é nada como o Rio de Janeiro e para mim isso foi o mais difícil. (ALDA, 2018)

Alda nos alerta para uma realidade que as mulheres estrangeiras, ou não enfrentam no Rio de Janeiro que é o medo da violência. Lidar com a cidade para qual se muda com o objetivo de estudar, não torna esta adaptação indolor. O processo de conhecer esta cidade para além dos muros das universidades traz seus desafios como também nos relata Titina:

Eu não gosto muito do Rio de Janeiro, por que é muito agitado eu vim de um lugar muito calmo muito tranquilo, tem a questão da violência eu já fui assaltada então assim é muito agitado eu prefiro um lugar calmo mais tranquilo e o Rio de Janeiro é tudo ao contrário. (TITINA, 2018)

Estes acontecimentos devem ser pontuados quando analisamos a adequação dessas alunas ao ambiente acadêmico. Uma outra rotina por elas é criada para melhor se acomodarem às inúmeras intempéries que vão se apresentando ao longo desse processo. A moradia e locomoção se mostraram fatores estressantes para algumas das interlocutoras como podemos analisar aqui:

O mais difícil de se adaptar, é a dificuldade de arrumar casa, porque precisa de fiador, a gente não tem familiar aqui, ai depois tem que pagar o depósito de 3 meses, ai do nada assim, 3 meses de depósito acaba sendo muita coisa, e para você falar tudo com o locatário, para ele entender essa situação que você é estrangeira, que é difícil você comprovar a renda, porque você pode até receber dinheiro de lá, mas é um trabalhão ter que converter toda essa moeda, para explicar para ele quando é que você recebe, então eu acho assim a adaptação na cidade não é fácil, até porque o ritmo da cidade é diferente da nossa cidade[...] (CESÁRIA, 2018)

Quando a universidade não oferece alojamento para os seus alunos, o processo para conseguir moradia é feito exclusivamente pelo aluno estrangeiro ou não. Nesta pesquisa não foi encontrado nenhum relato de que as universidades que não disponibilizam dormitórios tenham algum modelo de colaboração direta para que estas alunas vinculadas ao programa PEC-G possam se acomodar. Deste modo, o custo para residir próximo ao local onde se estuda nas universidades localizadas na região central da cidade aumenta significativamente. Assim essas jovens acabam migrando para outros bairros da cidade. O que nos leva a mais um ponto de queixa neste processo de apropriação do território que é a locomoção:

[...] É uma cidade maior, o trânsito, a gente não está acostumada ao trânsito, eu fico muito irritada de ficar horas no trânsito, demorar para chegar em casa, demora muito, eu já estou no último período e ainda não me acostumei, assim com esse ritmo de levantar muito cedo e chegar em casa muito tarde, porque lá tudo é

muito perto, não é tão longe assim, então a gente nunca foi muito acostumada com isso, de acordar por exemplo 5 horas, para sair de casa às 6h, para estar em um lugar às 8h, então eu acho que isso é o mais complicado de se adaptar a cidade, é tudo muito longe e tem tudo a questão da violência, você não pode ir para um lugar muito tarde, ou ir para um lugar que você não conhece, sem ninguém.[...] (CESÁRIA, 2018)

Nossas alunas passam pela experiência de ter que aprender a lidar com transporte público, como isso precisa ser organizado para que não atrapalhe seus horários na universidade, Josina mesmo declarando que não enfrentou grandes problemas, citou o deslocamento pela cidade como um agravante *[...]Assim, no princípio não foi tão difícil assim me adaptar, mais a questão de locomoção mesmo, porque o Rio de Janeiro é muito grande, para poder se locomover de um lugar para outro[...].* Como os demais moradores da cidade elas avaliam este ponto e suas precariedades como sendo um fator negativo neste processo de integração à nova rotina. Enfrentei as mesmas dificuldades que nossas protagonistas já que fui estudante de graduação de uma universidade pública no estado do Rio e o tempo gasto no trânsito e no transporte público interferem em nosso rendimento dentro de sala de aula.

Comparo estas falas acima com as respostas das duas alunas alojadas no Campus universitário, onde Sara nos diz que o seu processo de acomodação foi positivo *[...] Ah sei lá, acho que foi tranquilo, eu dei sorte de entrar em um quarto onde as meninas eram bem legais, ai tipo assim a cada final de semana eu ia a casa de uma, acabei que conhecendo onde elas moram, então assim, foi bem legal[...]* Sara ainda nos informa que ao chegar na universidade já teve seu cadastro para vaga no alojamento feminino, realizado pelo responsável do programa na universidade que estava matriculada. Neste sentido, não encontrou os problemas relatados pelas estudantes que não são alojadas.

Nzinda que também vive na moradia estudantil, nos afirma que sua adaptação à cidade aconteceu de forma tranquila, porém conta que estranhou o clima da cidade do Rio de Janeiro *[...] 20° é o calor na minha cidade natal e no Rio de Janeiro isso é o inverno[...]* como podemos observar na sua fala:

A adaptação foi mais de boa, eu só...tive dificuldade mesmo com o calor (risos) é muito quente e minha cidade era um pouco mais fresquinha, mas eu como eu morei um tempinho...eu nasci numa cidade que fica no sul do país, lá em Huambo, é muito frio lá, tipo no verão a gente fica com 20° e 20° aqui no Brasil é inverno, no Rio de Janeiro. Ai foi muito difícil, eu cheguei em fevereiro, então tipo

estava muito quente, muito quente, eu não aguentava, em Luanda que a capital faz calor, mas ai no Rio de Janeiro chega a ser mais quente que Luanda. (NZINGA, 2019)

Esta fala de Nzinga nos leva a refletir sobre uma ideia que habita no inconsciente comum dos brasileiros que revela o seu desconhecimento e costume de generalizar o continente africano e suas diversas realidade. Acredita que o continente todo tem sempre temperaturas elevadas.

Não conseguir escolher a cidade e a universidade traz para os estudantes desafios que não podem ser previstos. Uma das entrevistadas colocou que a opção de troca de universidade existe, mas que esta pode ser do curso ou da universidade e não os dois casos. A escolha do curso é de difícil decisão para muitas pessoas. Vemos que mesmo as que sabiam o que queriam desde criança, o que foi o caso de uma delas mesma diz ter mudado quando conheceu melhor o curso.

Observamos a importância de duas opções para a escolha do curso, já que duas das nossas entrevistadas foram classificadas para a sua segunda escolha. Apenas uma das alunas aqui apresentadas após o início das aulas fez a troca de biomedicina para odontologia. Esta troca é permitida pelo regimento do programa no qual o aluno vinculado ao PEC-G tem o direito de escolher outra Instituição de Ensino Superior dentro do território nacional que tenha o a mesma graduação para qual este aluno foi aprovado. Outra possibilidade é a substituição do curso mantendo-se na mesma universidade.

Tabela 15: Escolha dos cursos

Entrevistadas	Opções	Curso	Escolha
Alda	Medicina	Medicina	“[...] é o que eu sempre quis (risos) desde que eu estava no colégio.”
Lura	Biomedicina/ Enfermagem	Biomedicina	“[...] eu sempre quis medicina desde pequena [...] só que quando escolhi estava muito, muito em cima da hora”
Josina	Engenharia/ Geologia	Geologia	“[...] não foi assim tão fácil, porque eu sempre quis fazer engenharia, ai o meu pai disse, porque você não faz esse curso de geologia? É um curso que surgiu agora, está tendo visibilidade no país [...]”
Sara	Economia	Economia	“[...] tem um tio que é economista, aí eu sou muito apegada a ele, adoro o trabalho dele, aí eu escolhi esse curso.”

Cesária	Enfermagem	Enfermagem	“Eu não queria medicina [...] eu não queria psicologia também [...] me restou enfermagem
Titina	Medicina/ Biomedicina	Biomedicina	“[...] fui escolhida para a segunda opção”
Ruth	Biomedicina	Biomedicina	“[...] me inscrevi, escolhi biomedicina e passei.”
Jussara	Medicina/ Biomedicina	Odontologia	“[...] eu achava que era semelhante a medicina por causa do nome [...] biomedicina é mais para pesquisa e análises clínicas, aí eu quis mudar o curso.”

Fonte: A autora 2019.

Neste processo de escolhas, de acordo com as entrevistadas, a única opção direta é a escolha do país. Elas sabem que vem para um país com uma cultura vasta, que gosta de samba, futebol e com um bom programa de graduação. No entanto, a escolha da universidade e cidade são opções em aberto, variando de acordo com o curso escolhido pelo aluno, e se a universidade na cidade terá a vaga. Com os relatos nas entrevistas, observei que somente uma das alunas fez a opção ligando o curso a universidade e a cidade do Rio de Janeiro:

Então, eu escolhi a universidade...ehhh...eu escolhi o curso primeiro, então na lista de cursos tinha lá enfermagem e obstetrícia, só que enfermagem e obstetrícia é o nome antigo do curso na UFRJ, porque antes era enfermagem em obstetrícia porque era mais voltado para a mulher e tal, essas questões de obstetrícia, só que é enfermagem mesmo é só enfermagem, só que o nome ainda é o nome antigo, então quando eu vi enfermagem e obstetrícia e eu também gosto de mulher, criança, essas coisas, falei...gente...2 em 1, ah assim deve ser um curso mais completo com as 2 coisas, aí eu escolhi, tem que ser isso, porque aí não vou precisar me especializar em obstetrícia depois, já estou fazendo enfermagem e obstetrícia, aí escolhi o curso, aí quando eu escolhi o curso eu fui ver onde que tem esse curso, aí eu vi que tinha só na UFRJ, então escolhi a UFRJ (CESÁRIA,2018)

Em contra partida houve entrevistadas que não queriam cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, por medo das áreas urbanas, já que algumas dessas estudantes são oriundas de cidades pequenas:

Eu nunca escolhi a cidade do Rio de Janeiro (risos), não escolhi mesmo eu sempre ouvi que cidades grande Rio e São Paulo eram perigosas, aí no momento da escolha eles perguntam qual cidade você quer estudar aí eu escolhi Vitória e Florianópolis por que eu tinha primas lá, só que eu não consegui para esses lugares e

lá eles tem uma pergunta se você aceita ir para outros lugares ai eu respondi que sim, ai eu fui selecionada para o Rio de Janeiro[...] Tipo quando eu escolhi Florianópolis e Espirito Santo então eu já tinha escolhido a universidade pelo fato de eu ter dito que aceitava ir para outro lugar eu não escolhi a universidade. (TITINA, 2018)

Com a nota de seleção para o programa, os alunos com as melhores notas têm mais facilidade de escolher entre a primeira opção de curso e a cidade onde este é oferecido. De acordo com as notas seguintes e a vagas oferecidas, nas universidades públicas em todo território nacional, os alunos inscritos no programa vão sendo direcionados em função da demanda. Critérios como ter familiares ou alguém conhecido na cidade não entram na pauta.

Um outro questionamento que costumam fazer aos alunos do PEC-G é sobre a possibilidade de mudança de curso. Já que há a possibilidade de ser convocado para a segunda opção de curso o que não garante que o aluno consiga se ajustar no curso escolhido, e dessa forma essa opção é permitida:

Eu queria medicina, então coloquei como primeira opção medicina e a segunda opção biomedicina que eu achava que era semelhante por causa do nome biomedicina e medicina e quando eu cheguei aqui eu vi que era totalmente diferente biomedicina é mais pra pesquisa e análises clinicas ai eu queria mudar de curso. Medicina não tinha vaga no ano que eu queria mudar de curso e aí eu optei por odonto e estou feliz. (NZINGA, 2019)

O aluno tem a opção de trocar de curso ou de universidade, porem terá que fazer a escolha entre as duas opções e no caso Nzinga fez a troca do curso e continua sendo aluna na UFF.

Assim como os estudantes brasileiros que buscam recursos para se manterem na universidade, para nossas protagonistas este assunto é um ponto de pauta importante na sua trajetória educacional. Tendo em vista que apenas a vaga é garantida e todo o contexto para permanência no país e na universidade depende do aluno e sua família

Então, após passar por diversos percalços, como vimos aqui, nossas entrevistadas tiveram também que enfrentar a questão da chegada na universidade e os desafios para sua permanência como veremos a seguir.

4.5.4 A chegada e recursos para a permanência.

O primeiro desafio para essas alunas, além da entrada na universidade que costuma ser um processo estressante para quaisquer estudantes, na condição de estrangeira se soma alguns itens à lista para adaptação. Tais como: locomoção pela cidade, moradia (muitas universidades públicas não tem alojamento), apoio financeiro e se descobrir estrangeiro.

No primeiro período da graduação o aluno vinculado ao PEC-G não tem direito a BOLSA PROMISAES³⁴, e durante o processo seletivo para a vaga, o mesmo tem que comprovar que consegue se manter no país.

Tabela 16: Bolsas propiciadas

Entrevistada	Tem bolsa?	Nome da bolsa	Provida por
Alda	Sim	Promisaes	PECG
Lura	Não		
Josina	Não		
Sara	Sim	FICASE	FICASE
Cesária	Sim	Promisaes	PECG
Titina	Sim	Promisaes	PECG
Inácia	Sim	Promisaes	PECG
Nzinga	Não		

Fonte: A autora 2019.

³⁴ Tipos de bolsas que o estudante PEC-G pode receber, elas não são acumulativas: Bolsa Emergencial, Bolsa MRE, Bolsa Mérito e Bolsa PROMISAES.

Bolsa emergencial: é um auxílio financeiro, no valor de 622 reais mensais, oferecida em condições especiais estabelecendo que o estudante tenha de comprovar que se encontra em situação de extrema dificuldade financeira. **Bolsa MRE:** é um auxílio financeiro também no valor de 622 reais mensais, destinadas aos alunos de IES não federais, que comprovem dificuldade financeira que comprometa suas condições de moradia e alimentação, concedida somente após o primeiro ano do curso de graduação no Brasil.

Bolsa Mérito: é uma concessão do Ministério das Relações Exteriores oferecida quando o aluno tem um desempenho acadêmico excepcional. O valor do auxílio financeiro é de 622 reais mensais por um período de seis meses podendo ser renovados. O pagamento da bolsa mérito será realizado diretamente na conta bancária do estudante.

Bolsa PROMISAES: é uma bolsa coordenada pelo Ministério da Educação advinda do Projeto Milton Santos de Educação Superior. O projeto disponibiliza apoio financeiro no valor de 622 reais por um período de 12 meses. É destinada à manutenção dos estudantes estrangeiros que não tem condições econômicas para se manterem no Brasil. http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=545&id=12284&option=com_content&view=article. Acesso em: 20/05/2019.

Quatro entrevistadas informaram ter bolsa da Promisaes, no valor de seiscentos reais, que faz parte do programa PECG fornecido pelo MEC. Uma vez que se tem esta bolsa ela pode ser garantida até o final do curso, desde que a aluna apresente todo novo semestre os documentos necessários para a sua renovação. Porém as alunas não podem participar no primeiro semestre. Uma das entrevistadas é bolsista por uma empresa de Cabo Verde FICASE³⁵, o que nos diz que o país em si contribui para as alunas que querem estudar fora e geram programas para essa possibilidade.

Josina, nossa entrevistada, afirma que somente as faculdades federais do Brasil dão apoio financeiro vinculadas ao programa PEC-G, mas que a universidade estadual não. Enquanto Cesária comentou sobre acumular bolsas e afirma que quando tem a Promisaes que é do início ao fim do curso se conseguir participar do processo de renovação que é exigido, não pode acumular com a bolsa de mérito que é renovada de seis em seis meses, as bolsas de programas não são cumulativas, porém as entrevistadas pode juntar uma de programa, se houver bolsa da universidade, como por exemplo do programa de extensão, iniciação científica, essas são cumulativas com a Promisaes.

Juntando algumas informações percebe-se que é em relação a bolsa da universidade, Titina afirma que depois de um ano o aluno pode se candidatar a bolsa, Inácia acabou por complementar que para ter a bolsa é necessário que os familiares tenham menos de três salários mínimos para participar de uma bolsa que seria até o fim do curso. Nzinga informou que seu pedido de apoio financeiro para este ano foi indeferido, mas não informaram o motivo exato alegando apenas que faltava documentação, todo ano para renovar a bolsa e são necessários vários documentos, e para os estrangeiros os prazos nem sempre são favoráveis.

Da universidade não recebo bolsa. Eu só recebo dinheiro dos meus pais mesmo. Mas sim eu já cheguei a receber a bolsa, foi só esse ano que não consegui mesmo. Como a bolsa é renovada todo ano esse eu não consegui por causa da documentação, faltou alguns documentos, eu acredito que faltou alguns documentos, por exemplo quando eu fui fazer o recurso, eles não explicaram o que faltou, só me

³⁵ A Fundação Cabo-verdiana de Acção Social Escolar, abreviadamente designada FICASE, é um instituto público, integrado na Administração indireta do Estado, com a natureza de fundação pública, dotado de autonomia administrativa, financeira e patrimonial. A FICASE é o primeiro instituto público na modalidade de fundação pública na história de Cabo Verde. A FICASE se ergue agora onde existia uma trindade de estruturas (ICASE, FAEF, FAEME), cujas atribuições bem podem, com inegável vantagem para o interesse público, ficar reunidas num único organismo, com a identificação de todas as funções da acção social escolar. https://www.ficase.cv/index.php?option=com_content&view=article&id=7&Itemid=122 acessado 10/5/19

deram uma folha para preencher, preenchi sem saber porque estava sendo indeferida, aí eu entreguei e saiu o mesmo resultado que eu estava indeferida. (NZINGA, 2019)

Mesmo entendendo as dificuldades das entrevistadas em conseguir a documentação necessária para a renovação da bolsa, as instituições ainda mantem o processo ainda de forma burocrática e pouco informativa como nos relatou Nzinga.

De acordo com nossas entrevistadas a universidade não tem deveres com os seus alunos estrangeiros quando se trata de chegada no país, desse modo é de inteira responsabilidade dos alunos e familiares este processo de se instalar no estado e depois chegar até a universidade. O recurso frequentemente utilizado por essas estudantes vinculados ao programa é entrar em contato com outros alunos do PEC-G informando seu ingresso no programa e a universidade para qual foram selecionados.

Com o contato estabelecido com esses outros estudantes o elo entre outros alunos PECG passa a ser formado para que pessoas possam colaborar com este novo integrante do programa nas suas primeiras semanas na cidade. E a garantia da vaga não garante a bolsa de estudos como nos informa Inácia:

Com relação a bolsa de estudos, é uma é uma outra seleção que eu digo a parte. PEC G é um outro programa neutro e outra seleção a parte, que depois que você conseguir vaga você pode concorrer pra bolsa de estudos. Quem tem familiares com condições que menos que dois três salários mínimos podem concorrer, e dessa forma que se consegue uma bolsa de estudos pra estudar aqui no Brasil e durante todo o período do curso da faculdade. (INACIA, 2018)

Entendendo que passar pelo processo de seleção para a vaga no Brasil, não garante o apoio financeiro, o estudante precisa depois do primeiro período de graduação passar por um novo processo de seleção como nos diz LURA (2018) “*Não tenho bolsa, não consegui, mas estou tentando inscrever sim*”. Alguns desses estudantes tentam apoio financeiro com ONGs em seus países de origem ou apoio com o governo.

Pelo PEC-G em si não tenho apoio financeiro, só tenho a de Cabo Verde mesmo, sou bolsista pela Embaixada de Cabo Verde. Em Cabo Verde tem uma

fundação FICASE³⁶, eles dão bolsas é tanto que os alunos que estudam lá hoje fazem o ensino fundamental o ensino médio e também tem para o ensino superior tanto ali no país quanto pra fora, ai primeiro a gente se inscreve aqui e passa ai se a gente for aceito ai faz um outro processo e pede a bolsa. E o valor é o mesmo da bolsa Promisaes seiscentos reais que é pago do início do curso até ele acabar. (SARA, 2018)

As bolsas de estudos são uma parte importante no processo de permanência dessas estudantes. Das entrevistadas, apenas duas estão alojadas no Campus universitário. As demais pagam aluguel e dividem a casa com outras alunas do PEC-G. Elas enfrentam a dificuldade para encontrar moradia, já que não tem fiador na cidade ou precisam de uma quantia para o depósito. Muitas dessas alunas acabam mudando depois do primeiro ano no país, pois no início, elas ficam com quem oferece abrigo até se estabelecerem na cidade. Esta rede de apoio costuma ser criada por outros alunos do programa PEC-G e pelos familiares que mesmo longe colaboram para a permanência dessas estudantes.

A maior parte das alunas - independentemente de haver chegado antes ou depois do período começar, ter recepção ou não, ter participado de semana integrativa ou não, todas sem exceção - buscam visivelmente pessoas do seu país e dessa forma se integram mais rápido ao grupo. Assim, vão buscando informações sobre o campus, a universidade, as documentações, o curso e cidade, entre outros.

Mas, nas universidades que pesquisamos UFRJ, UFRRJ, UNIRIO, UERJ e UFF – de acordo com nossas interlocutoras - que a ausência uma recepção preparada para os estrangeiros. Todas afirmam, cada uma de sua forma, que não houve uma receptividade e falta isso para que elas sintam-se melhor acolhidas. Algumas se valeram de amigos que já estavam no Brasil. Outras chegaram e logo encontraram alguém de seu continente conforme suas falas:

Com relação a recepção, a partir do momento que por exemplo, eu to em cabo verde já vi que fui selecionada, já sei que eu vou vir, eu que tenho que procurar gente aqui no Brasil pra me receber. normalmente a gente procura Cabo-verdianos que estão aqui mesmo sem conhecer, mas através da indicação facebook e tal. Recepção não tem recepção alguma a gente chega aqui tem que se virar mesmo. (INACIA, 2018)

³⁶ A Fundação Cabo-verdiana de Acção Social Escolar, abreviadamente designada FICASE, é um instituto público, integrado na Administração indireta do Estado, com a natureza de fundação pública, dotado de autonomia administrativa, financeira e patrimonial. <https://www.ficase.cv/index.php> acessado em 20/04/2019

Este contato entre os alunos que já estão no país é comum entre eles. A acolhida as vezes não depende do curso, país ou universidade, mas sim da cidade onde este novo aluno vai ficar. O contato é feito e depois direcionado aos alunos do PEC-G da universidade e mais tarde do curso.

Ah, quando eu fui escolhida pra cá então eu fiquei procurando pessoas de Cabo Verde que estudavam aqui, aí o pessoal indicou alguém que estudava na UNIRIO aí eu fui falando e através das pessoas que estudaram aqui de Cabo Verde e eles me levaram pra Urca onde ficam as pessoas do programa PEC-G. (TITINA, 2018)

Percebemos que mesmo em países como Cabo Verde onde há uma estrutura na divulgação das vagas para alunos estrangeiros no Brasil, a acolhida aqui ineficiente. Fica sobre a responsabilidade desse novo aluno se organizar em todas as esferas da nova etapa de vida. Novamente, coloco em evidencia a idade entre de 18 a 23 anos desses jovens para participar do programa. Um momento que já exige mudanças. Mudar sozinhas de país, começar um curso superior com outra metodologia de ensino, com mudança de cultura e sem garantias de apoio financeiro torna-se uma grande carga de responsabilidade. Seguimos adiante com os relatos sobre este momento chegada e adequação acadêmica.

4.5.5 Acolhida e adaptação acadêmica

No contexto da inserção desses alunos conveniados ao PEC-G no Brasil e nas universidades brasileiras a mobilidade acadêmica ainda é pouco debatida. Os estudantes africanos, que chegam ao Brasil para ingresso nas universidades, constituem ainda um fenômeno migratório de consequências pouco analisadas. Assim sendo, alvo de descaso e estranhamento, que acarreta em negligenciar uma atenção mais pontual na entrada desses novos alunos seja nas universidades seja nas cidades propriamente ditas.

Compreendo que o acolhimento é um fator determinante na fase de adaptação para estas alunas. Esta dinâmica influencia diretamente a vida acadêmica. Quando se sentem acolhidas, conseguem se desenvolver nas relações interpessoais, o que colabora no desempenho acadêmico. Quando o oposto acontece, a tendência é que essas alunas criem um distanciamento social. Quando feita esta pergunta, me deparei com a importância de definir acolhimento:

Acolhimento:

- 1 Ato ou efeito de acolher; acolhida, acolho, guarida “Acudiu quase todo o cortiço para recebê-la. Choveram abraços e as chufas do bom acolhimento”(AA1).
- 2 Abrigo pelo qual não se pede pagamento; agasalho, hospitalidade, pousada.
- 3 Lugar onde se encontra amparo, proteção; refúgio: Ele sabia que nessa casa teria bom acolhimento. (MICHAELIS, 2019)

Aqui temos algumas universidades do Rio de Janeiro representadas por nossas interlocutoras. Cada uma dessas instituições públicas tem seu modo de lidar com os alunos estrangeiros. A etapa de acolhida faz parte do processo de integração e adaptação das alunas, que por vezes não recebem este apoio da instituição de ensino, mas são acolhidas por outros alunos do programa PEC-G que passaram por este processo de chegada e enfrentaram dificuldades assim perceberem a necessidade de criar suas próprias redes de apoio.

“[...] eu que tenho que procurar gente aqui no Brasil pra me receber. normalmente a gente procura Cabo-verdianos que estão aqui mesmo sem conhecer, mas através da indicação facebook e tal. Recepção não tem recepção alguma a gente chega aqui tem que se virar mesmo, não, quando entra na faculdade não tem nenhum tipo de apoio com relação a orientar o modo de ensino aqui, não tem nada disso, a gente que acaba se virando até se adaptar. [...]” (INACIA, 2018)

De acordo, com as nossas entrevistadas, além do enfrentamento das dificuldades burocráticas que estar em um novo país exige, elas ainda não são assistidas oficialmente em aspectos básicos como moradia, transporte, alimentação e saúde. Fatores que pesam negativamente durante o processo de estadia dessas jovens num país em que não têm familiares.

Ressalto aqui que tais empecilhos são ainda mais agravados para aqueles que enfrentam também a necessidade de aprender uma língua diferente do seu país de origem em pouco tempo, - pois mesmo falando português existe diferenças na linguagem - fator imprescindível para que possa permanecer vinculado ao PEC-G e prosseguir com os estudos.

Após a confirmação da vaga e documentação para a viagem a chegada ao Brasil e conseguinte a chegada a universidade é uma etapa preocupante para estas alunas estrangeiras. A busca por pessoas da mesma nacionalidade colabora para que esta nova fase da vida acadêmica ocorra de forma menos conturbada. Já que as universidades as quais nossas algumas das nossas entrevistadas estão ligadas não têm equipe de acolhida para esses novos alunos como veremos nos relatos a seguir, e na tabela a baixo a descrição das entrevistadas e do apoio das universidades:

Tabela 17: Recepção inicial pelas universidades

Apoio da universidade	Entrevistadas
Sim	Sara, Nzinda, Inácia
Não	Alda, Cesária, Titina
Não Sei	Lura, Josina

Fonte: A autora 2019.

Na tabela a cima observamos que três de nossas entrevistadas informaram que foram acolhidas isso aconteceu de forma pontual e segundo o relato delas através de pessoas que se dispuseram a recebe-las. No entanto, estas ações não tiveram vínculos ou apoio institucional. Nossas entrevistadas tinham a imagem do Brasil como um país acolhedor e os brasileiros um povo gentil e receptivo. Mas, essa idealização quase sempre se configurou em frustração logo na chegada dessas estudantes em solo brasileiro, quando perceberam que não havia ninguém a esperá-las. Nenhum suporte, acolhimento ou apoio oficial. Esta ação reflete em nossas entrevistadas como nos diz Lura: “[...] eu não consegui chegar no trote também, aquele negócio que faz, ai, eu fiquei tipo perdida, não tinha ninguém, não consegui me relacionar[...]”.

A interação com outros estudantes é um fator importante na construção da vida acadêmica e na rotina de estudos e para a sociabilidade dessas estudantes neste novo território e para a construção de lembranças e afetividade. Observo que a ausência dessa “recepção” causa estranheza e desconecta esta chegada como fator importante do processo de aprendizagem como vemos na fala de uma das entrevistadas. Alda: “[...] eu num lembro assim de nada, eu só cheguei e fui entrando sabe? Não teve nenhuma recepção assim nem

nada [...]”. Muitas das informações como por exemplo da falta de recepção é confirmada durante o passar dos anos, pois as entrevistadas estão em períodos diferentes.

Tabela 18: Tempo Como Estudante no Brasil

Período dentro da universidade	Aluna
1 ano	Lura
4 anos	Alda, Sara, Titina, Nzinga
5 anos	Josina, Cesária
6 anos	Inácia

Fonte: A autora 2019.

Em uma análise das entrevistas trago aqui um comparativo dos dados compilando das informações fornecidas por nossas entrevistadas, Alda há 4 anos é aluna da UFRJ afirma que tem um departamento para cuidar dos alunos estrangeiros, mas que não se sente à vontade de ir lá, afirma pedir ajuda apenas na hora de renovar a bolsa ou documentação para renovação do visto estudantil.

Inácia aluna há 6 anos na UNIRIO também só procura ao precisar de informações sobre documentação e bolsa. Lura aluna há 1 ano na UNIRIO já afirma que sabia onde fica o setor responsável pelos alunos estrangeiros, mas não procurou. Josina aluna há 5 anos na UERJ não sabe se oferecem acolhimento para os alunos do PEC-G, mas diz que foi bem recebida pelos docentes e alunos de seu curso.

Titina aluna há 4 anos na UNIRIO afirma que quando entrou começou a ter o encontro anual dos alunos africanos e haviam funcionárias responsáveis pelo programa que colaboravam para que as informações necessárias chegassem até discentes vinculados ao programa PEC-G. Nzinda aluna há 4 anos na UFF afirma que os próprios alunos montaram um acolhimento para os estudantes que chegam. Tem reunião com o coordenador, onde explicações de como tudo funciona são partilhadas e ao final do encontro há um lanche para colaborar com a integração desses novos alunos.

“Quando eu cheguei o PECG não tinha nenhum...não tinha nenhum movimento de acolhimento dos estudantes...era tipo você chega e tem que procurar alguém que estude na sua universidade para te apresentar...na universidade foi assim, eu cheguei e um amigo Angolano que já estudava na UFF me recebeu, me apresentou a UFF, falou que eu ia estudar nesse campus e tal e ele conhecia algumas meninas que faziam o meu curso e ele me apresentou essas meninas, aí eu fui para

reitoria, fiz a matrícula, depois tive que levar para a minha coordenação do meu curso para me inscrever em matérias e foi isso. Depois que eu cheguei montaram um grupo para acolhida dos novos estudantes” (NZINGA, 2019)

Este movimento de acolhida na UFF segundo Nzinga fez crescer a integração entre os estudantes africanos daquela universidade. Sara aluna há 4 anos da UFRRJ também afirma que no ano que ela entrou havia um funcionário responsável do PEC-G. Havia recepção organizada pelos alunos que trocavam mensagens combinando encontros, mas afirma que desde 2015 quando trocou o responsável, não sabe mais como está porque também não voltou a participar mais. Quando precisa de algo ainda se dirige ao funcionário que coordenava anteriormente o PEC-G.

Com as falas de Titina e Sara observo que o funcionamento dos departamentos ligados ao programa PEC-G e sua relação com os alunos depende diretamente do funcionário que esteja atuando e sua disposição para trabalhar com os alunos desse programa. O que demonstra a fragilidade das instituições, pois quando o funcionário é realocado em outro setor o vínculo desses alunos com o departamento responsável pelo setor também fica fragilizado.

Cesária aluna há 5 anos na UFRJ sabe que existe um grupo de estudantes que organizam reuniões, fazem avaliações e sugestões dos alunos, veem vagas para alojamento, mas que não participa porque o horário é a tarde e seu curso é integral. Observamos aqui que mesmo quando os alunos se propõem a se organizar nem todos conseguem participar devido aos conflitos de horários.

As diferentes faculdades do Rio de Janeiro representadas aqui, cada uma tem seu modo de lidar com estrangeiros, porem conseguimos ver as visões das alunas e apresentar uma breve análise sobre os distintos modos de acolhimento. Alda, Inácia, Lura e Josina mostram desinteresse e que só procuram quanto há necessidades de tesouraria e informações.

Das alunas que conhecem o acolhimento da universidade Titina, Nzinda, Cesária e Sara afirmam que este começou após suas chegadas. Então, mesmo sabendo que há o programa PEC-G dentro da universidade a sua divulgação e até mesmo participação de alunos brasileiros é irrisória. O que colabora para o desconhecimento dos demais alunos da instituição. Percebe-se que nas universidades que tem o programa e tem alguma ação para o acolhimento desses alunos a maioria começou por parte dos próprios estudantes vinculados ao PEC-G. Dentro das universidades, que sentiram essa necessidade e começaram a se organizar, o que demonstra que é necessária essa fase de acolhimento.

A forma de acolhimento descrita por Nzinda onde há uma reunião com o coordenador, explicações, lanche, demonstra uma estrutura boa para recém-chegados, afirmada pelas alunas Cesária, Sara, Titina. Ainda é possível ver Sara e Titina falando dos funcionários responsáveis pelo PEC-G o que demonstra serem mais interessados em acolher esses alunos. O que mostra que o coordenador é uma figura importante no grupo. Um ponto de referência e será quem vai colocar-se à disposição e ser o canal de comunicação entre a instituição e os alunos, vai agendar encontros, mover o grupo na mesma direção, liderar e ao mesmo tempo criando esse vínculo. Quando esse sujeito deixa de atuar no cargo é necessária uma passagem para não haver quebra do grupo, passar a confiança a outro e não apenas o cargo.

Os horários dos encontros são importantes, porque em uma universidade alguns estudam meio período outros integral, se estamos falando de acolhida dos estrangeiros, devemos englobar o maior número possível, deste modo o meio de comunicação também é importante, não deixando de fazer uso dos meios formais para que esta comunicação aconteça, mas entendendo que nesta nova era digital os aplicativos de mensagens como WhatsApp é no veículo mais utilizado para propagar informações além de instrumento de sociabilidade entre os alunos.

Quando pensamos no quesito integração, muitas das vezes associamos apenas aos companheiros de turma ou departamento responsável pelo programa PEC-G e os professores também como podemos observar nas falas a seguir:

Eles não sabem quem são os alunos do PEC-G, principalmente medicina, a professora da aula é bem elitista, ela não está preparada para dar aula para estrangeiros, então eu não sei, pessoas negras já...são assim...daqui do Brasil já é complicado...imagina sendo estrangeiro, quando eu cheguei aqui eu tive um problema de adaptação, ai eu repeti um ano, um semestre na verdade, e cai em uma turma com mais dois estrangeiros, um menino que não me lembro de qual país da África que ele é, não sei se é Camarões, eu não sei, e um menino do Peru, os dois também do PEC-G, ah...tem mais um de Cabo Verde. Somos nós quatro, estrangeiros. (ALDA, 2018)

É possível observar no relato da nossa interlocutora, a dificuldade dos professores do curso de medicina, lidar com os alunos negros brasileiros e negros estrangeiros, como vemos também na fala a seguir:

[...] Eu particularmente não tenho dificuldade com a língua, eu tenho colegas, do Benin, por exemplo e lá eles falam francês e eles tem dificuldade e tem

professores que não veem isso, eles simplesmente ignoram essa parte e tem professores que ... que... como posso usar um termo correto meio que subestimam a gente por ser estrangeiro tal por sermos do PEC-G, por experiência de outros alunos que eles acham que não estudam e tal. (TITINA, 2018)

Com esta fala constatamos que alguns professores não sabem quais dos seus alunos são estrangeiros e aqueles que professores que sabem do vínculo do aluno com o programa PEC-G tem a tendência a “pensar” que estes estudantes estão menos qualificados para a vaga que ocupa, uma fala recorrente direcionada aos alunos brasileiros negros cotistas. Seguindo com o relato de Titila:

Eu tive professores que eu fui pra prova final, que eu falei: professora a senhora poderia me mandar a nota com antecedência porquê eu vou viajar, até mesmo pra eu saber a data (por que eu pensei será que vou ficar nesta disciplina, eu não vou voltar aqui só pra fazer essa disciplina, por que eu estava disposta a não vir se eu reprovasse com essa professora) ai ela disse: Ah mas vocês sempre ficam, tipo que a gente, estrangeiro, sempre fica. Ai na prova final eu estava precisando de 4,5 e eu tirei 7,5 ai queria muito ver na cara dela a reação dela, até hoje ... (TININA, 2018)

Entende-se aqui pelo relato, que a professora não avaliou o caso da aluna de forma individualizada e sim generalizando a condição da aluna de estrangeira e vinculada ao programa PEC-G como fator determinante para uma nota baixa e uma possível reprovação, com a ideia já concebida de que os alunos vinculados ao PEC-G não atingem as notas para aprovação.

Entendemos que ocupar estes espaços acadêmicos é ocupar espaços de poder e promoção social e isso seja no Brasil ou em um país do continente africano, e percebemos a importância da experiência e o esforço feito pelas famílias dessas mulheres para que o intercâmbio se torne possível para elas, pois os benefícios, que ao fim da graduação podem ser destinados a si e à família, está lado a lado à lembrança da educação enquanto instrumento de poder para auxiliar sua comunidade, estado, país, como podemos ver na afirmação de Gusmão:

A relevância do campo educacional no universo das relações de poder estabelecidas nacional e internacionalmente faz da educação um meio instrumental de manutenção e reprodução do status quo ou um instrumento de libertação e

autonomia para os países em consolidação enquanto Estados nacionais. O quanto de um ou de outro desses processos se realizam nas trajetórias daqueles que deixam a África para estudar no Brasil, é uma indagação que permanece atrelada à história contemporânea dos Estados-nação africanos na luta para consolidarem-se como nações modernas e transnacionais. (GUSMÃO, 2008, p.11)

Deste modo encontrar em nosso país resistência para que mulheres, negras e africanas ocupem estes espaços de poder ainda – infelizmente – é mais comum do que possamos imaginar. Estas ações de intolerância as alunas estrangeiras não se limitam apenas nas notas, mas também com relação as faltas e atividades acadêmicas, já que a condição de estrangeiro exige dessas alunas compromissos burocráticos com a Polícia Federal, como comprovar que está vinculado a universidade para ter o visto de estudante renovado.

Titina ainda continua o relato sobre seu esforço frente a professora que coloca dificuldades e mostra a diferença entre alguns outros professores que ajudam e se preocupam quanto a ser estrangeiro.

[...] Teve um dia também na apresentação de trabalho que eu apresentei o trabalho e ela meio que ficou direcionando as perguntas só pra mim do grupo, só pra mim, tipo tinha outras pessoas, mesmo a parte que eu não falei mas eu sempre estudo, eu paro pra estudar e eu estudo então são essas coisa ah que eu sou estrangeira eu não estudo, eu estudo mesmo, eu já conhecia o tipo dela, e ela ficou fazendo perguntas e chegou o momento, que ela disse que não tinha entendido tal parte, por que você não fala o português direito, sempre tem, ai eu expliquei novamente ai ela aceitou, mas os outros professores são muito legais muito mesmo. Ficam preocupados com a gente que entende que você é estrangeiro que está aqui pra estudar que estamos aqui sozinhos e tal essas coisas que facilitam as coisas tipo assim ah professor temos que renovar o visto ai você tem que tirar vários documentos então você está arriscado a perder a sua aula e tem uma data certa pra ir lá por exemplo pode cair no dia da prova tem professor que não entende isso e te faz questionar. (TITINA,2018)

Compreender que os professores são parte importante na interlocução, entre os estudantes do programa e a universidade, e que suas ações colaboram, para que esta etapa de construção do conhecimento e adaptação, a um novo país, afeta diretamente as relações interpessoais e a construção do conhecimento desses alunos. E em outro relato vemos que a acolhida também exercida pelos professores colabora no processo de adaptação:

Eles são bem atenciosos, se preocupam, porque assim nem todos que vem estudar especificamente no Brasil falam português, então tem uma certa dificuldade para entender, então os professores eles conseguem conciliar isso, dar assistência para os alunos (JOSINA, 2018)

E como podemos perceber no relato de Cesária que também nos mostra que esta atitude compreensiva colabora para a integração desse estudante, o que colabora para que estas alunas desenvolvam a sociabilidade em um novo contexto social:

Eu acho que é tranquila, meu curso assim, os professores são muito receptivos, são muito amorosos e eles ficam espantados assim quando descobrem que você é de outro país, porque as vezes não percebem e aí você também não fala logo de cara e quando chega em um momento que eles sabem que você é de outro país, eles ficam contentes, “tipo” é alguém de outro lugar estudando lá, mas eles são muito receptivos. (CESÁRIA, 2018)

Na análise desses relatos que se contrapõem é possível então afirmar a importância do papel que o professor desempenha dentro de sala de aula para a adaptação desse aluno do programa PEC-G, podendo gerar tensões emocionais que afetam diretamente no processo de ensino-aprendizagem. Não podemos desassociar a vida acadêmica do cotidiano, essas mulheres lidam com questões para além da sala de aula, tais como a ausência da família, adaptação em um novo país, uma nova cultura entre outros. Elas precisam se deslocar pela cidade, pagar aluguel, desenvolver atividades corriqueiras e para isso ter uma boa convivência no meio da universidade coladora para que elas encarem os demais desafios com um outro olhar.

4.5.6 Interação social: Dentro e fora do campus universitário.

A qualidade da Educação Superior e a produção do conhecimento está para além da teoria e das descobertas que transformam o contexto social e promovem o avanço da ciência. Precisamos compreender o papel da universidade como contribuinte para a formação de um sujeito mais autônomo e crítico, sem deixar de lado, a formação humana que, por sua vez, repercutirá numa melhor construção e entendimento do fator social da convivência.

É este espaço da universidade que as primeiras interações sociais e culturais são desenvolvidas, deste modo esta pesquisa compreendeu que olhar a construção da formação

está para além disto, entendendo que não somos sujeitos dicotômicos, não vivemos nossas vidas de forma parcelada onde outras etapas ficam em hibernação. A construção desse diploma perpassa pelas relações construídas dentro e fora do Campus.

Tabela 19: Convívio entre os alunos da mesma turma

Entrevistada	Aceitação da turma
Alda	[...] Mas eu acho que eu também sou muito tímida ai não foi fácil eu me enturmar não [...].
Lura	[...] É normal, eu acho, mas é que aqui na UniRio não conheço muita gente [...]
Josina	[...] É muito tranquilo, quando cheguei era tipo...a novidade, por ser de outro país, todo mundo quer saber [...]
Sara	[...] A foi legal, eu cheguei aqui, eu não conhecia nada de Seropédica e logo na integração, já falei que eu era estrangeira, porque tem a apresentação, foi muito tranquilo [...]
Cesária	[...] Eu acho que é tranquila, assim tem uma parte que é tranquila, tem uma parte ... que sempre vai ter a parte negativa, por que tem muitos que mesmo que você sabe que assim estão sorrindo pra você, pensam que você esta roubando a vaga de outra pessoa [...]
Titina	[...] Eu me fecho, sei lá, até mesmo pra não me decepcionar eu prefiro ficar sozinha no meu canto, mas também tem exceção de pessoas umas que eu me dou muito bem, eu conheço muita gente eu nunca tive briga nem nada ate pelo fato de eu não interagir muito sabe?!
Inácia	[...] Com relação aos alunos que tem mais oportunidades de saber que gente não e daqui claro, bom não tem muito como que eu digo, convivência, a gente fica muito isolado tem um ou dois ou três que a gente e conversa, mas é o necessário mesmo [...]
Nzinga	[...] Eu me dou bem...não com todos, mas eu tenho amigos e eu me dou muito bem com aqueles meus amigos, é porque minha turma é...meio tipo...o pessoal cria grupinhos, um grupo ali, um grupo aqui, um grupo aqui e com o pessoal eu tenho meus amigos que a gente se dá super bem [...]

Fonte: A autora 2019.

A relação de amizades para algumas das nossas entrevistadas ficaram restritas aos alunos do PEC-G. Alda relata que nunca pensou sobre como é a relação dos alunos da sua turma com os demais alunos do estrangeiros, porém nos conta que foi difícil fazer amizade, e em seguida justifica “[...] eu acho que eu também sou muito tímida, aí não foi fácil eu me enturmar não [...]”, mas segue afirmando que conhece pessoas do PECG que se relacionaram bem com a turma “[...] o menino de Cabo Verde se enturmou bem e tal, ele se enturmou bem com o pessoal [...].”

Compartilho aqui de uma forma simplificada algumas das impressões das nossas protagonistas, Lura e Nzinda afirmam ser uma relação tranquila. Josina e Sara falam que esta interação é boa, Josina chega a citar que teve ajuda dos colegas. Inácia afirma que as pessoas do PECG ficam mais isoladas. Já Cesária diz que uma parte é tranquila, mas demonstra um pouco de preconceito de algumas pessoas em sua fala:

[...] pensam que você está roubando a vaga de outra pessoa, ou que você pegou a vaga que poderia ser do primo, não sei o que...enfim...sempre tem uns que pensam assim..ah...que a vaga assim entrou...assim...como uma facilidade, que foi dada de mão beijada, só que não sabem de metade da história. (CESÁRIA, 2018)

Constato nesta fala que a falta de informação sobre o programa e como é o processo seletivo para que estes alunos ocupem estas vagas. A desinformação também é uma ferramenta utilizada para a manipulação de opiniões fomentando preconceitos já que desconhecem a forma de ingresso desses estudantes do PEC- G nas universidades brasileiras. Titina mostra-se um pouco receosa, relata que prefere ficar mais isolada:

[...] tipo tem um amigo meu que também é do PEC-G ele reprovou tipo por que o pessoal do grupo meio que excluiu ele. Eles fizeram o trabalho sem, sem ele saber de nada e ele acabou reprovando. Ele não tinha feito o trabalho, então ahhhh, tipo eu ahhh, eu me fecho, ahh sei lá, até mesmo pra não me decepcionar eu prefiro ficar sozinha no meu canto. [...] tinha gente que eu tinha má impressão, teve um trabalho em grupo que éramos três aí ela meio que não quis fazer não sei tinha eu e uma outra menina de Cabo Verde aí eu não tinha ido na aula esse dia aí não sei se ela estava meio com medo desse trabalho, aí no outro dia falei com ela tudo bem se você quer sair não tem problema pode sair a gente não se importa de fazer, aí fiquei com a outra menina de Cabo Verde e fomos falar com a professora. (TITINA, 2018)

E novamente examinamos nesta fala que a interação social é parte fundamental para o desempenho acadêmico, quando a mesma não acontece a tendência é que estes alunos do PEC-G se isolem e busquem criar suas próprias redes de apoio, que por vezes é ligada a outros alunos de outras nacionalidades. Criando um fenômeno muito próprio onde eles têm a sua nacionalidade a sua identidade porém em território brasileiro todos eles e elas se tornam apenas AFRICANOS e desde como passam a ter este vínculo de proximidade maior.

E quando avançamos nos questionamentos sobre as relações e falamos sobre os professores dos cursos que nossas interlocutoras frequentam podemos refletir através de suas falas que mesmo entre aqueles que são as referências no ambiente universitário há uma falta de preparo para atuar e interagir com estas alunas. A maioria das entrevistadas afirma não ter grandes problemas com professores pelo fato de ser estrangeira, apenas uma afirma que os professores não estão preparados para dar aula para estrangeiros.

Levando em consideração aqui a possibilidade de que estes mesmos professores em algum momento de sua vasta formação foram estrangeiros, esteve fora de seu país desenvolvendo um trabalho acadêmico e quando retorna como figura importante dentro da sala de aula, não tem o seu olhar apurado para observar as especificidades que este aluno tem, e dessa forma muitos não sabem se quer que em suas turmas existem alunos estrangeiros.

Encontramos nos relatos feitos para esta pesquisa os casos de xenofobia e racismo institucional sem uma pergunta direta sobre a questão, mesmo não sendo pauta do debate das minhas entrevistas, elas souberam pontuar as ações discriminatórias que sofreram dentro e fora da sala de aula, e estas ações se apoiam no campo institucional mas também estão no interpessoal e pessoal/ internalizado como demonstrado anteriormente na Tabela 7 Quadro de atuação do Racismo. E como vemos na fala de Werneck:

[...]O RI³⁷ é um mecanismo performativo ou produtivo, capaz de gerar e legitimar condutas excludentes, tanto no que se refere a formas de governo quanto de *accountability*³⁸. Para que seja efetivo, o RI deve dispor de plasticidade suficiente para oferecer barreiras amplas – ou precisamente singulares – de modo a permitir a realização de privilégio para uns, em detrimento de outros, em toda sua ampla diversidade. (WERNECK, 2014)

³⁷ Racismo Institucional.

³⁸ Prestação de Contas.

Estes atos são constatados quando nossas entrevistadas mesmo não estando familiarizadas com a discussão racial em suas falas elas declaram que o comportamento desses professores fora preconceituoso e racistas. No entanto essas falas não generalizaram todo o corpo docente das instituições tivemos professores que foram descritos como preocupados e prestativos, contudo, precisamos entender que os casos de racismo ainda estão presentes em nossas instituições. Como nos conta Nzinga:

No meu curso a relação é boa sim, com os professores até hoje eu não tive nenhum problema com professor por eu ser do PECG, não, não tive. Não tive nenhum problema com professor por ser estrangeira, os problemas que a gente tem normalmente é com aqueles professores que são ruins mesmo com todo mundo e tal, e aí, é isso. Teve professores também racistas e tal então o problema não era só comigo, era com o pessoal que é negro assim no meu curso, na minha turma. (NZINGA 2019)

Neste relato Nzinda aponta que determinados professores tem atos racistas com os alunos negros do curso de odontologia sejam eles estrangeiros ou não, o que nos leva a analisar o quanto essas alunas são vistas pelo o crivo da interseccionalidade onde elas são observadas primeiro como negras, mulher e depois como mulher negra e caso chegue ao conhecimento do observador elas passam a ser mulher, mulher negra e mulher negra africana.

Podemos refletir com a fala de Alda o quanto esses cursos elitistas não estão preparados para receber a diversidade e não veem em seus espaços como espaços onde a população negra possam estar:

Eles não sabem, principalmente medicina, a professora da aula é bem elitista, ela não está preparada para dar aula para estrangeiros, então eu não sei, pessoas negras já...são assim...daqui do Brasil já é complicado...imagina sei lá estrangeiro, quando eu cheguei aqui eu tive um problema de adaptação, ai eu repeti um ano, um semestre na verdade. (ALDA, 2018)

Titina já aponta que alguns professores são mais compreensivos e entendem o fato da língua ser diferente, de estar sozinha e da dificuldade de ser estrangeira, contudo, outros professores não tem este mesmo olhar e não entendem a dificuldade da língua e os contratempos de se estar em outro país, e a linguagem é um item importante para que este vínculo aluno x universidade se consolide, ela nos relata que:

[...] Eu particularmente não tenho dificuldade com a língua, eu tenho colegas, do Benin, por exemplo e lá eles falam francês e eles tem dificuldade e tem professores que não veem isso, eles simplesmente ignoram essa parte e tem professores que ... que... como posso usar um termo correto meio que subestimam a gente por ser estrangeiro tal por sermos do PEC-G. (TITINA, 2018)

É no ato do diálogo que o encontro com o outro acontece e neste momento onde a fala nos denuncia, diz ao outro que pertencemos a outro lugar. Por vezes me vi estrangeira sempre que alguém com quem entrelaçava o diálogo me pergunta: “Você não é daqui né?”, saber que não sou carioca devido ao meu sotaque paulistano diz ao outro que não sou deste lugar e ele sim.

Ao me encontrar com estas outras mulheres que estão estrangeiras em uma dimensão macro, encontro em suas falas a visão do meu micro estado de estrangeira e Bakhtin (2002, p. 4), descreve este encontro como “a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenas constituem, de fato, a peculiaridade” onde minha voz aqui não se sobrepõe a dessas mulheres mas sou capaz de entender o quanto não estar em seu lugar de origem nos fragiliza. No mundo que a universidade diz acolher muitas vezes em falas como dessa professora, que Titina nos relata, nós os estrangeiros não cabemos.

Como Titina segue nos apontando que uma das professoras generalizou os estrangeiros e ainda os subestimam através da frase quando ela perguntou se estaria liberada para assim agendar a sua viagem e não voltar para a recuperação e a resposta foi: “Ah mas vocês sempre ficam.” Referindo-se que os alunos do PEC-G sempre precisam participar das provas de recuperação de notas. Acabou que ela passou e não precisou retornar.

Conduzir uma nova rotina de estudos em um sistema de ensino diferente do seu habitual é desafiador, portanto é necessário dominar as regras que esta IES nos impõe é o grande estímulo para estas alunas, pois dominando esta ferramenta que é a língua e a linguagem elas compreendem o que por vezes não é dito, Fanon confirma o quanto dominar esta ferramenta é importante:

Um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito. Já se vê aonde queremos chegar: existe na posse da linguagem uma extraordinária potência, Valéry estava consciente disso, fazendo da linguagem o deus de carne desorientado (FANON, 2008, p. 34)

As nossas interlocutoras são lusófonas e ainda assim relatam que escutam os “gracejos” e anedotas de colegas e professores dizendo que elas (as estrangeiras) não compreenderam o que foi dito por não serem brasileiras ou até mesmo que não entendem a matéria por não dominarem o idioma. Mais uma vez nos chama a atenção da necessidade do negro posicionar-se diante da linguagem. E o modo como o “sotaque” dessas mulheres é visto e interpretados. FLOR (2016) nos relata a experiências de alunos do PEC-G na cidade de Lins onde o “sotaque” é um fator que beneficia este estudante, de maneira que as nossas estudante na cidade do Rio de Janeiro vão adaptando e modificando a pronuncia incluindo do próprio nome:

[...] A questão da linguagem, quando eu cheguei também eu tinha que repetir três vezes quando a pessoa não entendia, então tive que me adaptar e também a pronuncia do meu nome tive que mudar um pouquinho, porque nós pronunciamos de um jeito o “J³⁹” e aqui pronunciam de outro[...] (JOSINA, 2018)

Onde o nome é um fator importante no contexto social e na construção do sujeito, agora neste novo processo de adequação sociocultural a forma de pronunciar e ouvir o próprio nome também é alvo de mudanças. Já que o preconceito linguístico é algo intrínseco na sociedade brasileira. Entendido por mim que sou paulista, a cada afirmação que recebo dizendo que não sou natural da cidade até a transformação ao proferir o nome da nossa interlocutora.

Ao me deparar com estas (que pode ser chamado de desabafo, mas vou nomear como denúncias) falas questioneei sobre os conhecimentos que as nossas interlocutoras tinham a respeito do movimento negro estudantil e como elas os veem.

4.5.7 O movimento negro e a questão de gênero para nossas protagonistas:

Tornou-se importante entender como o racismo se constitui no Brasil e como seus alicerces estão bem enraizados nesta sociedade que se diz plural e acolhedora, porém muitas

³⁹ A letra citada corresponde ao pseudônimo que nossa entrevistada escolheu para ser chamada nesta entrevista.

vezes traça como perfil do crime as feições dos jovens negros. A violência ao negro se apresenta de diferentes formas, desde a exclusão social ao extermínio, presente com maior frequência em regiões de destacada vulnerabilidade social, não questionando-o enquanto produção histórica e das condições objetivas de vida (BRASIL, 2007; BRASIL, 2010; BRASIL, 2014).

Ao longo das entrevistas ouvi dessas mulheres, aqui apresentadas, as situações de racismo que as mesmas vivenciaram e principalmente escutei delas a declaração de que determinados atos foram racistas. Sendo unânimes em afirmar que a questão racial não fazia parte da conjuntura social delas, no entanto ao chegar no Brasil temas como violência e racismo passaram a ser abordado por estas alunas, como nos relata Titina *[...]mas você vê que tipo a maioria de mortes e tal são pessoas negras complicado, as vezes dá até medo sabe sei lá não sei o que está acontecendo realmente, tiros no escuro, no caso da Marielle⁴⁰ por exemplo. O medo por ser mulher e negra em território brasileiro é uma preocupação das nossas entrevistadas.*

Dessa forma como não pensar na ação que os movimentos negros estudantis desenvolvem dentro e fora das universidades, como já demonstrado na tabela 9 o baixo percentual de alunos negros no ensino superior no Brasil comparados aos alunos brancos. Entendendo este contexto propício aos racismos e suas variadas faces é que compreendo o papel desses coletivos que tem como fonte o próprio movimento negro de forma abrangente nas bases da sociedade brasileira.

Algumas leis colaboraram para que as histórias e pessoas importantes da construção do movimento negro alcançassem outros jovens, que até então não conheceriam nomes como Carolina Maria de Jesus⁴¹. No ano de 2003, a lei 10.639 é promulgada a fim de tornar obrigatório o ensino da História da África e Cultura Afro-Brasileira Africana nos estabelecimentos da educação básica, alterando a Lei 9.394, LDB-Lei de Diretrizes e Bases, de 20 de dezembro de 1996, e o artigo 26-A foi alterado posteriormente para a Lei 11.645/08 contendo a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura dos Povos Indígenas Brasileiros.

Com estas novas leis, uma conquista dos movimentos negros, essas narrativas passaram a fazer parte do contexto escolar, e os alunos das licenciaturas passaram a ter em seus currículos disciplinas para as relações étnico-raciais e conseqüentemente a história de lutas e conquistas dos movimentos negros foram propagados.

⁴⁰ Nossa entrevista aconteceu no mês seguinte da morte da vereadora Marielle Franco.

⁴¹ Carolina Maria de Jesus foi uma escritora brasileira, conhecida por seu livro Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada publicado em 1960. Carolina de Jesus foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil e é considerada uma das mais importantes escritoras do país

O século XX tem sua história repleta desses exemplos e de pessoas que transformaram gerações, não é o intuito desse trabalho esmiuçar cada uma delas, contudo não podemos deixar de mencionar a Frente Negra Brasileira (1931) com seu periódico a “Voz da Raça” e o seu empenho para alfabetizar crianças, jovens e adultos negros. O Teatro Experimental do Negro (TEN – 1944-1968) um projeto idealizado por Abdias do Nascimento um intelectual que nos deixou um legado extenso, que através da arte colaborou diretamente na valorização da subjetividade do ser negro. Ênfase a criação de vários jornais, revistas e folhetins pelo movimento negro para politizar, conscientizar, denunciar e informar sobre a luta do povo negro frente as discriminações raciais.

Em plena ditadura militar acontece uma manifestação nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, contra à discriminação racial sofrida por quatro garotos do time infantil de voleibol do Clube de Regatas Tietê, e, em resposta a morte de um homem acusado de ter roubado frutas da feira, é nessa luta que nasce o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial – MNU, que leva sua atuação para grande parte do território nacional, contando com a participação de nomes importantes como Lélia Gonzales, Abdias Nascimento, Yedo Ferreira, Amauri Mendes e outros.

As mulheres negras tem um papel fundamental na construção da história do movimento, elas que em sua maioria compõem as organizações, que estavam nas ações no combate à discriminação racial. Mulheres negras, que mesmo sendo vista pela sociedade como base da pirâmide, não são apenas alicerces para o movimento negro, mas também molas propulsoras que colaboraram para o crescimento dos movimentos e das conquistas ao longo dos anos.

Quanto mais os setores conservadores, de direita, os ruralistas e os capitalistas se realinham nas relações sociais e de poder, provocando ainda maiores desigualdades, mais compreendo a força dos movimentos sociais nas lutas emancipatórias e pela democracia. Em especial entendo ainda mais a trajetória de luta do Movimento Negro Brasileiro e a produção engajada da intelectualidade negra como integrantes do pensamento que se coloca contra o processo de colonização[...].
(GOMES, 2018)

Na constante frase que dizemos hoje em 2019 “Uma sobe puxa a outra”⁴² é apenas um reflexo do que foi vivenciado entre as mulheres do movimento negro nas últimas décadas. O evento I Encontro Nacional de Mulheres Negras, realizado em 1988 na cidade de Valença,

⁴² Frase recorrente em manifestos e bandeiras dos movimentos feministas negros.

interior do estado do Rio de Janeiro é um exemplo desse fenômeno, o encontro mobilizou 440 representantes de 19 estados.

Joselina da silva abre o evento dizendo que as mulheres que ali estavam eram mulheres de lutas⁴³, que construíram um legado para o movimento social o encontro colaborou para a visibilidade da luta das mulheres negras em todo território nacional, que entenderam que o feminismo apresentado pelas mulheres brancas não as atendiam e reivindicando seu lugar na sociedade, como relata uma das participantes do encontro:

"No processo de revisão do lugar da mulher negra na sociedade brasileira desencadeada pelos movimentos de mulheres a uma década, a questão da mulher negra passa assim a constituir agentes fundamentais da reconstrução deste país, a partir desta expectativa surge o nosso I Encontro Nacional de Mulheres Negras do país. (VIDEO CULTNE 1988)

Após este evento as ações dessas mulheres elas ganham visibilidade e juntas colaboram ainda mais para o crescimento da luta racial, com esta ação destacamos nomes como Beatriz Nascimento⁴⁴, Azoilda Loreto da Trindade⁴⁵, Pedrina de Deus⁴⁶, Jurema Werneck⁴⁷, Sueli Carneiro⁴⁸, Conceição Evaristo⁴⁹, Joselina Silva⁵⁰ e Nilma Lino Gomes⁵¹ e outras tantas mulheres que lutaram para que ações contra a discriminação racial ganhassem força no país e direitos aos negros também fossem garantidos.

A crescente luta dessas mulheres, dos movimentos negros no Brasil e em diversos países, colaboraram com outras lutas ao redor do globo que garantiram a III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, que resultou no final do encontro a Declaração que se transforma em mais uma ferramenta de extrema importância na luta dos movimentos negros e suas ações no combate à discriminação racial nas diversas estruturas sociais:

⁴³ Frase retirada da fala do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=VLib9atLXW0> 10/07/19

⁴⁴ Historiadora, professora, roteirista, poeta e ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres.

⁴⁵ Ativista da luta contra o racismo e com atuação voltada à educação das relações raciais.

⁴⁶ Sambista, professora universitária e ativista do movimento negro.

⁴⁷ Feminista negra, médica, autora e doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ativista do movimento de mulheres negras brasileiro e dos direitos humanos.

⁴⁸ Filósofa, escritora e ativista antirracismo do movimento social negro brasileiro.

⁴⁹ Escritora e militante do movimento negro.

⁵⁰ Professora Doutora, na UFRRJ e ativista do movimento negro.

⁵¹ Pedagoga, escritora, ativista do movimento negro primeira mulher negra do Brasil a comandar uma universidade pública federal, ao ser nomeada reitora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Plenamente conscientes de que, apesar dos esforços realizados pela comunidade internacional, Governos e autoridades locais, o flagelo do racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata persiste e continua sendo causa de violações dos direitos humanos, sofrimentos, desvantagens e violência, que devem ser combatidos por todos os meios disponíveis e apropriados como questão de prioridade máxima, preferencialmente em cooperação com comunidades atingidas;(DURBAN, 2001)

O racismo se alastra em nossa sociedade é cruel e mata a população negra nos seus direitos e na sua dignidade, entendendo que a necessidade de estar em movimento, para que os jovens negros não seja visto apenas como estatística, uma ora para o crime outra ora como mortos, e nesta luta a face que se apresenta em movimento é da mulher negra, que desenvolve este movimento para um pensamento e empoderamento na luta contra o racismo, já que grande parte de nossa sociedade ainda liga o continente africano apenas aos safares e o trafego negreiro e como uma de nossas entrevistadas nos relata:

Pelo que eu reparei tem muito preconceito aqui, ai então eu acho que isso não é legal, eu fico pensando, imagina eu “cara”, mulher negra e também sou de fora, e se soubessem isso pensariam coisa pior, muita gente pensa você é de África, ai vem aquele pensamento, “África”. África, selva, essas coisas. Tipo assim “cara”, como é possível, a gente já está no século 21 e ainda tem gente que pensa assim. (LURA, 2018)

Estas mulheres, negras, cada uma representando a sua nacionalidade e estudantes agora no contexto da sociedade brasileira elas passam a ser mulheres, mulheres negras e em nosso território nacional as mulheres negras estão sempre no alvo dos ataques e desse modo se torna uma ação de defesa dessas estudantes se agruparem com outras alunas estrangeiras formando uma nova rede de apoio entre si.

Corroboro minha afirmativa que as mulheres negras criam suas redes de apoio (brasileiras ou não) e elas estão na base da pirâmide e movimentam as estruturas dessa sociedade com a frase de Ângela Davis na Universidade Federal da Bahia - UFBA "Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade, se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo"⁵².

⁵² A palestra aconteceu no ano de 2017 na Universidade Federal da Bahia UFBA https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html acessado 10/0719

E compreendendo o quanto essas mulheres modificaram a sociedade e o próprio movimento negro, ao longo dos anos e dessa maneira SILVA (2019) nos afirma que “O movimento negro educa a sociedade e as mulheres negras educam o movimento negro”⁵³, e nas atuações do movimento negro é possível notar ações emancipatórias, além de criatividade para os embates cotidianos que cercam o povo negro.

E desta forma muitos ativistas adentram as universidades e levam a discussão do racismo para salas de aulas e seus escritos, apontando e nomeando as atuações do racismo individual, estrutural, científico e institucional. Segundo GOMES é na inquietude e no movimento que dizemos o quanto somos feridos:

Esse Movimento social indaga a própria história do Brasil e da população negra no país, constrói novos enunciados e instrumentos teóricos, ideológicos, políticos e analíticos para explicar como o racismo brasileiro opera não somente na estrutura do Estado, mas também na vida cotidiana das suas próprias vítimas (GOMES 2017)

Desse modo convido aos leitores a seguirmos na reflexão sobre as ações perversas da discriminação racial, que tombando os companheiros de luta o movimento negro estudantil continua resistindo de existindo para que a sociedade continue se formando e informando através de suas ações.

E foi possível avaliar nos relatos de nossas interlocutoras que mesmo não participando dos núcleos destes movimentos negros estudantis o breve contato com a temática proporcionou a estas mulheres um outro posicionamento mediante a estas ações sofridas estes ataques trouxeram outro entendimento da construção social brasileira para estas estudantes:

Já, as vezes pelos meus próprios colegas, passei por racismo meio despercebido assim, tipo não querem dar logo na cara, tipo...você é negra, ou você é de fora, mas eu entendo algumas coisas. E teve uma vez também que eu estava procurando uma livraria, só que eu não conhecia, estava perdida, não conhecia o Rio de Janeiro ainda, ai eu perguntei para uma senhora, fui falar com ela, só que ela achou que eu ia pedir dinheiro, ai ela olhou para mim e falou, “não, não, não quero saber, sai fora”. E eu fiquei assim “Meu Deus, que isso?” Tipo eu fiquei muito apavorada, mas já passou né? A gente acostuma. (LURA, 2018)

⁵³ Frase dita pela Professora Dra. Joselina da Silva em Porto Alegre no evento de 25 anos da Associação Cultural de Mulheres Negras – ACMUN no dia 14/01/19.

Quando Lura inicia o relato afirmando que os próprios colegas – homens universitários – tiveram com ela ações racistas observamos dois processos de dominação o racismo e o machismo elementos opressores presentes na sociedade brasileira e mesmo estes estudantes homens entendendo este processo não é simples abrir mão dessas práticas é necessário o movimento de refletir e se reconstruir diariamente, para que não aja mais frases finalizadas como a de Lura “a gente acostuma” quando lutamos para ouvir “não aconteceu mais”.

No entanto o racismo e suas vertentes atingem o campo da subjetividade o que nos leva a refletir sobre sua perversidade, compreendendo que estes ataques exigem respostas sociais e individuais e no case de uma das nossas heroínas esta resposta se deu na busca por mais conhecimento:

[...]Eu sei no momento, entendo as pessoas, mas eu não sinto, eu não acho que essa é a minha causa. Está sendo aqui no Brasil, porque no meu país é todo mundo negro, assim tem racismo lá também, gente assim também tem pessoas brancas, não é assim dessa forma, eu acho que no meu país vai sofrer mais o racismo físico, ah...tipo chamar nomes sabe? Mais do que essa coisa do racismo intencional sabe? Quando eu cheguei eu não percebi a ver, mas agora eu, graças ao movimento negro eu posso ver, mas as pessoas negras que eu convivi, na casa onde eu moro, ficou mais fácil assim conversando com elas perceber, mas eu sabia que existia alguma coisa de errado, mas eu não entendia o que era, aí conversando com elas eu fui entender

O conhecimento tem sido a arma mais eficaz na denuncia e combate ao racismo, do mesmo modo que o desconhecimento também é utilizado como ferramenta para a sua manutenção. Quando a universidade que se propõe a receber estes alunos estrangeiros não se compromete com o mesmo afinho em instruir a comunidade acadêmica (corpo docente, discentes e demais funcionários) para receber estes novos alunos causando além do choque cultural e o “estranhamento ao outro” acaba fomentando o preconceito por falta de informações como nos afirma Alda – *Não estão preparados para receber estrangeiros*. Estamos aqui apresentando Instituições de Ensino Superior deste modo nada melhor do que continuar investindo no combate ao racismo no campo das ideias:

Com o combate a nível de idéias (produção de contra-ideologia) vamos dar o passo qualitativo para enfrentar racismo e machismo conscientemente. Combate

que, em primeiro lugar, deve ser preparado na reflexão em grupos. Em segundo lugar, atuando nas organizações e em terceiro lugar, no processo de transformação da sociedade, preparado e exercido pela maioria explorada (DEUS, 1987a).

É necessário que o movimento negro continue ocupando os espaços da academia como se fez necessário para uma das nossas interlocutoras entender este movimento mesmo com a compreensão de não ser sua causa porém se tornou tema a ser aprendido desde que chegara a universidade, o conhecimento então se transforma a cada vez que precisamos ir a luta já que a mobilização acontece quando pessoas em determinado contexto sócio histórico e se unem em prol de avanços sociais e como estes movimentos tornam-se pontos de acolhimento:

Tem um movimento negro na enfermagem, só que é muito recente, até me chamaram para fazer parte, mas ainda não entrei, assim, muito a fundo nesse grupo, mas, eu acho muito interessante toda a causa, eu gosto, eu gosto de ouvir, eu gosto de ver as lutas, eu gosto de acompanhar, estar presente e tal e eu acho muito interessante ter isso na enfermagem, mesmo que eu não esteja totalmente integrada, mas assim, eu acho muito interessante porque você vem de fora e muitas vezes, assim, a maioria dos estudantes do PEGC são negros eu tenho quase certeza, e a gente não vai falar que não tem o racismo, têm, a gente sofre preconceito sim as vezes, principalmente quando percebem que a gente vem da África, vem toda aquela história relacionada a isso, então, eu acho muito interessante o movimento negro, eu apoio e acho que isso é meio que assim, para a gente se sentir mais em casa, mais acolhido.(CESÁRIA, 2018)

Compreendemos assim que mesmo não tendo como ponto de pauta a questão racial passa a ser debatido por estas alunas que passam a compreender o debate contra o racismo a partir da sua própria experiência e através do contato com estes movimentos a perspectiva sobre o assunto passa pela compreensão cultural e social.

É que eu não tenho muito o que comprara, porque eu vim de um país que o pessoal é negro, só tem negros no meu país, existe brancos de outros países, mas é muito raro assim...não tem muito essa questão de racismo, foi uma coisa que eu cheguei e eu tive um choque de realidade quando eu cheguei aqui, que eu vi que existia essa distinção em movimento negro, por causa de várias...por causa de racismo mesmo, eles já perderam muitas oportunidades pela cor, por ser negro e tal, então eu acho que é...eu acho muito bom isso, o pessoal lutar pelos seus direitos, lutar por uma igualdade social. Eu acho muito bom, importante. (NZINGA, 2019)

Acreditamos, no entanto, que lançar um foco atento às falas presentes das experiências de nossas protagonista corrobora a importância do movimento negro nestes espaços e para a

luta antirracista, colaborar para que estas ações estruturantes sejam eliminadas é uma tarefa árdua e evidenciada por estas mulheres negras e estrangeiras de tal modo que ainda nos leva a refletir sobre os avanços no cotidiano dessa luta.

4.5.8 Os desafios de ser estrangeira:

Quando me preparei para iniciar as entrevistas, durante o caminho indo de encontro a cada nova entrevistada ficava relembando os meus desafios quando cheguei no Rio para fixar residência, o choque cultural que enfrentei a dificuldade de locomoção e entender como funciona a cidade como um todo, cada cidade é um organismo vivo com suas complexidades e particularidades São Paulo e Rio de Janeiro são cidades próximas e completamente diferentes e neste processo tive minhas dores.

Ao ouvir os relatos sobre dificuldades com a linguagem, moradia, transporte, os casos de racismo sofridos em todas as esferas eu mesma poderia neste texto enumerar os desafios enfrentados por nossas heroínas já que a mudança delas não se tratava apenas de cidades e sim de continente. Contudo não me permitiu este lugar de dizer por elas e novamente o diálogo prevaleceu em nossos encontros quando me permitiu perguntar e partilhar sobre os meus desafios e ouvir sobre o delas.

E para minha surpresa alguns itens acima não foram citados, novos temas apareceram o que me leva a compreender que em uma pesquisa mesmo quando muito já lhe foi dito o outro continua a nos dizer sobre suas experiências e o seu olhar sobre cada novo questionamento. Alda ressalta sobre a chegada na universidade, pois é tratada como se fosse mais uma aluna do Brasil, o que ela não é. E isso se tornou uma dificuldade:

Eu acho que...o lugar que eu exploro mais é a faculdade, e acho que eu já até já falei, a faculdade não está preparada para receber estrangeiro, o que torna um pouco difícil no começo, eu cheguei eu não tinha a noção de nada do Brasil, foi um choque sabe? Eu não sei ser atirada, lá na faculdade, com pessoas, sei lá...não sei como te explicar, me colocaram em uma turma me trataram como igual, mas eu não era igual sabe? E foi muito difícil no começo a adaptação, eu descobri sozinha e tal, como é que eram as coisas, a universidade criou o programa, mas não tá preparada para receber desde os colegas, desde os professores, não tem ninguém preparado. (ALDA, 2018)

Lura diz que teve sua própria dificuldade em focar no estudo, que foi perguntado se havia dificuldade com a língua, mas que era mais a falta de foco onde a mesma relata da necessidade que teve de entender no seu próprio tempo a mudança do ensino médio para a universidade. Mesmo com a mudança de país ela precisou passar por este período de adaptação pessoal:

[...] Então sabe aquela coisa de você está no ensino médio e você não estuda, mas você tira nota boa, só que eu não conhecia a realidade, então eu passei a fazer a mesma coisa e quando eu comecei a estudar, eu me dei conta que eu não sabia de nada ai a minha nota era muito baixa, então eu ia para monitoria, só que, assim, porque os monitores achavam que eu tinha dificuldade de falar e eu falava “não, eu falo português”, só que isso não entrava na cabeça deles entendeu? Ai eu me dei conta que “tipo” eu preciso focar, porque senão, não vai ter como, eu posso ser eliminada do programa, isso acontece. (LURA, 2018)

E novamente o encontro foi possível nesta fala de Lura me vi refletida em suas palavras e este processo de compreensão cognitiva não acontece de forma automática cada estudante tem o seu próprio processo de adaptação da vida acadêmica e sendo importante passar por este entendimento e dinâmica da nova vida dentro da universidade e suas cobranças indiretas.

Sara coloca a distância da família, amigos - mais uma vez observei uma parcela de mim - e a renovação do visto [...] *Não gostei da Policia Federal, todo ano a gente tem que ir lá renovar o visto e o pessoal de lá é muito grosso, cara, não ajuda em nada, só atrapalha, então acho que seria isso*[...] o que nos faz refletir mais uma vez sobre os entrelaces do racismo institucional, me levando a questionar se um estudante norte americano ou do continente europeu recebem este mesmo tratamento. Cesária também colocou a língua e a dificuldade pela sua área da saúde mesmo a se adaptar com a saúde pública, pois no país dela não há esse modelo:

[...] o SUS é uma coisa diferente para a gente, porque a gente não tem o SUS em Cabo Verde, então a gente tem hospital público, tem hospital privado, mas é tão pequenininho a nossa ilha que a gente sempre sabe onde ir e tal, a gente está passando mal a gente tem sempre uma referência [...] alguns alunos que vem de Cabo Verde, tem a bolsa de lá do governo, quem tem a bolsa de lá do governo as vezes é privilegiado com plano de saúde, que eles fazem um contrato assim com plano de saúde com a Golden, ai tem plano de saúde, ai facilita algumas coisas, mas tem muitos que vem que não tem planos de saúde, que não tem a bolsa, não é vinculado com nada, só é vinculado com o PEGG mesmo e também não tem a bolsa

ou tem muitos que vem que tem a bolsa e até hoje não receberam o plano de saúde [...] (CESÁRIA, 2018)

A saúde pública em nosso o estado está precarizada mas infelizmente o município do Rio de Janeiro enfrenta seus agravantes nos últimos dois anos, e como apresentado aqui nesta pesquisa as universidades públicas que estão abertas para receber o intercambio não estão preparadas para atender estes alunos, a rede de saúde que é a primeira rede a receber as denúncias de racismo institucional, segundo Lopes a população negra brasileira é vítima desse sistema de saúde:

Se relacionarmos o conceito de racismo institucional com o de vulnerabilidade, particularmente na sua dimensão programática, evidencia-se uma continuidade de raciocínio ao se pensarem mecanismos e condições institucionais para “fazer viver” e “deixar morrer” determinados segmentos da população, em conformidade com uma biopolítica. Nesse sentido, o fato de o racismo institucional se tornar objeto de reflexões acadêmicas articuladas a mobilizações da sociedade civil põe em evidência estratégias contemporâneas de intervenção sobre a existência coletiva em nome da vida e da morte, que atingem, diferencialmente, populações do ponto de vista racial. Ao mesmo tempo, visibiliza modos de subjetivação em relação a discursos de verdade que, historicamente, vêm racializando indivíduos. Esses sujeitos passam hoje a definir sua cidadania em termos de seus direitos à vida e à saúde. (LOPES, 2012)

Compreendendo o descuidado com a saúde da população negra brasileira, a indagação de nossa entrevistada nos faz refletir ainda mais sobre a situação das alunas estrangeiras em nosso país, pois a vida dessas alunas está para além dos muros da universidade e muitos chegam ao Brasil com recursos limitados e deste modo passam a usar o Sistema Único de Saúde, deste modo a preocupação de Cesária com os companheiros em território brasileiro toma destaque [...] *então assim acho que tem dificuldade, nesse quesito de onde encontrar onde fica essa porta de entrada, [...] a maior dificuldade é saber onde ir, quem buscar? Sabe.* Desse modo volto a trazer a questão da acolhida para estes alunos informações como estas questionadas a cima poderiam ser passadas nas primeiras semanas por uma equipe vinculada a universidades para receber os novos estudantes, colocando em pauta as demais dificuldades de se estar em um novo país.

[...] Para além disso se encontrar em uma cidade grande, porque a gente aqui no Rio de Janeiro quando chega, é jogado assim numa cidade grande e você tem que se encontrar, é como assim, você aprende a andar de novo, porque você tem

que saber pra onde ir, que ônibus pegar, ou como fazer e tal, eu acho que essas são as maiores dificuldades. (CESÁRIA, 2018)

Proponho aqui está reflexão sobre a chegada dos novos alunos ao Brasil, estes alunos não necessitam de serem tutorados, no entanto eles precisam ser orientados como novos moradores da região e pessoas que estarão circulando pelo meio acadêmico e social.

Sara nos traz que, para ela, a maior dificuldade foi com a Polícia Federal e ficar longe da família “*Renovar o visto, foi a dificuldade, sentir saudade da família que está longe, é isso.*” Já que sua adaptação no alojamento estudantil se deu de forma tranquila e a mesma pontua que fez bom amigos na cidade e este fator colaborou diretamente para o seu bem-estar. Titina coloca a dificuldade do local para moradia e a burocracia para cumprir as exigências dos locatários e os valores para depósito do aluguel.

Inácia diz a distância de conhecidos e adaptação ao método de ensino “*A maior dificuldade que eu encontrei foi na faculdade a adaptação ao método de ensino do Brasil*”, as alunas Nzinda e Josina citaram a língua, dificuldade de pronuncia e na universidade diz que alguns professores falam rápido e ela precisava rever a matéria procurando e estudando de outras formas.

[...] Apesar de a Angola falar português, nosso português é mais voltado para o português de Portugal, ai tinha algumas coisas que é muito diferente, tipo, xícara a gente chama chávena, ai quando a pessoa falava “me dá essa xícara”, eu “xícara, o que que é xícara?” então tinha essas desavenças de português, então foi difícil no início, fui me adaptando aos poucos, tem que falar, o meu sotaque era totalmente diferente[...] (NZINGA, 2019)

Tanto para Nzinga que é angolana quanto para Josina que é moçambicana a língua foi pontuada como fator de dificuldade, contudo seria a questão de adaptação dos significados de algumas palavras e costumes locais, diferenças essas e eu senti e me vi refletida na fala de Josina:

No começo é meio esquisito, falar assim, também tem coisas que você se expressa, e que as pessoas falam, mas aqui é o Brasil, como se você tem que fazer assim porque você está no Brasil (risos) Já tiveram casos desse, você se expressa mal, mas eu sempre falei assim, não mas aqui você está no Brasil, tem que começar a falar brasileiro, então não sei...tá (risos). Eu já faço assim, quando a pessoa fala que não é bolacha e sim biscoito, eu pergunto, se não quer, é só deixar, você

escolhe, o meu pacote é bolacha, o seu biscoito eu não quero...(risos). (JOSINA, 2018)

E novamente fui refletida na fala da minha protagonista moçambicana e que compreendeu minha essência paulistana e ali falando das dificuldades de ser estrangeira novamente eu não me vi como brasileira e ela moçambicana éramos apenas duas não cariocas rindo e questionando sobre as diferenças linguísticas dessa cidade, já não havia ali um oceano entre nós, apenas um “pacote de bolacha” e muita risada. E quanto a ela vivi minhas dificuldades em compreender os professores e seus diálogos próprios e em proporções maiores Nzinga também se viu perdida em sala de aula e foi nos mesmos recursos que encontramos caminhos para nos adaptar e estudar:

Foi difícil no início, ainda mais quando tinha um professor que falava muito rápido, eu não conseguia entender nada, eu tinha que chegar em casa, assistir vídeo aula no youtube e estudar muito, ler muito livro, para assim poder entender, e eu tinha assim...um grupo de estudo, na minha turma e aí o pessoal marcava de estudar, estudava, o pessoal ficava me explicando as coisas com mais calma.

As dificuldades são muitas para as nossas protagonistas, a língua - no começo - apesar da dificuldade é uma questão de adaptação, mas o ser tratado igual como coloca Alda mostra-se ineficaz, elas necessitam ser vistas em suas especificidades e compreendidas como estudantes estrangeiras, não querem ser favorecidas ou menosprezadas, porém é preciso sim um outro olhar para os meses iniciais desses alunos recém chegados ao Brasil. Por que é visível o apoio que precisam em quesitos básicos, como moradia quando não há alojamento na universidade, a saúde como exposto por Cesária que são pontos que poderiam ser melhorados no programa ou exigidos.

5. CONCLUSÕES

Entrego aqui uma parcela da minha contribuição do construir ciência e educação neste país. Sim, sigo acreditando ainda mais que fazer pesquisa nas grandes áreas de humanidades é sim fazer ciência, e neste momento socio histórico e emblemático que no país atravessa no qual finalizo este trabalho é necessário continuar repetindo e repetindo que racismo é crime sim e suas demais variações perversas também.

E esta pesquisa se construiu a partir do olhar das estudantes vinculadas ao PEC-G, que escolheram o Brasil para estudar e como o fato de serem estrangeiras foi determinante na nova rotina e nas trajetórias educacionais das discentes beneficiárias do Programa nas IES públicas no Rio de Janeiro, ouvir estas mulheres e também entender o lugar ocupado por elas, nesta nossa dinâmica social, se configura como um ato político, social e educacional, já que ao retornarem aos seus países estes laços podem ser estreitados. Entendendo que este acordo de cooperação educacional envolve interesses econômicos entre os países.

Concluo este processo e destaco como ponto primordial dessa experiência o encontro com essas mulheres incríveis que me emocionaram durante todo o processo da pesquisa, suas vozes ainda ecoam em mim. Este trabalho foi uma grande experiência que eu tive sendo primeiro aluna de graduação e mestrado vivenciando o cotidiano dos corredores das universidades públicas e sendo eu não pertencente a esta cidade, encontrei diferentes entraves e por situações não imaginadas e ainda sim relato a vocês que chorei ao ouvir muito do que foi partilhado aqui e tantas outras falas que não caberiam nesta pesquisa.

Não haveria forma melhor de dar rosto aos relatos aqui analisados, do que os rostos de grandes heroínas e com grande simbologia para cada uma dessas mulheres. Antes de começar a fazer o trabalho e escolher o tema, a conversa com a professora Joselina da Silva, que foi minha orientadora e grande incentivadora neste processo que sugeriu esta árdua de ouvir e relatar os inúmeros casos de racismo institucional ainda tão presente em nossas universidades públicas. Compreender que estas IES não são imaculadas nossas instituições de ensino são reflexo do pensamento social que se inicia no campo do indivíduo ganha apoio no coletivo e por vezes é legitimado por ações institucionalizadas.

Dei a sugestão do tema e ela aprovou, sem esquecer que antes também havia falado com o Professor Fernando Oliveira Paulino sobre o tema e ele também havia me sugerido falar sobre os estudantes africanos em Brasília. Assim, o tema permaneceu o mesmo do pré-projeto. Foi muito bom ter escolhido fazer algo relacionado à África, sendo uma estudante africana na Universidade de Brasília (UnB). Muitos dos meus colegas não sabem o que é exatamente a África; muitos pensam que África é exatamente um país só. Também optei em fazer este trabalho porque já senti preconceito. Como por exemplo, quando cheguei ao Brasil com uma amiga e precisávamos alugar um apartamento; a imobiliária não aceitou alugar para nós porque éramos africanas. Estes e outros fatos me levaram a fazer este documentário.

Inicialmente as entrevistada me fizeram entender a importância de se estudar no ensino fundamental e médio a história da África, o que pode parecer simplório dizer isso nesta etapa, contudo ainda vejo muitos de nós chegam ao ensino superior com a dificuldade de

visualizar e verbalizar sobre o assunto, até mesmo com a dificuldade de enxergar a África como um continente com diversos países, que dirá entender a pluralidade de culturas e línguas, pasmem muitos dos meus colegas não sabem o que é exatamente a África; muitos pensam que África é exatamente um país só. Triste saber que só temos acesso a este conhecimento, no meio acadêmico e que por vezes este conhecimento fica preso a ele.

Quando amigos universitários perguntam sobre minha pesquisa e relato as informações sobre o PEC-G mesmo alguns estudando com pessoas de países africanos o desconhecimento sobre o programa é nítido nas falas, é para eliminar o máximo possível do espanto dos alunos brasileiros ao ouvirem falar de estudantes africanos nas universidades públicas do Rio de Janeiro que me dediquei a esta pesquisa e que os casos de racismo nestas instituições seja visco como abominável por todos.

Os confrontos e os conflitos surgidos logo na chegada ao Brasil, o contato com as diferenças de práticas de ensino, de língua, de sociabilidade, a questão racial e as expectativas de como seria esta nova vida em um território desconhecido, tudo isso fez parte de uma construção das identidades dessas estudantes, para si mesmas, para o povo brasileiro quando sua nacionalidade é apagada passando a ser apenas africana, para esta pesquisa e até mesmo uma nova identidade para o retorno para casa. É no contexto das universidades que nossas protagonistas vindas de países do continente africanos de língua portuguesa repensam sua posição no mundo.

Desse modo é necessário cada vez mais compreender, não somente a noção de diversidade, mas de diferença étnico racial, para que não se mascare mais o racismo chamando de intolerância. A presença africana na sociedade brasileira é uma realidade em todas as esferas e que já acontece a algumas décadas nas IES e ao longo dessa pesquisa vocês foram capazes de observar que nestes mesmos espaços produtores de conhecimento a falta de informação é a ferramenta mais utilizada na manutenção dos preconceitos.

É preciso tensionar, do ponto de vista empírico, os valores morais e as hierarquias culturais na medida em que desloca as cultura e tradições de lugares de privilégios para que mais alunos negros brasileiros ou não ocupem estas vagas e não se tornem alvos do simplório discurso celebrativos da diversidade e da pluralidade, mas uma realidade da nossa sociedade que é composta por sua maioria negra e que deseja ser representada nos locais de poder social.

A presença dos estudantes africanos nos ambientes universitários acaba evidenciando ainda mais a discriminação racial existente em nossa sociedade.

Acredita-se que a presença deles acaba por si só evidenciando a necessidade de se falar da diferença no espaço universitário. Estamos familiarizados com a diferença, com as barreiras sociais entre negros e brancos, mas quando nos deparamos com negros estrangeiros, novos questionamentos são suscitados e nos possibilitam não só repensar e refletir sobre a relação com os negros africanos, mas sim com toda a nossa diversidade existente no espaço universitário.

Ao longo dessa dissertação busquei apresentar de forma específica a experiência das estudantes vinculadas ao programa PEC-G nas universidades públicas e na sociedade brasileira. Compreendendo que ao enunciarem-se como mulheres negras e africanas, as estudantes agenciam e negociam um conjunto de representações, afirmam diferenças e promovem processos de identificação entre si e entre a comunidade acadêmica que as recebem, e nas falas delas percebemos como tratamos nossos estudantes negros e os estudantes negros estrangeiros.

Entender o processo histórico da construção desse programa em nosso país é fundamental para entender as relações entre o Brasil e os demais países que fazem parte do Programa e como ao longo das últimas décadas estas relações se estreitaram através da educação, e como este tem sido o principal canal para as políticas internacionais.

E com o crescente número de estudantes a partir dos anos 2000 o PEC-G ganhou outro olhar nas universidades e dos pesquisadores esse estudo procurou contemplar aspectos que dizem respeito tanto ao ingresso do estudante no Programa, ainda no seu país de origem, quanto os que definem sua condição de aluna na vida acadêmica dentro da universidade e cercam sua sobrevivência na cidade e no país e como as questões raciais perpassam por essas interações sociais do cotidiano dentro e fora da universidade.

Desse modo, compreendendo que este processo de construção aqui expostas o PEC-G nos faz entender melhor os acordos entre Brasil – África e como este programa ao longo dos anos é uma ferramenta importante nos fortalecimentos das relações educacionais e culturais dos dois lados do Atlântico e como uma possível ferramenta para embasamento das leis de políticas públicas para que mais negros ocupem as universidades.

Os convênios estabelecidos pelos países aqui representados por nossas protagonistas contribuíram decisivamente para aquilo que é o ensino superior nas relações exteriores, o Brasil ganha visibilidade ao abrir suas universidades e influência

do sistema educativo brasileiro é notável nestes países, contudo ainda precisamos avançar internamente há muito no que melhorar como relatado por nossas entrevistadas.

Ressalta-se que a ação dos gestores (na figura de alguns funcionários pontuados por nossas entrevistadas) e das pessoas que conduzem e atuam junto as nossas protagonistas (e aos demais alunos) PEC-G que é fundamental para que elas tenham mais informação, melhor acolhimento e menos dificuldades em sua adaptação e no decorrer do curso de graduação.

Contudo não há como negar a contribuição dada pelo Brasil no processo de formação dos alunos africanos no ensino superior que é significativo. A cooperação brasileira aparece em todos os momentos deste processo, desde o primeiro instante em que o Brasil optou pela cooperação internacional, como no momento da criação do Programa PEC-G em seus moldes atuais, e continua sendo requisitada em outras áreas de estudos, sendo tema da investigação científica e ponto de pauta na avaliação do ensino superior.

Pensar neste modo de vida que estas alunas vinculadas ao PEC-G e suas relações socioculturais em território carioca colaborou para observação da manifestação do racismo estrutural nas universidades públicas do Rio de Janeiro, como observado e descrito o racismo institucional faz parte da formação histórica do nosso país e negar sua existência não foi um modo de apaga-lo e sim uma ferramenta para sua propagação.

A universidade como instituição pública não está fora das teias do racismo, que atua no cotidiano acadêmicos, os relatos das alunas entrevistadas nos mostram como suas ações estão absorvidas e naturalizadas e o olhar dessas mulheres estrangeiras nos mostra o quanto essas ações estão diretamente ligadas ao racismo.

Apresentamos este debate que para muitos é impensável o racismo atuar de forma tão severa e excludente e através de instituições de ensino, conforme apresentamos aqui ao longo do texto estas ações são reflexos dessa sociedade que ainda tem na sua base o racismo como principal ferramenta de manutenção de poder já que o racismo institucional também é disseminado no cotidiano.

Como vimos nos primeiros relatos aqui apresentados das mulheres entrevistadas as suas falas permitiu reflexões sobre a luta diária dessas alunas para sua permanência nas instituições de ensino e na rotina social, já que a vida do

cotidiano como moradia, trabalho, mobilidade e cuidados com a saúde não estão dissociados da rotina acadêmica e todos os seus percalços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural?. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018

AMARAL, Joana de Barros. Atravessando o Atlântico: o Programa Estudante Convênio de Graduação e a cooperação educacional brasileira. Brasília-DF. 2013. 145 p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação) – Centro de Estudos Avançados (CEAM), Universidade de Brasília (UnB), Brasília-DF, 2013.

ARRUTI, José Maurício. Mocambo: antropologia e história no processo de formação quilombola. Bauru, São Paulo, Edusc, 2006.

BARDARÖ, Marcelo. Escravizados e livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca. Editora Bom texto, 2009

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: Estética da Criação Verbal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. cap. p. 279-326.

_____. Problemas da Poética de Dostoiévski. 3. ed. Traduzido por Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BENEDITO, Mouzar. Luiz Gama: O libertador de escravos e sua mãe libertária, Luiza Mahin.

1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2006.

BRASIL. Decreto nº 4.875, de 11 de novembro de 2003. Institui o Projeto Milton Santos de Acesso ao Ensino. [Diário Oficial da União], Brasília, DF, 12 nov. 2003. Acesso em: 13/08/2018.

_____. Decreto nº 7.948, de 12 de março de 2013. Dispõe sobre o Programa de EstudantesConvênio de Graduação - PEC-G. [Diário Oficial da União], Brasília, DF, 13 mar. 2013. Acesso em: 14/08/2018.

_____. Decreto nº 55.613, de 20 de janeiro de 1965. Torna obrigatório o registro de estudantes estrangeiros beneficiários de Convênios Culturais (estudantesconvênios) e dá outras providências. [Diário Oficial da União], Brasília, DF, 20 jan. 1965. Acesso em: 14/08/2018.

BRASIL (2015). MRE. Divisão de Temas Educacionais. Histórico do PEC-PG. Publicado em [<http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico.php#tab4>]. Disponibilidade: 18/05/2019.

BRASIL. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. SEPPPIR: Brasília, 2007.

_____. Estatuto da Igualdade Racial. SEPPPIR: Brasília, 2010.

_____. Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial 2014. Brasília, 2014.

DEUS, Pedrina de. Para que serve racismo e machismo? *Maioria Falante*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, jul./ago. 1987a.

CARVALHO, José Carlos de Paula. Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas. *Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, v. 1 p. 181-182, ago. 1997.

DIAS, Maria Lucia de Oliveira. Avaliação do programa de estudantes convênio de graduação PEC-G: o olhar dos alunos da UNIRIO / Maria Lucia de Oliveira Dias. - 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra. In: _____ (Org.). Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica vol (1). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

EDUCAÇÃO. Ministério da. Manual do Programa de Estudantes – Convênio de Graduação. Brasília. Secretaria de Educação Superior, 2000

EDUCAÇÃO. Ministério da. PEC – G. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/PEC.pdf>> Acessado em 10/08/2018.

FANON. F. Pele negra, máscaras brancas. EDUFBA. 2008.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978, v. 1.

FERREIRA, Gabriela Nunes; FERNANDES, Maria Fernanda Lombardi; REIS, Rossana Rocha. "O Brasil em 1889": um país para consumo externo. Lua Nova: Revista de Cultura e Política ISSN 0102-6445 Lua Nova no.81 São Paulo 2010

FLOR, Cauê Gomes. Da racialização a etnicização : a construção de um complexo posicionar-se / Cauê Gomes Flor. -- São Carlos : UFSCar, 2016. 120 p.

_____. O conceito de diáspora africana como argumento para descentrar a identidade negra - Revista Ambivalências V.5 • N.9 • p. 148 – 171 • Jan-Jun/2017 ISSN 2318-3888 • DOI: 10.21665/2318-3888.v5n9p148-171

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social / Antônio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

GILROY, P. O Atlântico Negro. Editora 34 Ltda. 2002.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. África e Brasil no mundo acadêmico: diálogos cruzados. Colóquio Saber e Poder. Focus/Unicamp, 2008. Disponível em <http://migre.me/umzF3>. Acesso em 22 de novembro de 2019.

HASENBALG, Carlos: Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Graal 1979.

MUNANGA, Kabengele fala sobre História da Diáspora Africana. África Brasil: Histórias cruzadas. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BDKzWSouaqo&feature=youtu.be>>. Acesso em: 16/11/2016

LÓPEZ, L.C. O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, v.16, n.40, p.121-34, jan./mar. 2012.

MICHAELIS. Dicionário da Língua Portuguesa: Acolhimento. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=xR2v>> Acesso em: 06/11/2019.

MORAES, Fabiana. No país do racismo institucional: dez anos de ações do GT Racismo no MPPE / Fabiana Moraes; Coordenação Assessoria Ministerial de Comunicação Social do MPPE, Grupo de Trabalho sobre Discriminação Racial do MPPE - GT Racismo. -- Recife: Procuradoria Geral de Justiça, 2013.

MORAIS, Oziel Duarte, 1983- A cooperação bilateral entre Brasil e Cabo Verde: Uma análise a partir dos convênios no ensino superior/ Oziel Duarte Moraes – Campinas, SP: [s.n.], 2013.

MOURÃO, Daniele Ellery. Outros atlânticos: reconfigurações identitárias de estudantes cabo-verdianos em trânsito entre Cabo Verde, Portugal e Brasil/ Daniele Ellery Mourão. – 2013. 237 f.

MUNANGA, Kabengele, GOMES, Nilma Lino. O negro no Brasil de hoje. São Paulo: Global, 2006

O LÁ E O AQUI. Documentário. Direção de Sandro Lopes. Rio de Janeiro; Seminário da Universidade Gama Filho em Mar/2018. 2017

ONU. Declaração e Plano de Ação da III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2002.

PINSKY, Jaime. A escravidão no Brasil (17a ed. rev. e ampl.). São Paulo; 2000

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin: Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra; Pesqui. prá. psicossociais vol.9 no.2 São João del-Rei dez. 2014

PODOLESKI, Onete da Silva: Lei de Terras de 1850; Revista Santa Catarina em História - Florianópolis - UFSC – Brasil ISSN 1984- 3968, v.1, n.2, 2009

ROSA, Alessandra. Quando a Eugenia se distancia do Saneamento: as idéias de Renato Kehl e Octávio Domingues no Boletim de Eugenia (1929-1933)/ Alessandra Rosa. - Rio de Janeiro: 2005. 126f. ; 30cm. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, 2005. Bibliografia: f.119-126.

RUFINO, Alzira; IRACI, Nilza; PEREIRA, Maria Rosa. Mulher Negra tem história: Rainha Nzinga. Santos, 1987. Disponível em: Acesso em: 03/11/ 2019.

SANTOS, Gevanilda. Relações raciais e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2009

SANTOS, Joel Rufino dos. O Movimento Negro e a Crise Brasileira. Revista de Política Administração. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p.287-307, jul./set. 1985.

SANTOS, Luiz Carlos dos. A presença negra no Brasil. In: Curso Educação Africanidades Brasil. Brasília: MEC, 2006

SANTOS, Ricardo Augusto dos. “Quem é bom já nasce feito? Uma leitura do Eugenismo de Renato Kehl”. Revista Intellectus/ ano 4 vol. II - 2005.

SANTOS, Luiz Carlos dos. A presença negra no Brasil. In: Curso Educação Africanidades Brasil. Brasília: MEC, 2006.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. A eugenia brasileira e suas conexões internacionais: uma análise a partir das controvérsias entre Renato Kehl e Edgard Roquette-Pinto, 1920-1930. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.23, supl., dez. 2016, p.93-110.

THEODORO, M. As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil : 120 anos após a abolição / Mário Theodoro (org.), Luciana Jaccoud, Rafael Osório, Sergei Soares . – Brasília : Ipea, 2008.

VINUTO, Juliana. A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas (UNICAMP)*, v. 44, p. 201-218, 2015.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. DOI 10.1590/S0104-129020162610 *Saúde Soc. São Paulo*, v.25, n.3, p. 534 – 549 2016.

APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS DAS ALUNAS DO PEC-G

A) APRESENTAÇÃO:

- 1- Nome:
- 2- Idade:
- 3- Nacionalidade:

B) O PROGRAMA PEC-G

- 1- Como se deu a escolha por estudar no Brasil?
- 2- Como conheceu o programa PEC-G?
- 3- Como foi a escolha do Curso?
- 4- Em que momento você escolheu a cidade do Rio de Janeiro para estudar?
- 5- Como foi o processo de escolha da universidade para estudar?
- 6- Como foi o seu processo seletivo para a entrada na universidade pelo programa PEC-G?
- 7- Tem algum apoio financeiro ou bolsa do programa?

C) UNIVERSIDADE

- 1- Como foi sua chegada na universidade?
- 2- A quanto tempo é aluna do programa PEC-G
- 3- A universidade oferece algum tipo de acolhimento para os alunos do programa PEC-G?

- 4- Como é a relação dos professores do seu curso com as alunas do programa PEC-G?
- 5- Como é a relação dos colegas de turma com as alunas do programa PEC-G?
- 6- Como é a relação da universidade com as alunas do programa PEC-G?
- 7- A universidade oferece alguma forma de apoio para os alunos recém-chegados?
- 8- A universidade oferece auxílio durante o período do curso para as alunas do programa PEC-G?
- 9- Como você vê o movimento negro no Brasil?
- 10- Conhece ou participa de algum movimento negro?

D) CIDADE:

- 1- Onde você reside atualmente?
- 2- Como foi a sua adaptação na cidade?
- 3- O que mais gostou no Rio de Janeiro?
- 4- O que menos gostou no Rio de Janeiro?
- 5- Teve oportunidade de conhecer outras cidades? Como foi sua experiência?
- 6- O que achou da culinária Brasileira?
- 7- Como é a relação com os brasileiros?
- 8- Como é a relação com os alunos de outros países da África?
- 9- Como é a relação com os homens do seu país?
- 10- Como é a relação com os homens brasileiros?
- 11- O que você acha que se assemelha entre o Brasil e o seu país?
- 12- Quais foram as dificuldades que você encontrou por ser estrangeira?
- 13- Outras mulheres da sua família estudaram fora do seu país?
- 14- Como é para sua Família você estudar em outro país?